UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA DO CARMO SOARES COSTA DA SILVA

INCLUSÃO E DEFICIÊNCIA:
EM BUSCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA MÍDIA IMPRESSA EM NATAL/RN

NATAL/RN
2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

MARIA DO CARMO SOARES COSTA DA SILVA

INCLUSÃO E DEFICIÊNCIA: EM BUSCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA MÍDIA IMPRESSA EM NATAL/RN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de doutora em educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Rosário de Fátima de Carvalho

Co-orientador: Prof. Dr. Horácio Accioly Júnior

NATAL/RN
2007

Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA
Divisão de Serviços Técnicos

Silva, Maria do Carmo Soares Costa da.
Inclusão e deficiência: em busca das representações sociais na mídia impressa em Natal/RN. / Maria do Carmo Soares Costa da Silva. - Natal, 2007.
180 f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Rosário de Fatia de Carvalho.
Co-orientador: Prof. Dr. Horácio Accioly Júnior.
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Educação – Tese. 2. Mídia impressa – Tese. 3. Inclusão – Tese. 4. Deficiência – Tese. 5. Representações sociais – Tese. I. Carvalho, Maria do Rosário de Fátima de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA CDU 376 (043.3)

MARIA DO CARMO SOARES COSTA DA SILVA

INCLUSÃO E DEFICIÊNCIA:
EM BUSCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA MÍDIA IMPRESSA EM NATAL/RN

Aprovada em 13 de julho de 2007.

Banca Examinadora

Profa. Drª. Ana Lúcia Assunção Aragão
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Drª. Maria Teresa Eglér Mantoan
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. José Pires
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Drª. Marileide Maria de Melo
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Drª. Erika dos Reis Gusmão Andrade
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Suplente

Profa. Drª. Maria das Graças B. Borges Dias
Universidade Federal do Pernambuco
Suplente

Orientadora: Profa. Drª. Maria do Rosário de Fátima de Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Co-orientadora: Prof. Dr. Horácio Accioly Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

DEDICATÓRIA

Para minhas filhas e netas Tatiana, mãe de Maria Eduarda, Renata, mãe de Lissa Lin e Michelle. Razão da minha vida. E a Gilmar companheiro de 27 anos de dedicação, carinho e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a “DEUS” por colocar no meu caminho os professores, em especial, Rosário Carvalho e Horácio Accioly, orientadora e co-orientador deste trabalho. Aos examinadores pela dedicação em conhecer esta Tese e contribuir para o meu crescimento em prol da causa que abracei: *uma sociedade mais justa e igualitária para todos.*

Agradeço a “DEUS” pelos amigos, amigas... foram tantos, tantas que expressaram seu carinho, em especial, a Fafá também pelo compartilhamento no saber.

Agradeço a “DEUS” por Gustavo pela paciência nos ensinamentos do processo da informática.

Agradeço a “DEUS” pela minha irmã - mãe - Consuêlo que me ajudou a conduzir, com sua sabedoria nata, esta pesquisa.

Agradeço a “DEUS” por Beto Guedes e Ronaldo Bastos pela composição da canção “O sal da terra” trilha sonora que caminhou, ao longo deste estudo, comigo.

Anda, quero te dizer nenhum segredo
Falo nesse chão da nossa casa
Vem que tá na hora de arrumar
Tempo, quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante [...]

Agradeço a “DEUS”, por fim, pela minha vida, pela minha força de luta e pela família que constitui.

Todas as pessoas que se dispõem no mundo acadêmico ou da pesquisa, a estudar esse tema como eu, sonham em vencer o desafio do individualismo dominante que permeia a nossa sociedade, pelo desejo de “estar junto do outro”.

Maria do Carmo Soares Costa Silva

RESUMO

Esta tese é o resultado de uma exaustiva pesquisa sobre o discurso circulante veiculado na mídia impressa no período de 1992 a 2002 nos jornais Diário de Natal/ O Poti e Tribuna do Norte, sobre a inclusão das pessoas com deficiência. A partir dos questionamentos que moveram Moscovici (1978) na sua clássica obra “La Psychalyse – son image et son public” de que a mídia tem papel preponderante na formação e veiculação das representações sociais e na edificação de condutas humanas, elegemos esse meio midiático como campo investigativo. Compreendendo a importância da teoria da comunicação, buscamos fazer sua articulação com as representações sociais, uma vez que “a comunicação, como aspiração, remete ao fundamento de toda a humanidade” (WOLTON, 2004, p. 56), e ainda a comunicação representa um espaço importante de produção simbólica e de processo representacional para análise dos discursos circulantes sobre inclusão e deficiência. Baseada nestas questões, determinamos nosso objetivo de conhecer as representações sociais compartilhadas na mídia impressa sobre o assunto. Este objetivo foi construído em face da temática da deficiência e inclusão ser um discurso jornalístico escasso e esporádico. As questões de pesquisa foram: qual a representação sobre a situação das pessoas com deficiência, no meio de comunicação mídia impressa? Que alterações ocorreram no período analisado e qual o papel da mídia impressa neste processo? O corpus da pesquisa foi constituído de matérias jornalísticas sobre a questão da deficiência, em seus vários aspectos e de associação livre de palavras com jornalistas. As análises foram: 1) a linguagem gráfica proporcionada pelo quadro das matérias veiculadas no período; 2) a associação livre de palavras aplicada com os jornalistas dos dois jornais; e 3) os textos dos anos de 1996 e 1997 pelo programa informatizado ALCESTE (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Textos). Os resultados revelaram que a mídia impressa de Natal/RN apresenta a questão de forma descontínua e que depende de eventos específicos para dar visibilidade à luta das pessoas com deficiência em relação aos seus direitos. A inclusão é ainda um grande desafio para essas pessoas em todos os níveis. Consideramos que a incapacidade de romper obstáculos de toda ordem e natureza se estabelece numa relação dialética entre a sociedade e a mídia: a sociedade silencia (a manifestação de interesse pela causa só atrai atenção de algumas pessoas ou grupos) e a mídia que intermedia as informações geradas nas práticas dos acontecimentos sociais, não dá visibilidade à questão. Essa representação revela-se na ausência de regularidade de matérias alusivas ao assunto, bem como na alusão preferencial ao esporte, uma dimensão valorizada pelas mídias. Uma implicação desse estudo é a abertura de uma nova visão para análise e reflexão, qual seja: as paraolimpíadas enquanto fenômeno social de segregação e inclusão. Belo seria estarmos juntos!

PALAVRAS-CHAVES: Inclusão. Deficiência. Representações Sociais. Comunicação. Mídia Impressa.

ABSTRACT

This thesis is the result of an extensive research on print media discourse on the inclusion of disabled people in society. Articles published in the newspapers “Diário de Natal/O Poti” and “Tribuna do Norte” from 1992 to 2002 have been analyzed. Beginning with the very same questions that moved Moscovici (1978) in his classic study “La Psychalyse – son image et son public”, according to which the media play a predominant role in the formation and propagation of social representations as well as in the construction of human behaviors, we have chosen this mass media as our investigation field. Understanding the importance of the communication theory, we intend to associate it to the social representation theory, since “communication, as an aspiration, relates to the fundamentals of all humanity” (WOLTON, 2004, p. 56). Moreover, means of communication represent an important space for symbolic production and representational process, allowing the analysis of the circulating discourses on social inclusion and disability. Based on these questions, we have determined social representations present in print media on the subject to be our study object. This objective was elected due to the fact that the thematic of disability and inclusion is scarcely and sporadically found in journalistic speech. The research questions have been: which is the representation of disabled people’s condition in print media? What changes have occurred during the analyzed period and which was the role played by print media in this process? The research corpus was composed of newspaper articles about various aspects concerning disability and of free word association by reporters. We have analysed: 1) graphical language promoted by the picture of the substances propagated in the period from 1992 a 2002; 2) free word association experiments carried out with reporters of both newspapers; and 3) texts published from 1996 to 1997 using the high-tech program ALCESTE (Contextual Lexical Analysis of a Set of Segments of Texts). The results revealed that the print media in Natal/RN refer to the topic in a discontinuous way, and depend on specific events to highlight disabled people’s fight for their rights. Social inclusion is still a great challenge for these people in all levels. We believe that this incapacity to overcome all kinds of obstacles is established in a dialectic relation between society and the media: society remains silent (the manifestation of interest for the cause only attracts some people’s or groups’ attention) and the media, which selects which information is to be broadcasted, gives no evidence to the issue. This representation may be noticed in the infrequency in which articles about the subject are published, as well as in the emphasis to sports, a more important issue for the media. An implication of this study is that a new perspective is opened for analysis and reflection: the Paralympics games as both an inclusive and a segregating social phenomenon. It would be beautiful to have all of us together!

KEY WORDS: Inclusion. Disability. Social Representations. Communication. Print media.

RESUMEN

Esta tesis es el resultado de una exhaustiva encuesta a respecto del discurso presentado en los jornales en los años de 1992 hasta 2002 más precisamente en los periódicos Diário de Natal/ O Poti y Tribuna do Norte, bajo la inclusión de las personas minusválidas. Partiendo de los cuestionamientos presentados por Moscovici (1978) en su obra cumbre "La Psychalyse – son image et son public" de que los medios de comunicación tienen un papel preponderante en la formación y vehiculación de las representaciones sociales y en la edificación de conductas humanas, elegimos ese medio de información como campo investigativo. Comprendiendo la importancia de la teoría de la comunicación, buscamos por su articulación frente a las representaciones sociales, una vez que "la comunicación, como aspiración, remite al fundamento de toda la humanidad" (WOLTON, 2004, p. 56), y más, la comunicación representa un espacio importante de producción simbólica y del proceso de la representación para análisis de los discursos circulantes acerca de la inclusión y minusvalía. Basada en estas cuestiones, determinamos nuestro objetivo de conocer las representaciones sociales compartidas en los medios de comunicación impresa a respecto de ese asunto. Este objetivo fue planeado teniendo en cuenta que la temática de la minusvalía e inclusión es un discurso periodístico escaso y esporádico. Las cuestiones de encuesta fueran: ¿cual es la representación sobre la situación de las personas con minusvalía, en los medios de comunicación impresa? ¿Que alteraciones ocurrieran en el período analizado y cual fue el papel de los medios de comunicación impresa en este proceso? El corpus de la encuesta fue construido de materias periodísticas acerca de la cuestión de la minusvalía, en sus múltiples aspectos y de la asociación libre de palabras de los periodistas. Las análisis son: 1) el lenguaje gráfico propuesto por el panorama de las materias vehiculadas en el período; 2) La asociación libre de palabras aplicada por los periodistas en dos periódicos y 3) los textos delos años de 1996 y 1997 por el programa informatizado ALCESTE (Análisis Lexical Contextual de un Conjunto de Segmentos de Textos). Los resultados revelaran que los medios de comunicación impresa de Natal/RN presentan la cuestión de forma discontinua y que necesita de eventos específicos para dar visibilidad a la lucha de las personas con minusvalía en relación a sus derechos. La inclusión es aun un gran desafío para esas personas en todos los niveles. Consideramos que la incapacidad de romper obstáculos de toda orden y naturaleza se establece en una relación dialéctica frente a la sociedad y los medios de comunicación: la sociedad silencia (la manifestación de interese por la causa solo atrae atención de algunas personas o grupos) y los medios de comunicación que proponen las informaciones generadas en las practicas de los acontecimientos sociales, no presenta visibilidad a la cuestión. Esa representación se propone en la ausencia de regularidad de materias alusivas al asunto, así como en la referencia preferencial al deporte, una dimensión valorizada por los medios de comunicación. Una implicación de ese estudio es la abertura de una nueva mirada para analizar e reflexionar cual sea: las paraolimpíadas como fenómeno social de segregación e inclusión. ¡Maravilloso sería estarnos juntos!

palabras-clave: Inclusión. Minusvalía. Representaciones Sociales. Comunicación. Medios de comunicación Impresa.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Matérias veiculadas no Diário de Natal e Tribuna do Norte	69
QUADRO 2	Quantitativos dos temas	72
QUADRO 3	Descrição do perfil dos jornalistas	76
QUADRO 4	Categorização das palavras evocadas: DN/O Poti "Deficiência"	79
QUADRO 5	Categorização das palavras evocadas: DN/O Poti "Inclusão"	82
QUADRO 6	Categorização das palavras evocadas: TN "Deficiência"	86
QUADRO 7	Categorização das palavras evocadas: TN "Inclusão"	87
QUADRO 8	Quantidade de textos analisados nos anos de 1996 e 1997	96

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1	Prefeita de Natal assinando a Lei de Acessibilidade Arquitetônica	66
IMAGEM 2	Sustento - Moacir dos Santos é pedinte desde os dois anos de idade	91
IMAGEM 3	Acesso **–** Cadeirantes esbarram na falta de estrutura	92
IMAGEM 4	Referências - Os cegos utilizam os outros sentidos para poder andar pelas ruas, sempre com a ajuda do uso da bengala	92
IMAGEM 5	Acessibilidade	134
IMAGEM 6	Acessibilidade	135
IMAGEM 7	Acessibilidade	135
IMAGEM 8	Clodoaldo Silva	154
IMAGEM 9	Jogos paraolímpicos	158

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Anos de Pico: 1996 e 1997	70
GRÁFICO 2	Temas Abordados	71
GRÁFICO 3	Quantidade de temas abordados	72
GRÁFICO 4	Sem quebra de rotina	73
GRÁFICO 5	Projeção das classes – textos TN/96	99
GRÁFICO 6	Projeção das classes – textos TN/96: sentidos revelados	104
GRÁFICO 7	Projeção das classes – textos TN/97	105
GRÁFICO 8	Projeção das classes – textos TN/97: sentidos revelados	111
GRÁFICO 9	Projeção das classes – textos DN/96	113
GRÁFICO 10	Projeção das classes – textos DN/96: sentidos revelados	119
GRÁFICO 11	Projeção das classes – textos DN/97	122
GRÁFICO 12	Projeção das classes – textos DN/97: sentidos revelados	128

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Evocações e freqüências de palavras Diário de Natal/O Poti - Estimulo indutor: Deficiência	80
TABELA 2	Evocações e freqüências de palavras Diário de Natal/O Poti - Estimulo indutor: Inclusão	82
TABELA 3	Evocações e freqüências de palavras Tribuna do Norte - Estimulo indutor: Deficiência	86
TABELA 4	Evocações e freqüências de palavras Tribuna do Norte - Estimulo indutor: Inclusão	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....14
2 DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO: UM PERCURSO HISTÓRICO.....23
2.1 EXEMPLOS DE SUPERAÇÃO DE LIMITES.....27
2.2 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL.....29
2.3 ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE DEFICIÊNCIA NO BRASIL.....34
3 APORTES TEÓRICOS: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A COMUNICAÇÃO SOCIAL.....40
3.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....40
3.2 COMUNICAÇÃO SOCIAL.....46
4 A ESCOLHA DA NOTÍCIA.....49
5 METODOLOGIA: O CAMINHO DA PESQUISA.....66
5.1 LINGUAGEM GRÁFICA.....69
5.2 ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS.....75
5.2.1 Diário de Natal/ O Poti.....78
5.2.2 Tribuna do Norte.....85
5.3. ANÁLISE LÉXICA POR CONTEXTO DE UM CONJUNTO DE SEGMENTOS DE TEXTOS – ALCESTE.....96
6 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS.....130
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....145
REFERÊNCIAS.....161
ANEXOS..... 166
Anexo 1 – Associação livre de palavras: Diário de Natal/ O Poti e Tribuna do Norte (com respectivos jornalistas)
Anexo 2 – Correspondência 1: Comitê Paraolímpico Brasileiro
Anexo 3 – Correspondência 2: Comitê Paraolímpico Brasileiro

1 INTRODUÇÃO

Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana.
(Emílio Rousseau)

A inclusão da pessoa com deficiência[1] na sociedade é hoje uma necessidade urgente decorrente dos preceitos democráticos de justiça e dignidade. De acordo com os preceitos, as pessoas com deficiência devem ter acesso garantido ao conjunto das políticas públicas e à inclusão social, ou seja, elas devem ser vistas como cidadãs, participantes e construtoras de uma sociedade para todos. Entretanto, a temática da deficiência ainda não é considerada uma questão de todos; no máximo, um problema de alguns núcleos familiares. Essas famílias devem aceitar o "fardo" de lidar por tempo indeterminado com um parente próximo que não enxerga, não ouve, não anda, ou não consegue aprender a ler, a fazer contas, como a maioria da população que teve acesso à escola.

Segundo Canziani (1994), nos deparamos constantemente com os *pré-conceitos* oriundos da desinformação que muitas vezes levam a sociedade a subestimar a potencialidade e a capacidade das pessoas, gerando discriminação, preconceitos e estigmas que retratam as atitudes do entorno social. Esta situação sinaliza, de acordo com a autora, para a necessidade de superação das barreiras ideológicas e práticas que limitam o ser humano a condições apriorísticas, que tomam o indivíduo apenas pela deficiência que apresenta, imobilizando-o em sua vocação e capacidade de ressignificar o mundo. A diversidade humana ainda é vista particularmente no que se refere às pessoas com deficiência, pela noção de que uma só característica, no caso a deficiência, resumiria a condição humana do indivíduo. Entretanto, a convivência com a diversidade proporciona maior possibilidade de desenvolvimento em todos os campos, além de propiciar a administração das diferenças no exercício das relações interpessoais, aspecto esse fundamental da democracia e da cidadania.

Este trabalho tenta provocar e suscitar maior interesse e maior reflexão sobre a situação das pessoas com deficiência, a partir do enfoque no meio de comunicação

[1] Optamos por utilizar nesse estudo a terminologia "pessoa com deficiência", por entendermos como Veiga (2001), que a pessoa não **porta** uma deficiência**,** não carrega provisoriamente como uma bolsa, mas tem uma deficiência real.

mídia impressa, discutindo seu papel na construção de significados através das palavras que propagam idéias, crenças e imagens, provocando sensações e pré-disposições que se manifestam em condutas e discursos nos grupos sociais.

É de consenso que a mídia é um dos instrumentos sociais responsáveis pelas transformações das linguagens e dos esquemas perceptivos do campo intelectual humano, que interferem na formação de conceitos, crenças, valores e atitudes. A mídia surge para estabelecer vínculos e ligações necessárias entre práticas sociais diversas. Ela circunscreve campos simbólicos, desenha uma nova territorialidade, propaga ideologias, torna pública a vida pública e enquadra a vida cotidiana, ou seja, *a sociedade é seu assunto***.**

Aproximando a deficiência do contexto midiático, convém ressaltarmos que a mídia é elemento constituinte do imaginário da sociedade, nesse aspecto Baczko (1985, p. 313) afirma que a "influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão".

Para o autor a veiculação dos discursos midiáticos concorre para a formação de imagens, idéias e opiniões garantido atingir em uma escala até então desconhecida, um público amplo e diversificado. Ou seja, a informação veiculada estimula a imaginação e, por conseqüência, gerando as mais diversas representações sobre as pessoas com deficiência.

Convém sublinharmos que a mídia, em todas as suas formas de expressões, se nutre de palavras, de imagens, de formas, constituindo um fluxo ininterrupto de informações que circulam nos espaços das relações sociais, construindo sentidos, significados e estereótipos.

Nesse sentido, segundo Ribas (1985), todo o indivíduo que "foge" das normas e regras (pré) estabelecidas poderá ser estigmatizado; mas o estigma não está no sujeito ou na deficiência que ele apresenta, e sim nos valores culturais estabelecidos pela sociedade que, categorizando as pessoas que escapam aos padrões de normalização, aferem-lhes determinados *rótulos sociais*. Ou seja, o estigma é antes de tudo, uma construção afetiva, uma manifestação social dos sentimentos e noções que permeiam o grupo e o sujeito nas reações com o meio. Essa realidade, por si só, justifica o interesse pela temática. Entretanto, algo pessoal motivou-nos mais ainda.

Ao longo da nossa trajetória profissional, desde a época em que exercíamos a função de professora itinerante de alunos com deficiência, na rede pública estadual,

em Natal (RN) e, posteriormente, à frente da Coordenadoria para Integração da Pessoa com Deficiência - CORDE/RN, durante sete anos, questionávamos sobre as contribuições da mídia para a inclusão social das pessoas com deficiência. Essa questão, associada à carência de estudos específicos na área, nos levou à realização do I e II Seminários "Mídia e Deficiência", respectivamente em 1996 e 1997[2]. A seguir, entre 1998 e 1999, fizemos estudos teóricos e práticos sobre a Integração de Pessoas com Deficiência[3] e ingressamos no curso de Comunicação Social da UFRN – habilitação em jornalismo.

Os referidos estudos, em nível de "máster", foram desenvolvidos sobre esta temática da imprensa frente à pessoa com deficiência, a partir de uma visão social das mesmas. Assim sendo, analisamos as atitudes dos jornalistas nos seus condicionamentos culturais, cujos valores que transmitem socialmente são apenas inferíveis pelos textos veiculados. Naquela ocasião, apreendemos que as atitudes estão para os comportamentos, assim como os preconceitos estão para os estereótipos. O que é o preconceito, senão uma atitude favorável ou desfavorável, anterior a qualquer conhecimento? O que é o estereótipo, senão um produto qualitativo baseado no preconceito e acima de qualquer experiência pessoal? Segundo Amaral (1994), os estereótipos da deficiência são permeados de preconceito, como por exemplo: o deficiente é mau, é vilão, é revoltado. Por outro lado, deficiente é bom, herói e conformado.

Em resumo, este paralelo conceitual entre atitudes e preconceitos, comportamentos e estereótipos nos guiavam na direção de que as atitudes da mídia impressa são importantes para inclusão social: se negativas, veiculam prejuízo para inclusão das pessoas com deficiência; se piegas e paternalistas também prejudicam, por serem igualmente estereotipadas.

Uma vez estabelecido esse pressuposto teórico, faz-se necessário observar a classificação da Organização Mundial da Saúde – OMS, publicada em 1981, que

---

[2] O I e o II Seminário "Mídia e Deficiência" foram promovidos pela Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência-CORDE/RN e realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte no período de 29 e 30 de outubro de 1996 e 30 e 31 de outubro de 1997, respectivamente. O evento contou com jornalistas tais como: Pedro Bial, Caco Barcelos, Rosa Maria, Caio Túlio Costa entre outros, além do escritor Marcelo Rubens Paiva e o dramaturgo Alcione Araújo.

[3] O estudo sobre "A Integração de Pessoas com Deficiência" foi realizado na Universidade de Salamanca-Espanha, em nível de Master **en Integración de Personas con Discapacidad: Habilitación y Reabilitación** no período de 1998 e 1999, culminando com a dissertação intitulada: "A imprensa em Natal, Rio Grande do Norte, frente à pessoa portadora de deficiência", tendo como orientador o Prof. Dr. Antonio Aguado.

esclarece a diferenciação entre os casos de pessoas com impedimento, deficiência e incapacidade. O termo Impedimento caracteriza sujeitos com danos ou lesões de ordem psicológica ou anatômica em órgão ou estrutura do seu corpo. Já a palavra deficiência, refere-se à restrição na execução de uma atividade. Incapacidade traduz os obstáculos encontrados pelas pessoas com deficiência para sua integração social, compatível com sua idade, sexo e aspectos sócios culturais. (RIBAS, 2007).

Daquelas reflexões, trouxemos para o doutoramento o desafio de investigar o discurso circulante veiculado pela mídia impressa sobre “inclusão” e “deficiência”, buscando apreender as representações sociais dos escritos jornalísticos, nos jornais Tribuna do Norte e Diário de Natal/O Poti durante o período 1992 e 2002. Enfatizando agora, o campo midiático, como sendo de fundamental importância para a construção de representações, a partir do enfoque defendido por Moscovici (1978), associado à teoria da comunicação social, particularmente, ao pensamento de Wolton (2004). Esta é uma questão de grande relevância para a realidade brasileira que, mesmo não tendo sido afetada por duas grandes guerras mundiais, entre nós a deficiência tem caráter mais permanente e, portanto assustador, pois se deve à nutrição inadequada de mães e crianças, ocasionando ocorrências anormais pré-natais, peri-natais, doenças infecciosas e acidentes. Além do mais, o Brasil registra altos índices de acidentes de trânsito e de trabalho, além do aumento da violência urbana e quantidade dos usuários de drogas. Se olharmos estes aspectos a partir do déficit educacional, veremos que tudo se potencializa e se agrava pela falta de maiores esclarecimentos das pessoas e pela deficiência do próprio Estado na informação e prevenção.

Pelo exposto, torna-se evidente que estamos retomando para a presente pesquisa o estudo da imagem social de deficiência, na medida em que cada imagem requer uma representação social. Neste sentido, é do nosso interesse identificar quais representações estão subjacentes a tais imagens, pois uma imagem não se constrói no vazio, mas expressa conceitos e preconceitos sobre os fatos e fenômenos sociais. Uma imagem, portanto, é bem mais que sua aparência; esconde e anuncia, através da linguagem que comunica, os sentidos que maneja e deixa conduzir.

Nesse estudo, tomamos a imagem social como uma ilustração consensuada socialmente, pois resulta de representações da realidade, para além desta. A

imagem negativa das pessoas com deficiência são indícios da representação estereotipada sobre as mesmas.

Contudo, as nossas inquietações e interrogações continuam presentes e com um desafio a mais, aliado ao conceito de uma sociedade inclusiva para TODOS, que converge para a globalização, com quebra de barreiras, especificamente a da exclusão social. A exemplo disso, em janeiro de 2004, foi celebrado o Congresso Internacional sobre Dignidade e Direitos da Pessoa com Deficiência. Em sua homenagem, o Papa João Paulo II disse em seu discurso[4]:

> O ponto de partida para a reflexão sobre a deficiência está enraizado nas persuasões fundamentais da antropologia cristã: a pessoa com deficiência, também quando está ferida na mente ou nas suas capacidades sensitivas e intelectivas é sujeito plenamente humano, com os direitos sagrados e inalienáveis próprios de cada ser humano.

Os poucos estudos acerca da relação mídia - deficiência - sociedade inclusiva, motivaram-nos cada vez mais à pesquisa, em busca de compreender esta atuação da mídia. Os referidos estudos estão analisados no tópico 1.4 deste documento. Esforçamo-nos na busca, fundamentados nas teorias das representações sociais e da comunicação social, que explicitassem os caminhos trilhados. O que sinaliza? A valorização da pessoa como ser humano, e não uma possível diferença que ela apresenta? Sobre esse aspecto, citamos Ribas (1995, p.2): “Todo mundo tendo a oportunidade de olhar para o que é diferente no outro e... gostar! [...]”.

Nesta perspectiva, traçamos como objetivo do estudo analisar o discurso circulante veiculado pela mídia impressa, sobre inclusão e deficiência, buscando apreender as representações sociais dos escritos jornalísticos.

O nosso estudo foi construído a partir dos mesmos questionamentos que moveram Moscovici (1978) na sua clássica obra “La Psychanalyse – son image et son public”. As representações sociais, segundo o teórico, seriam “um sistema de interpretação da realidade, estruturando as relações do indivíduo com o mundo e orientando suas condutas e comportamentos no contexto social”. Corroborando com Moscovici, Abric (1998, p. 64), chama representações sociais de “produto e processo de uma atividade mental por intermédio da qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real com o qual é confrontado e lhe atribui um significado especial”.

---

[4] CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE DIGNIDADE E DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, em janeiro de 2004, Roma - Itália.

Neste estudo, portanto, falamos de representações sociais imbricadas com a comunicação, ressaltando que esta só se estabelece quando compartilhamos determinadas representações e ela se torna objeto de interesse e de interação social. As idéias destes autores nos instigaram, face à similaridade com o nosso objeto de estudo, *Inclusão e deficiência: em busca de representações sociais na mídia impressa de Natal/RN,* a eleger essa mídia para a investigação. Com advoga Noblat, (2003, p. 17), o mais importante é [...] fazer jornalismo com independência e que tome partido da sociedade [...], Além do mais como observa, ainda Noblat, (2003, p. 21):

> [...] Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Ou seja, um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência [...].

Estas considerações reforçam, ainda mais, a nossa escolha por este sistema de comunicação, e como ele aborda uma questão tão importante para a sociedade quanto a educação, a pesquisa, a cidade, a ciência e a saúde.

Objetivando oferecer uma visão geral desta tese, apresentamos a seguir, de forma sucinta, o caminho que percorremos na organização deste estudo.

a) No capítulo I, tendo como objetivo analisar a “Inclusão e deficiência: em busca de representações sociais na mídia impressa de Natal/RN,” apresentamos, inicialmente, a visão histórica da deficiência, partindo da Antigüidade clássica até os dias atuais, como forma de historiar o processo de construção das representações sociais, ou seja, resgatando e evidenciando a dimensão simbólica deste objeto no percurso histórico. Finalizamos o capítulo com as pesquisas já realizadas no Brasil sobre essa temática, disponíveis no portal da CAPES.

b) No capítulo II, desenvolvemos a articulação teórica entre as representações sócias e a comunicação, na perspectiva de Moscovici e Wolton, respectivamente. Esta postura implica, necessariamente, falar dos processos de formação das representações sociais na confluência com a mídia impressa.

Concordando com Moscovici (1978) que é no processo comunicacional que as representações sociais são geradas e expressas, buscamos, também, as idéias de Wagner (1998), acerca da sociogênese das representações sociais. De acordo com este autor, as representações sociais se distinguem a partir de suas origens e destinações, razão pela qual a sociogênese é fundamental para caracterizar o presente estudo e elucidar o nosso percurso de análise.

c) No capítulo III, reconhecendo o papel que a mídia impressa - jornal - tem exercido na formação de representações e a necessidade de compreender como se processa a seleção da notícia a ser veiculada e lida, buscamos investigar como jornal, jornalistas e leitores fazem a referida filtragem, e quais os critérios de seleção das mesmas. Ou seja, fazemos nesse terceiro capítulo, uma reflexão dialética entre a sociedade e o jornal.

d) No capítulo IV, discorremos sobre o percurso metodológico, o caminho vivenciado ao longo da pesquisa. Primeiramente, buscamos apresentar os caminhos percorridos para a seleção dos textos veiculados nos jornais como *corpus* de análise e, em função da especificidade do objeto, foi necessário um segundo procedimento: a aplicação da técnica de Associação Livre de Palavras com os jornalistas do Diário de Natal/O Poti e da Tribuna do Norte, com objetivo de conhecer suas percepções, suas idéias sobre inclusão e deficiência e um terceiro através do programa ALCESTE (Análise Léxica por Contexto de um Conjunto de Segmentos de Texto), que analisa os conteúdos dos textos nos anos de “pico”, 1996 e 1997, como um campo de consagração do período proposto neste estudo.

e) No capítulo V, buscamos apresentar a pesquisa de campo, no qual dialogamos com os referenciais teóricos e metodológicos que subsidiaram este estudo. Apresentamos neste sentido, uma análise quantitativa do processo de difusão da notícia no período estudado. Notoriamente no período investigado, os dados evidenciam uma quebra de rotina - 1996 e

1997 - apontando para a fragmentação do discurso da mídia impressa em relação a essa temporalidade histórica. Analisamos ainda, as falas dos jornalistas e percebemos que os sentidos atribuídos à inclusão e à deficiência se aproximam de uma consciência crítica que são silenciadas pelo "poder" exercido pelo jornal como instituição social, que não reflete a subjetividade dos jornalistas. O poder simbólico está na instituição, que se pauta naquilo que "ela" delimita, a partir dos seus interesses. De acordo com Durkheim (1970), *a instituição se constitui como um poder autônomo*, ou seja, ela esquadrinha o que deve e o que não deve ser dito.

f) Nas considerações finais, destacamos as representações sociais de inclusão e deficiência veiculadas pela mídia impressa, procurando identificá-las com o tipo de "estruturas e eventos específicos", segundo a sociogênese de Wagner (1998). Tal característica se insinua na irregularidade das matérias veiculadas no período investigado; conforme o quadro e os gráficos demonstra-se, uma sazonalidade de interesse e evidência social e institucional pela causa. Ou seja, este estudo mostra que a visibilidade da temática coincide com os anos de 1996 e 1997, conseqüência da grande mobilização social que os eventos específicos representaram na época.

2 DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO – UM PERCURSO HISTÓRICO

> Anda, quero te dizer nenhum segredo. Falo desse chão, da nossa casa. Vem que tá na hora de arrumar. Tempo, quero viver mais duzentos anos. Quero não ferir meu semelhante. Nem por isso quero me ferir. Vamos precisar de todo mundo. Pra banir do mundo a opressão. Para construir a vida nova [...] (Beto Guedes).

A sociedade em todas as culturas passou por diversas fases no que se refere às praticas sociais. Em relação às pessoas com deficiência, começou praticando o extermínio e a exclusão social. Em seguida, desenvolveu o atendimento segregado dentro de instituições. E, num processo longo, passou a lutar pela integração e, posteriormente pela inclusão social, buscando modificar os sistemas sociais gerais, adaptando-os às necessidades dos cidadãos tidos como "diferentes" (MAZZOTA,1987).

Em relação às atitudes sociais, segundo atesta Pessoti (1984), sabemos que na Antigüidade Clássica, em Esparta e outras sociedades voltadas, principalmente para a guerra, a lei impunha o sacrifício de crianças com deficiência física ou mental, consideradas sub-humanas. A responsabilidade pelo extermínio e ou abandono cabia, quase sempre, às próprias mães. Tudo isso em prol dos ideais estéticos, segundo o modelo grego de homem: belo, forte e inteligente. Esse procedimento era aceito por pensadores e filósofos de grande proeminência, como Platão e Aristóteles. Para Aristóteles, não só os portadores de deficiência, mas até mesmo os filhos excedentes, podiam ser expostos à morte, em nome do equilíbrio demográfico. Aqueles considerados insanos ou loucos eram abandonados no mar, nas denominadas "Naus dos Insensatos".

Em todos os momentos da história da humanidade, as pessoas com deficiência foram alvos de comportamentos e reações distintas e contraditórias de exclusão e integração, conforme os diferentes contextos da sociedade. Esses comportamentos foram mudando de acordo com as transformações sociais, as descobertas científicas e tecnológicas e as mudanças culturais e econômicas ocorridas.

O advento do Cristianismo desempenhou um papel decisivo ao promover a valorização do ser humano e o direito à vida. Esse humanismo cristão, tolerante e complacente com a deficiência, gerou grande avanço ao instituir a caridade como instrumento para assistir àqueles que, temporariamente ou não, estivessem impedidos de prover o próprio sustento. Porém, dos escassos recursos mobilizados para esse fim, era também reduzido o número de pessoas com deficiência que sobrevivia até idade mais avançada, face à elevada mortalidade infantil e a limitada expectativa média de vida.

Ao longo da Idade Média é que estes seres começam a ser vistos como pessoas, passando a ser considerados como filhos de Deus, sendo confiados às igrejas e aos conventos, onde eram “protegidos”, mas, ao mesmo tempo, isolados socialmente.

Até o Iluminismo, a igualdade de status moral ou teológico não correspondeu a uma igualdade civil, de direitos. Somente no século XIII surgiu a primeira instituição para “abrigar” pessoas com deficiência mental, em uma colônia agrícola da Bélgica (DICKERSON, 1981, apud PESSOTTI, op. cit.).

No século seguinte, o rei Eduardo II, da Inglaterra, baixou a primeira lei quanto à sobrevivência e defesa do patrimônio das pessoas com deficiência mental, a Prerrogativa Regis, datada de 1325 (séc. XIV), sem se preocupar, no entanto, com aqueles que não possuíam recursos materiais.

No século XV, a Inquisição condenou à morte na fogueira, os chamados hereges. Eram considerados hereges, entre outros, os loucos, os adivinhos e pessoas com deficiência. O preconceito da Igreja se manifestava de forma clara e contundente, evidenciando a contradição existente. Para o clero, a deficiência ofendia a Deus, era uma heresia. Ainda no mesmo século (1484) é editado o “Malleus Maleficarum”, denominado também de “Martelo das Bruxas”, livro de caça aos feiticeiros, adivinhos, criaturas bizarras ou de hábitos estranhos, escrito por dois dominicanos, que foi reeditado muitas vezes, posteriormente. Esse manual assevera

que essas criaturas estabeleciam tráfico real com Satanás e com as forças das trevas (PESSOTTI, op. cit.).

No século XVI, Philipus Paracelsus e Jerônimo Cardano, dois médicos e alquimistas de alta reputação, com incursões em conhecimento da filosofia e matemática, relacionaram a deficiência mental com a doença, traumatismo ou vitimização de forças sobre-humanas, cósmicas ou não, considerando aquelas pessoas com deficiência como dignas de tratamento e complacência e, não, de castigo e exorcismo, como então era apregoado pela Igreja Católica.

Embora ainda profundamente influenciada pelo misticismo, a visão de Philipus Parcelsus (1493 - 1541) sobre a deficiência mental, registrada em sua obra **"**Sobre as doenças que privam o homem", editada em 1567 após a sua morte, representa a primeira visão médica conhecida sobre a questão da insanidade, envolvendo nesse contexto a deficiência mental. Sua abordagem foi reforçada por Cardano (1501-1576) que se preocupou com a educação, no sentido de recuperação dessas pessoas.

Nesse mesmo século, os jesuítas desenvolveram pequenos sistemas para permitir a locomoção para pessoas com problemas de deficiências motoras. O próprio padre José de Anchieta tem escritos sobre sua deficiência motora.

No século XVIII aparece uma alternativa para a solução do problema da deficiência. A Europa já aprendera, na Idade Média, a enfrentar a lepra epidêmica e devastadora, construindo hospitais (leprosários / hospícios) e essa era a alternativa para o novo momento. Paracelsus, Cardano e o filósofo John Locke, preocupados com a educação, embora, sem experiência prática, supunham que as pessoas portadoras de deficiência podiam ser treinadas ou educadas, que aprendiam e tinham direitos a isso. Em decorrência disso, homens de pensamento e educadores já começavam a reconhecer que elas não podiam ser punidas nem abandonadas. A solução encontrada passou a ser, no entanto, a segregação nos asilos ou leprosários. Assim, passa a existir a segregação que livra os governos, a sociedade e as famílias da presença dessas pessoas, vistas como improdutivas, agressivas, dependentes, como um fardo pesado para a sociedade.

Seguindo o relato de Pessoti (1984), podemos destacar que em 1797 Jean Itard, (médico que se destacou pelas descobertas no campo da fala e da audição, na França, atuando do Instituto Imperial dos Surdos-Mudos), recebeu a guarda de um menino capturado na floresta e que vivia há 12 anos como selvagem (o qual se

tornou conhecido como Victor de L'Aveyron, ou "O Selvagem de Aveyron"). Essa criança foi diagnosticada pelo médico Pinel como radicalmente incapaz de aprendizagem, como "*indivíduo desprovido de recursos intelectuais por deficiência mental essencial e não fruto das privações pelo modo de vida*" (PESSOTTI. op. cit, p.20). Itard, partidário da idéia de que o homem não nasce como homem, mas é construído como homem, assume a sua educação sistemática e individualizada, conseguindo alguns progressos registrados na sua obra "Mémoire sur les premiers développements de Victor de L' Aveyron" (1801), que se constituiu na primeira obra sobre educação de crianças com deficiência mental.

No início do século XIX, Esquirol, médico que se destacou na sua época, destingue a pessoa que apresenta loucura da que porta deficiência mental, ao classificar o louco como aquele que conserva ainda alguns vestígios da perfeição do humano, enquanto que a pessoa com deficiência mental, para ele, tem uma organização mental primitiva. Assim, loucura é considerada como doença com perda da razão, enquanto que a deficiência mental é um estado onde a razão nunca se manifestou ou manifestará. Os estudos de Esquirol apontam para a negação da deficiência como doença, percebendo-a como diferente da loucura.

Cabe especial destaque à médica italiana Maria Montessori que provocou, em 1846, polêmicas ao estimular a criação de instituições educacionais para essas pessoas e, sobretudo, por ter abalado o preconceito quanto à irrecuperabilidade da pessoa com deficiência mental, seja esta severa ou profunda. Essa profissional, além de estimular discussões sobre a metodologia de ensino para as pessoas com deficiência, disseminou as suas idéias e metodologias para várias partes do mundo. Essas, depois, foram adaptadas também para crianças que não portam deficiência. Outros profissionais se destacam nesse campo educacional, entre os quais podemos citar: Pestallozi (1746-1827); Froebel (1782-1852); Decroly (1871-1922).

Na Europa, embora há muito tenham ocorrido as primeiras experiências voltadas para o atendimento e a educação de pessoas portadoras de deficiência, é somente no século XX que surgiram as primeiras idéias sistemáticas a respeito da necessidade de educar e buscar integrar essas pessoas à sociedade. Graças aos progressos da Psicologia, da Biologia, da genética e às ousadas iniciativas pedagógicas com bases nas idéias do tcheco Comenius (1592 - 1670), fundador da moderna Pedagogia, que - em sua Didática Magna, publicada em 1657, já afirmava:

> [...] quanto mais alguém é de natureza lenta ou rude, tanto mais tem necessidade de ser ajudado, para que, quanto possível, se liberte de sua debilidade e de sua estupidez brutal. Não é possível encontrar um espírito tão infeliz, a que a cultura não possa trazer melhoria (apud ALMEIDA, 1995, p.12).

A aceitação e a prática das idéias de Comenius e de seus seguidores ocorreram com atraso e de maneira incompleta, pois - enquanto este educador propunha que as crianças com deficiência fossem integradas às escolas comuns e à vida da comunidade, que é benéfico por favorecer a integração social - as primeiras iniciativas orientaram-se no sentido da segregação dessas crianças. Segregação, aliás, que somente nos últimos cinqüenta anos começou a ser questionada nos países do Primeiro Mundo.

Nos países avançados, foi crescendo progressivamente o papel do Estado no custeio das entidades especializadas e na prestação direta de serviços às pessoas com de deficiência. Esse papel aumentou, ainda mais, desde o final da Segunda Guerra Mundial, entendendo-se - na atualidade – o direito à prevenção, ao tratamento, à educação, à assistência e à promoção da integração de tais pessoas, que passa a ser assegurado como dever inalienável do Estado.

2. 1 EXEMPLOS DE SUPERAÇÃO DE LIMITES PESSOAIS

Nesses muitos séculos da grande epopéia humana, existem informações dignas de nota e que mostram claramente que atitudes pessoais ajudaram a levar determinadas pessoas com deficiência a um plano de sucesso muito marcante. Dentre elas destacamos alguns nomes, citados por Silva (1993, p. 26-28).

> *__Moisés:__ Tornou-se o líder absoluto dos hebreus na imorredora retirada das terras do Egito e na busca da Terra Prometida, apesar de ter um sério problema de comunicação verbal. Na Bíblia, o livro Êxodo, de sua autoria, conta-nos com certa clareza as dificuldades, as dúvidas e mesmo as estratégias para superar a deficiência.
>
> *__Homero:__ O maior poeta épico grego, autor da Ilíada e da Odisséia, poemas que jamais deixarão de fazer parte das obras mais significativas criadas pelo ser humano, foi um homem cego. (...)
>
> *__Sétimo Severo:__ Imperador Romano de 193 a 211 D.C., ao final de sua vida, viu suas pernas perderem completamente a força, devido a um mal reconhecido à época como gota. Era carregado

> para todos os lados em uma liteira. Ao prender conspiradores que queriam afastá-lo do cargo por não poder mais andar, disse com muita firmeza: **Agora vocês aprenderam que não se governa um império com as pernas!...** (...)
>
> ***Helen Keller:** Cega, surda e muda, foi um verdadeiro marco do potencial humano atingida ao mesmo tempo por males quase que insuperáveis. Em 1904 graduou-se no Colégio Radcliffe com louvor. Dedicou toda sua vida à causa das pessoas cegas, surdas e mudas e transformou-se numa líder de valor imenso**.**

Outras grandes personalidade portadoras de deficiência contribuíram positivamente para a melhoria das relações sociais. Exemplos também de superação de suas limitações. O reconhecimento das habilidades de algumas delas foi um fator de peso para o sucesso evidente dessa contribuição. Dentre elas é importante destacar:

> *__Luiz de Camões,__ cavaleiro, fidalgo português, que perdeu um dos olhos na luta contra os marroquinos, é considerado um dos maiores poetas portugueses.
>
> *__Galileu, Gallilei__, matemático, astrônomo, inventor do telescópio ficou cego nos últimos anos de sua vida e, mesmo assim, continuou estudando e pesquisando.
>
> *__Johaamnes Kepler__, astrônomo alemão, desenvolveu importantes estudos sobre o movimento dos planetas. Kepler tinha deficiência visual causada por sarampo, aos quatro anos de idade.
>
> *__Ludving Von Beethoven__ considerado um dos maiores gênios da música erudita, perdeu totalmente a audição nos últimos anos de vida. Mesmo assim, conseguiu compor suas obras mais famosas: Apassionata, Sonata ao luar e Sinfonias números 3 a 6.
>
> ***Antônio Francisco Lisboa**, o aleijadinho, considerado um dos maiores escultores brasileiros, vítima de tromboangite, caracterizado por ulcerações nas mãos, mesmo aos setenta anos de idade esculpiu os doze profetas no adro da Igreja Matozinho em Congonhas do Campo, no Estado de Minas Gerais.

Observamos que essas pessoas foram determinadas naquilo que se propuseram fazer, superando os seus limites pessoais. Entretanto, não puderam superar os limites estabelecidos pela sociedade que muitas vezes as trata indevidamente como “heróis”, o que é o outro lado do preconceito.

2.2 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL

O papel do Estado brasileiro, no que se refere aos cuidados com as pessoas com deficiência, só começou a ser exercido a partir do século XIX, ainda que de forma episódica.

Data de 1835 a primeira iniciativa de que se tem notícia no sentido da formalização do atendimento educacional à pessoa com de deficiência, no Brasil, quando o Deputado Cornélio Ferreira França apresentou à Assembléia Legislativa no Rio de Janeiro Projeto de Lei para a criação de classe para ensino de cegos e surdos-mudos, cujo artigo 1º apresentava seguinte redação: Na Capital do Império, como nos principais lugares da cada Província, será criada uma classe para surdos-mudos e para cegos (ALMEIDA, op. cit. p.16).

Este projeto, por motivos políticos, alicerçados na indiferença à questão, não foi aprovado e sequer discutido em plenário. Porém, alertou a sociedade para a questão, despertando o interesse e o empenho das famílias de pessoas portadoras de deficiências sensoriais, para a discussão do assunto.

Apenas em 1854, sob a égide do Governo Imperial, foi criado o “Imperial Instituto de Meninos Cegos”, por iniciativa do brasileiro José Álvares de Azevedo, que era cego, e que se inspirou no modelo de uma escola especializada francesa onde estudou e, em cuja escola, havia iniciado no final do século XVIII, de forma sistemática, o ensino dos cegos por Valetin Haui (91745-1822), em 1784. Homem de ciência e coração fundou em Paris a primeira escola destinada à educação de pessoas cegas e à sua preparação profissional com o apoio da Coroa francesa: Instituição Real dos Jovens Cegos. Nela, Louis Braille desenvolveu seu sistema e a publicação *processo para escrever as palavras, músicas e o contochão por meio de pontos para uso de cegos e dispostos para eles.* De forma definitiva, ocorreu em 1837.

A idéia foi levada ao Imperador D. Pedro II pelo médico da família imperial, Dr. Xavier Sigaud, que tinha uma filha cega. Este, tornou-se o primeiro diretor da casa. Os primeiros materiais especializados (regletes, punções e livros em escrita pelo método Braille) foram encomendadas à França, chegando ao Brasil em 1856 como doação particular do Imperador ao Instituto recém criado e que representou o primeiro passo da aplicação no sentido daquele método no Brasil (ALMEIDA, 1995).

Durante muitos anos, o Instituto foi um mero asilo e não passou disso, sempre sob a custódia imperial. Somente com a atuação do professor de matemática

Benjamin Constant, que ali lecionava desde 1861, quando, ao assumir o cargo de diretor do Instituto, propôs mudanças substanciais, não só no atendimento prestado como, também, na construção de uma nova casa para abrigar a instituição. Com o seu falecimento, em 1891, o governo alterou o nome do instituto para Benjamin Constant, em sua homenagem, sendo esse nome mantido até hoje.

A educação de meninos surdos no Brasil teve início em 1855, com a chegada de Edouard Hüet, renomado professor francês, cujas idéias também sensibilizaram o Imperador, levando-o à criação da primeira classe experimental de ensino para surdos, que foi o embrião do futuro "Imperial Instituto de Surdos – Mudos" instalado em 1855, na cidade do Rio de Janeiro. Este estabelecimento tinha como finalidade a educação e o ensino profissionalizante (ALMEIDA, op. cit. 17).

A guerra do Paraguai foi o pior conflito armado ocorrido na América do Sul em toda a sua história, envolvendo de um lado o Brasil, a Argentina e o Uruguai, e do outro, o Paraguai. Não importa aqui discutir as causas dessa guerra, através da qual milhares de baixas ocorreram entre as populações civil e militares da chamada Tríplice Aliança, mas algumas de suas conseqüências.

Pela sua população e base econômica, o Brasil assumiu a maior participação nessa guerra, dentre os membros da Tríplice Aliança, contando com milhares de pessoas com deficiência física ao término da guerra. Em decorrência disso, em 29 de julho de 1868, o Imperador D. Pedro II inaugurou o "Asylo dos Inválidos da Pátria," destinado à proteção dos soldados mutilados em guerras e em outras operações militares.

No sermão de inauguração, com a presença de D. Pedro II, o Cônego Joaquim José da Fonseca Lima disse**:** "[...] o inválido da pátria que aqui vier descansar à sombra de seus louros, terá ainda o honroso direito de tomar parte da vida ativa da sociedade. O seu trabalho continuará a enobrecer sua existência". (ALMEIDA, op. cit. p.19)

Há mais de um século, portanto, já havia a compreensão, da parte de alguns, embora poucos, do que é integração social, respeito às diferenças e de necessidade de apoio e promoção social às pessoas com deficiência. No entanto, terminada a Guerra do Paraguai, em pouco tempo a ação da burocracia devastou o asilo de maneira um pouco mais lenta, mas talvez mais completa do que uma ação bélica.

O jornalista Ernesto Senna, ao visitar o Asylo em 1899, afirmou que: **"**nem o Império soube manter o Asylo dos Inválidos da Pátria, nem a Nova República por ele

se interessou" (ALMEIDA op. cit. p.21). Hoje, sequer a ilha onde ele se situava existe, incorporada que foi a outras ilhotas, para nelas sediar a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. O episódio do "Asylo" é revelador da consideração que o Estado brasileiro tinha com o patriota lesado numa guerra.

Referente ao período de 1900 a 1920 Almeida (op. cit.) cita, alguns trabalhos, como representativos da época, pelas reflexões teóricas e o enfoque pedagógicas sobre a deficiência mental.

- A monografia intitulada **"Da Educação e Tratamento Médico – Pedagógico dos Idiotas",** apresentada pelo Dr. Carlos Eiras, famoso psiquiatra, no IV Congresso de Medicina e Cirurgia - 1900, Rio de Janeiro;
- Livro "**A Educação da Infância Anormal de Inteligência",** escrito em 1913 pelo professor Clementino Quaglio;
- **"Débeis Mentais na Escola Pública"**, livro de autoria do Dr. Vieira de Mello, escrito em 1917;
- **"Tratamento e Educação das Crianças Anormais de Inteligência",** do Dr. Basílio de Magalhães, também de 1917.

Em 1935, a professora Helena Antipoff, russa naturalizada brasileira, criou o Instituto Pestalozzi, em Belo Horizonte, sob o fluxo das idéias de Pestalozzi, Claparède e Dewey, teóricos da chamada Escola Nova. Helena Antipoff, assim como eles, propugnou não apenas o atendimento integral da pessoa com deficiência, como também a integração dessa pessoa à vida social.

As décadas de 40 e 50 viram surgir, no âmbito da sociedade civil brasileira, algumas iniciativas qualificadas em benefício da pessoa com deficiência, tais como:

- A criação, em 1946, em São Paulo, da Fundação para o Livro do Cego no Brasil, hoje Fundação Dorina Nowill, a partir da qual se iniciou a difusão da literatura em Braille, em todo o Brasil;
- Ainda em São Paulo, em 1950, a criação da Associação de Assistência a Criança Defeituosa - AACD, hoje com significativa folha de serviços prestados no campo da reabilitação infantil;
- No Rio de Janeiro, em 1954, a organização de duas instituições importantes, uma no campo da reabilitação motora, chamada Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação - ABBR, e outra destinada à educação de pessoas com deficiência mental, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, sendo esta última Associação disseminada para todo o país, existindo hoje em grande parte das cidades brasileiras.

Desde então várias organizações filantrópicas vêm surgindo no Brasil, apesar dos escândalos ligando o meio político a associações “fantasmas”, encontrando-se sob suspeita até a honra de dirigentes das instituições sérias. O publicista republicano Joaquim Nabuco já dizia no século XIX: “é preciso organizar a bondade no Brasil”. Traduzindo em linguagem atual, podemos dizer que é preciso promover a cidadania e a solidariedade social a partir de uma política pública responsável (ALMEIDA op. cit., p.43).

A década de 1950-1960 marca um clima de mais aceitação da sociedade para as pessoas com deficiência, principalmente, nos países mais desenvolvidos em que se vê ampliado o interesse pelo atendimento dessas pessoas.

O interesse e o otimismo de profissionais da área somaram-se ao envolvimento estatal e de organizações privadas que, pressionadas pelas famílias, deram um novo impulso a essa fase de progresso. Todavia, as pessoas com deficiência eram institucionalizadas em larga escala e muitas permaneceram nesse convívio de segregação. Mas, diante desse novo posicionamento social, os sentimentos de medo e rejeição foram dando lugar à atitudes de tolerância e compaixão. Fato que é possível observar na sociedade atual.

A Declaração de Salamanca sobre “os princípios, políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais”, aprovada por aclamação em 10.06.1996, na cidade de Salamanca, Espanha. Tomando por base a Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948 e a Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jontiem/Tailândia, em 1990. Além de diversas declarações da ONU sobre a educação inclusiva, e do trabalho realizado por grupos de pressão, grupos comunitários e pais, organizações de pessoas com deficiência e envolvimento de alguns governos, exerceu a Declaração de Salamanca, forte influência para esta fase de progresso na área da deficiência.

Nesse Encontro de Salamanca, estavam presentes delegados de 92 países e 25 organizações internacionais que reconheceram a urgência de se adequar a **escola** para atender as pessoas com deficiência, no ensino regular. Além de reafirmação do compromisso em prol da Educação para Todos, foi sancionado o Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas.

Daí até os dias atuais, muitas foram as legislações no âmbito educacional favorecendo as políticas, os princípios e as práticas na área das necessidades

educativas especiais: a Emenda Constitucional nº 01 de 17.10.69; a Lei 5.692/71; a nova Constituição Brasileira de 05.10.1988; o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelecido pela Lei Federal nº. 8.069 de 13.07.1990.

Em 1996, a Lei nº 9.394/96, em vigor, e da perspectiva de aprovação do Plano Nacional de Educação, ambos apresentando conquistas no âmbito do atendimento dos alunos com necessidades especiais e em sintonia com a Declaração de Salamanca, mantém-se o direito à educação para todas as pessoas com necessidades educativas especiais e alternativas de atendimento especializado gratuito aos educandos, preferencialmente no ensino regular, e assegura esse direito como responsabilidade do poder público.

Cada sociedade tem, em cada momento histórico, determinadas necessidades e valores sociais, em função dos quais estabelece o que é adequado socialmente. Ao longo da história, muitos e variados sujeitos foram considerados diferentes, sendo objeto das mais variadas denominações, concepções e formas de tratamento. A palavra deficiência não é negativa em si e designa uma realidade.

Quando a deficiência é assinalada à pessoa, esse termo pode ser usado de forma discriminatória e injusta. Raras foram às vezes que chamaram a atenção dos historiadores através dos séculos, tendo esses, conseqüentemente, legado à posteridade poucos documentos. Nos registros disponíveis, fica claro que as pessoas com deficiência incomodam. Diante de uma pessoa com deficiência física ou motora, sensorial e ou mental, as pessoas vivem sentimentos contraditórios: desde a repulsa até a compaixão. Perante os diferentes – os que apresentam um desvio de relacionamento social ou comportamental – as sociedades sempre viveram um misto de fascínio e rejeição.

Como podemos ver, a história é rica de representações sobre a deficiência, e por isso o conhecimento destas representações sociais, atribuídas ao longo da história, é de fundamental importância para possibilitar o acesso a um conjunto de sentidos e significados que servem de referência para o estudo das representações sociais contemporâneas. Quais os que permanecem, na forma de Imaginário fundante? Quais os já superados? Há muitos sentidos e significados totalmente novos? Quais são e de onde provêm?

2.3 ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE DEFICIÊNCIA NO BRASIL

Seguindo o percurso investigativo, partimos na busca dos trabalhos desenvolvidos no Brasil, viabilizados através do banco da CAPES[5], para aproximarmos do ponto de vista dos pesquisadores do país, no campo jornalístico voltados para a área da deficiência em seus aspectos físicos, mental, sensorial e/ ou múltiplas.

Crespo (2000) afirma na sua dissertação de Mestrado pela Universidade de São Paulo, Ciência da Comunicação, cujo título "Informação e Deformação – A pessoa com deficiência na mídia impressa" (01.08.2000), que "o discurso jornalístico pretende ser o relato voraz dos acontecimentos. E, para isso, adota estratégias que garantem que ele seja acreditado pelo leitor". Há uma nítida antítese no dizer da autora, no que escrevem os jornalistas quando, apesar das recomendações de que se valem para a práxis da escrita, imagens preconceituosas das pessoas com deficiência continuam a ocorrer em suas matérias.

A partir da linha francesa de análise do discurso, adotada pela autora, percebe-se que a linguagem não é meramente um instrumento para veicular informações. Os significados possíveis, construídos na relação entre as palavras, permitem iluminar aquilo que de outra forma permaneceria oculto, pois aquilo que se diz desvenda e encobre simultaneamente.

É no campo do discurso, daquilo que é falado e do que é calado, que se encontram as representações que cada sujeito faz do mundo e do mundo em si mesmo. Há um desconhecimento constante, um sentimento que escapa ao sujeito. Como decorrência disto, o discurso é sempre o receptáculo de fragmentos, oposições, ambigüidades e conflitos.

Pereira Júnior (1997) visualiza a notícia através da ótica da rotina produtiva quando diz: "os critérios estabelecidos pelos editores de texto ao longo de seu trabalho apontam para uma possível rotinização do trabalho jornalístico com a finalidade de organizar o caos circundante".

É possível observar que o autor aposta na fidelidade da organização rotineira na produção textual jornalística. Em sua dissertação de Mestrado intitulada "Construindo a notícia" (01.10.97) na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Comunicação Social, Pereira Júnior, crê no papel relevante da produção da notícia.

---

[5] CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior

Abrantes (1997) desenvolveu a pesquisa de mestrado: “Aluno excluído do sistema público: a identidade em construção”, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área do conhecimento: psicologia educacional. O autor buscou compreender o impacto das experiências escolares na construção da subjetividade de um aluno. Nessa busca, procurou resgatar a manifestação da identidade de uma pessoa à medida que o coletivo determina sua exclusão social, sendo a Instituição Escolar o grande instrumento.

Utilizou-se, para tanto, da história de vida como técnica de pesquisa. Ao longo do seu trabalho observou a dura discriminação que permeia a vida de quem a sociedade considera incapaz. Assim posiciona-se também quando emite um juízo a respeito do protagonista – aluno incapaz – que irá entremear em toda sua vida decretando a sua desqualificação, culminando no seu encaminhamento para uma Instituição destinada a pessoas com deficiência.

D’Antino (2001) produziu a tese de doutorado: “Deficiência e a mensagem reveladora da instituição especializada: dimensão imagética e textual”, na Universidade de São Paulo - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, na área do conhecimento: Educação Especial, cujo objetivo era compreender e desvelar facetas da mensagem de instituições especializadas no atendimento a pessoas com deficiência física ou mental, de caráter assistencial – filantrópico, através de campanhas de captação de recursos, veiculadas na mídia eletrônica e impressa e sua possível conseqüência na perpetuação do estigma em relação a este segmento da população.

A autora partiu de indagações pontuais: 1. O que revelam as mensagens institucionais na atualidade e contexto brasileiro, em suas campanhas de captação de recursos? 2. Há participação dessas mensagens na perpetuação do estigma em relação à pessoa com deficiência? 3. Qual a concepção de deficiência que norteia a produção publicitária? 4. De que forma aparece o poder filantrópico nesse tipo de campanha? O corpus da pesquisa, de caráter empírico, deu à autora - pesquisadora a constatação que “a propaganda institucional veiculada na mídia” está “na ambivalência própria de sua longa existência e com a força de valores trazidos de Esparta, vincula a imagem da pessoa com deficiência à carência, à incapacidade, dependência, abandono, infantilização, assexualidade, etc. Silenciando suas vozes e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, expondo e distorcendo suas imagens ao sabor das necessidades econômicas das próprias instituições”.

A essa constatação, procedeu a autora, pesquisa composta por duas entrevistas, com diretores de criação de grandes agências de publicidade e oito peças publicitárias. Apreende-se daí forte contribuição para que as reflexões que dela emergiram possam servir de fonte geradora de processos críticos e reflexivos para os dirigentes institucionais, os profissionais da área especializada e da mídia e demais interessados no tema, desvelando a mediação dos preconceitos e estereótipos nas relações sociais com esta.

A esse respeito, a novela "Páginas da Vida"[6] do autor Manoel Carlos, que aborda entre outros, o tema da deficiência, mostra a luta de uma mãe, cuja filha tem síndrome de down, numa afirmação de que a luta é cruel e desamparada devido ao preconceito.

Dentre os trabalhos ora revisados, tanto através do portal da CAPES como de outras fontes, constata-se a ausência quase total de estudos na área específica para qual direcionamos nossa pesquisa: **Inclusão e deficiência: em busca de representações sociais na mídia impressa de Natal/RN**. Percebe-se que a maioria das pesquisas localizadas enfoca outras áreas do conhecimento como: educação inclusiva, acessibilidade arquitetônica, inserção no mercado de trabalho, reabilitação, dentre outros.

Pela relevância do papel que a mídia impressa, como instituição de produção de informações, exerce na nossa sociedade, em poder proporcionar à população informações em relação aos direitos que os cidadãos com deficiência têm ao acesso social em todos os níveis. É que tornam esse estudo importante, no tocante às possibilidades das estratégias que podem ser utilizadas pela mídia, mobilizando e estimulando a sociedade a realizar e programar ações. A nossa pesquisa é focada na representação que a mídia impressa, como veículo de comunicação, tem em relação à inclusão e deficiência. Estamos diante de um grande desafio, ou de um verdadeiro paradoxo: refletir acerca das representações sociais da Instituição, mídia impressa, que filtra e formata suas informações em detrimento dos seus interesses e da sociedade, tornando visível o que quer seja visível. Portanto, tornar claro o poder institucional da mídia, considerado como o **quarto poder,** é emergente, em função aos preceitos de justiça e igualdade social para as pessoas com deficiência

[6] Novela veiculada pela Rede Globo de Televisão no segundo semestre de 2006 e finalizada em março de 2007.

que são excluídas duplamente: pela sociedade e pela ausência de visibilidade na mídia.

Nesse sentido, Carneiro (2003), autora da dissertação de Mestrado intitulada “Uma construção compartilhada”, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Comunicação e Semiótica, na área de Comunicação, fala da amplitude e da maleabilidade do gênero reportagem que transita por outros gêneros jornalísticos e não jornalísticos, atualizando e recriando os códigos do universo jornalístico.

Por todo o trabalho, a autora infiltra discussões sobre a construção do texto da reportagem como uma espécie de testemunho, um relato jornalístico sobre aspectos da contemporaneidade, a partir de um amplo diálogo que o repórter estabelece com o público, com as fontes entrevistadas, com saberes especializados, e até com textos de outros gêneros e com o contexto.

A autora procedeu ao estudo do gênero reportagem a partir da aproximação com aspectos do sistema teórico de Mikhail Bakhtin, especialmente o dialogismo, formulado pelo pensador russo como ciência das relações e o conceito de gêneros, concebidos pelo autor, como tipos relativamente estáveis de enunciados que organizam a comunicação humana.

França (1995) através da dissertação “A incompatibilização da cidade para cidadãos deficientes de locomoção: uma questão de cidadania”, defendida na Universidade de Brasília, área de conhecimento Arquitetura e Urbanismo, trata da acessibilidade aos espaços públicos relacionada com as dificuldades de locomoção apresentadas pelas pessoas com deficiência física e/ou visuais. As barreiras físicas encontradas nos espaços públicos urbanos de circulação e suas implicações no cotidiano de milhares de pessoas que vivenciam o problema.

“A acessibilidade”, diz a autora, “não pode ser um conceito enclausurado dentro do simples processo do poder entrar e sair de determinados espaços físicos, mas, a acessibilidade que dá cor à vida das pessoas”.

Quevedo (2003), comungando das mesmas preocupações de França, fez sua em sua dissertação de Mestrado “Obstáculos à qualidade de vida do deficiente físico: estudo de caso junto às Instituições Públicas de Ensino” pela Universidade Federal de Santa Maria, RS, área de Engenharia de Produção, conclui que “As Instituições Públicas de Ensino de 2º e 3º graus, (ensino médio e superior) da cidade de Santa Maria, não apresentam em geral, condições de acessibilidade e permanência de deficientes físicos, em seu interior, o que vem reforçar a hipótese da

não possibilidade de inserção do deficiente físico cadeirante, quer social, quer no mercado de trabalho, através da educação formal, impedindo-o de atingir graus elevados de qualidade de vida".

Fica evidenciado que "sem acesso" torna-se difícil para as pessoas com deficiência serem inseridas no contexto social e pela relevância da acessibilidade arquitetônica para a inclusão social em todos os seus aspectos, a omissão da MÍDIA em relação à visibilidade da questão, perpetua traços de um passado histórico de segregação e discriminação, que ainda permeia o imaginário social.

Marques (2001) corrobora os dois estudos anteriormente citados, com seu trabalho de doutorado "A imagem da alteridade da mídia" pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na área da comunicação. Apreende os sentidos produzidos e veiculados sobre a deficiência nos jornais Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e O Globo, utilizando a metodologia da análise do discurso na perspectiva francesa, identificando três formações ideológicas nas respectivas formações discursivas: **a exclusão**, que aponta para o isolamento das pessoas com deficiência; **a integração**, que caracteriza a visibilidade; e a **inclusão**, que está fundamentalmente caracterizada pela acessibilidade. Em seu trabalho, o autor associa a acessibilidade com a inclusão social, o que faz a ponte com a questão arquitetônica, pesquisada por França e outros.

Diante do exposto, pode-se constatar a ausência de uma análise psicossocial, até mesmo nas pesquisas da área da comunicação, que a abordaram numa perspectiva exclusivamente jornalística. Importa-nos nesta pesquisa ir além do explicitado, investigar aspectos subjacentes à seleção dos fatos a serem noticiados, bem como da notícia a ser lida, comentada, repercutida entre interlocutores de um mesmo grupo social.

Por esse motivo, selecionamos as teorias da representação social e da comunicação social, selecionando Moscovici e Wolton como autores principais pela pertinência das suas abordagens ao objeto de estudo assim configurado. Tal objeto demanda por teorias que permitam acessar a dimensão estruturante da comunicação formadoras de representações, bem como capturar as representações circulantes nos textos jornalísticos.

3 APORTES TEÓRICOS: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A COMUNICAÇÃO SOCIAL

> Há numerosas ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. Mas não o estudo de como, e por que, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em prática – numa palavra, o poder das idéias [...] (Serge Moscovici)

3.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL

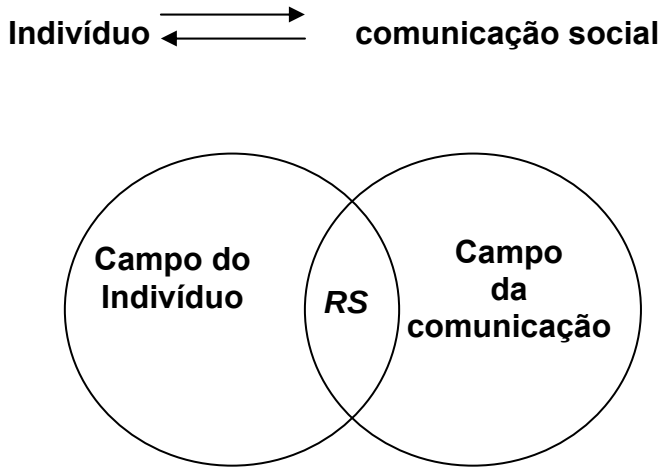
O conceito de representações sociais teve suas origens nos trabalhos de Durkheim (1970). Através do objeto de sua investigação "As práticas religiosas das tribos das sociedades primitivas australianas", enquanto fenômenos capazes de assegurarem laços entre os sujeitos de uma sociedade e de mantê-los através das gerações, considerou a prática social como uma representação coletiva.

A visão de Durkheim acerca das representações coletivas é justificada como uma espécie de guarda-chuva que reúne várias formas de pensamento e saberes que, compartilhados entre os sujeitos, exerce uma força sobre o indivíduo conduzindo-o a pensar e a agir de forma homogênea. Durkheim (1970) considerava ainda, que o saber partilhado e reproduzido coletivamente, transcende o indivíduo, ao ponto de afirmar na época: *Sempre que um fenômeno social é diretamente explicado por um fenômeno psicológico, podemos estar seguros que a explicação é falsa*.

Essa forte oposição entre o indivíduo e o coletivo na teoria de Durkheim, é superada com a construção da teoria das Representações Sociais, não mais no campo da sociologia, mas na ***interação*** entre o indivíduo e o social, captado pela psicossociologia de Serge Moscovici, que retomou o estudo das representações e despertou o interesse de um pequeno grupo de psicólogos sociais, fazendo reviver tal noção. Esse pequeno grupo de teóricos representado por Abric, 1976, Codol, 1969 e Flament, 1967 vislumbraram a possibilidade de abordar os problemas de sua disciplina dentro de um novo espírito, de estudar os comportamentos e as relações sociais sem deformá-las nem simplificá-las, e de atingir resultados originais. As representações lhes permitiram estudar os problemas da cognição e dos grupos, o que se tendia a negligenciar cada vez mais. Estudar a difusão dos saberes, a relação pensamento/comunicação e a gênese do senso comum, o que os ingleses chamam de "lay thinking", constituiria elementos de um programa que se tornou usual desde então.

Ilustramos as idéias acima, através da Figura 1, a seguir, que caracteriza nosso entendimento de que uma representação se constitui no espaço de interseção entre a comunicação social e o indivíduo no seu contexto de leitor – falante – ouvinte. Elaboramos esta figura a partir do esquema original de Moscovici sob a dimensão psicossocial das representações na interseção entre o individual e a sociedade.

Figura 1 – Representação social: Interseção entre o indivíduo e a sociedade



Esse pensamento vem corroborar na perspectiva da psicologia social, que compreende que o conhecimento nunca é uma simples descrição ou cópia do estado das coisas, ao contrário, o conhecimento é sempre produzido através da interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão nele implicado.

Segundo Thomas e Znaniecki (1918), apud Doise (2001, p. 188) apud Jodelet (2001), os valores sociais são considerados como elemento objetivos, próprios do modo de vida coletivo e social de um grupo; já as atitudes psicológicas são consideradas como tendências ou disposições para agir, igualmente objetivas e observáveis, mas próprias aos indivíduos, membro desse grupo. Um diploma universitário, uma preparação culinária e uma moeda podem constituir também valores culturais próprios aos quais os membros dessa cultura, esforçam-se para aderir. As atitudes são para Thomas e Znaniecki (1918, p. 23), “um mecanismo psicológico estudado principalmente em seu desenrolar, em relação ao mundo social e em conjunção com valores sociais”.

Nessa perspectiva, para Moscovici (1978) as representações sociais são produtos dos movimentos sociais, construídas coletivamente nas interações sociais, com valores e idéias que circulam na sociedade.

Para o teórico, a definição de representações como “sociais”, tem o intuito de evidenciar a dinâmica social - estas seriam produtos dos movimentos sociais - que existe no interior dos grupos, correlacionada com a vida emocional e intelectual dos indivíduos na sociedade, a partir da comunicação. Portanto, falar em representações sociais como sistema que organiza as relações dos indivíduos com o mundo, implica, fundamentalmente, discutir o papel da comunicação e da sua influência na orientação de condutas e na elaboração de comportamentos dos sujeitos no campo social. Conseqüentemente, é uma teoria que tem como direção as condutas, move-se, constrói-se e reconstrói-se no movimento social, servindo de guia para as práticas humanas.

Moscovici (1978) admite que haja diferentes sistemas de comunicação midiática: a difusão, a propagação e a propaganda. Para o autor, **a difusão** é um processo pelo qual a transmissão da informação é repassada para um receptor, que vai codificá-la de acordo com conhecimentos prévios, podendo surgir as mais diversas opiniões. Para ele, os meios de comunicação orientam, estimulam a manifestação de atitudes e opiniões, que, por sua vez criam representações das mais diversas, em consonância com os valores individuais e particulares que cada um tem. Na verdade, uma informação parte de um meio de comunicação e rapidamente está nas mãos de uma multidão que registra a mensagem de acordo com a sua própria história.

> De todas as atividades humanas, a fabricação dos fatos é a mais intensamente social; foi essa evidência que permitiu recentemente à sociologia das ciências desenvolver-se. O destino de um enunciado está, literalmente, nas mãos de uma multidão: cada um pode esquecê-lo, contradize-lo, modifica-lo, transforma-lo em artefato, escarnecer dele, introduzi-lo num outro contexto a título de premissa, ou, em alguns casos, verifica-lo, comprova-lo e passa-lo tal qual a outra pessoa, que, por sua vez, o passará adiante. A expressão “é um fato” não define a essência de certos enunciados, mas alguns percursos pela multidão (LATOUR,1983, JODELET, 2001, p. 31).

A **propagação** caracteriza-se como produto organizado da informação, feita por determinados grupos, no sentido de propagar suas crenças, impor um novo olhar. Já a

propaganda procura impor suas idéias, através da luta pelo convencimento, e pela persuasão. É a oposição entre o verdadeiro e o falso saber, a transmissão de uma visão antagonista de uma incompatibilidade entre a visão do mundo próprio à fonte e à visão mistificadora.

As representações sociais se constroem no espaço das comunicações, e se elas interferem na formação de atitudes das pessoas e grupos, podemos pressupor que os meios de comunicação, a mídia impressa, meio midiático do nosso estudo, contribuem decisivamente para a formação das atitudes e opiniões dos leitores e daqueles que com esse meio compartilham.

Segundo Moscovici (1978) os meios de comunicação são mais que veículos de informação, são formadores de representações sociais, uma vez que as representações sociais se formam em espaços de comunicação [...] a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem como função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. (MOSCOVICI, 1978, p. 26). Essa idéia é ratificada por Nóbrega quando afirma:

> As modalidades de deslocamento das representações através das formas de comunicação - difusão, propagação, propaganda - correspondem, respectivamente, à edificação das condutas de opinião, atitudes e estereótipos. Cada forma de comunicação tem por efeito a produção de representações sociais específicas, conforme a dinâmica de interações realizadas entre os sujeitos e o objeto articulado no âmbito do pensamento social (NÓBREGA**,** 2001, p. 80).

De acordo com o pensamento de Moscovici, a comunicação social é responsável pelo modo como as representações são formadas e pelas repercussões destas representações nas interações sociais. Para o autor, o processo de formação se dá em três níveis: 1) o cognitivo-relacionado ao acesso desigual das informações, interesses ou implicações dos sujeitos; 2) a formação da representação - objetivação e ancoragem – é a partir da **objetivação** que um objeto torna-se familiar, ou seja, que os sentidos a ele atribuídos são materializados; enquanto na **ancoragem** o objeto confronta-se com os valores já estabelecidos no seio social, identificando-se com as regras asseguradas pela sociedade; e 3) a edificação das condutas, sendo as opiniões geradas pela difusão, as atitudes pela propagação, e os estereótipos pela propaganda.

Jodelet (2001), observa que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e

organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais.

Wagner (1998) apresenta uma contribuição relevante para nossa reflexão ao mostrar que os objetos representados são muitos e advindos de uma adversidade cultural, trazendo implicações na construção das representações sociais. Segundo o autor, os objetos sociais nascem, evoluem, adquirem características e determinadas funções de acordo com sua origem. Ao chamar atenção para a sociogênese das representações sociais, Wagner (1998) distingue três campos diferentes de pesquisa das mesmas:

1. A representação social da **ciência popularizada** que nasce através das idéias científicas e filosóficas e que se firma no discurso que circula da ciência e chega ao universo consensual. Domínio este, que tem como base os estudos de Moscovici sobre a psicanálise.
2. A representação social da **imaginação cultural** que condiz com as representações de objetos culturais edificados num longo caminho histórico, que vêm se solidificando desde a infância e por isso compartilhados, o que lhes dá uma característica mais duradoura e estável.
3. A representação social de **estruturas sociais e eventos específicos** que está relacionada às representações de cunho polêmico, advindas de situações de conflitos que mudam a rotina estabelecida e pode ser identificada no interior dos grupos aos quais pertencem, por exemplo, os excluídos socialmente.

Carvalho (2003) corrobora estas idéias de Wagner (1998), e vai mais além ao sublinhar a trajetória dos objetos no seu processo representacional, isto é, ao descrever os caminhos de cada um dos tipos de representação entre o senso comum e o universo reificado. A partir de uma base empírica a autora demonstra que na ciência popularizada o objeto desenvolve um percurso representacional do universo reificado para o senso comum. Os outros dois tipos de representação, tanto no de imaginação cultural, quanto no de estrutura social e eventos específicos os objetos circulam “no chão onde pisamos”, o mundo vivido do senso comum, das ações, intervenções imediatas, das conversações cotidianas. A diferença é

que a trajetória representacional deste último é mais breve no tempo e mais restrita no espaço que a trajetória do segundo tipo.

Com base nestes dois autores, identificamos o objeto dessa pesquisa no terceiro tipo, uma vez que está circunscrito a um breve espaço de tempo (textos jornalísticos veiculados entre: 1996 e 1997), e envolve um grupo social específico. Acreditamos que nossa posição é coerente com as características do objeto de estudo, pois o próprio Wagner ressalta que, para um objeto ou fenômeno social ter a relevância em se transformar em representação social são necessárias mudanças que alteraram a rotina da sociedade (alta incidência de notícias) acerca da temática, que se caracteriza em um vetor de conhecimento sobre o assunto.

3.2 COMUNICAÇÃO SOCIAL

> Os meios de comunicação dão início à ação social organizada ao revelarem situações discrepantes dos padrões morais públicos. (Gabriel Cohn)

Estamos no século XXI e parece-nos por demais atual o que dizia Dominique Wolton (2004), reportando-nos ao século passado: [...] “a comunicação é um dos mais brilhantes símbolos do século XX; seu ideal de aproximar os homens, valores e as culturas, compensa os horrores e as barbaridades da nossa época”. Continua o teórico em sua admiração pela comunicação: [...] “é também uma das frágeis aquisições do movimento de emancipação, uma vez que o seu progresso caminha junto com o combate pela liberdade, pelos direitos humanos e pela democracia”. É visível neste século, as dúvidas e as questões herdadas de uma comunicação triunfal, porém fortemente marcada por suas ambigüidades e seus avanços.

Dominique Wolton (2004), o grande teórico da área da comunicação, dirigente do laboratório de comunicação e política do Centro Nacional de Pesquisa da França – CNRS, que apresenta idéias que favorecem a temática em questão, quando discute na relação **comunicação e sociedade** os três sentidos fundamentais da comunicação: a comunicação direta, a comunicação técnica e a comunicação social.

1. **Comunicação Direta** consiste em compartilhar com o outro. Simplesmente, não há vida individual e coletiva sem comunicação. Não há seres humanos sem sociedade, como não há sociedade sem comunicação. Ou seja, há uma representação do outro, no comunicar que consiste difundir, mas também interagir com um indivíduo ou uma coletividade. A Comunicação em sua dimensão mais normativa é aquela que evoca o ideal de trocas, de compreensão e de partilhas mútuas.

2. Comunicação Técnica tanto é aquela exercida de forma direta entre duas ou mais pessoas, como a que é mediatizada pelas técnicas como: telefone, televisão, jornal, rádio e informática dentre outras. A evolução foi tão imensa que comunicar-se instantaneamente com pessoas do outro lado do mundo, pelo som, pela imagem ou pelas palavras, é comum nos dias atuais **-** assim se processa a chamada ALDEIA GLOBAL.

3. Comunicação Social funcional torna-se uma necessidade social funcional para as economias interdependentes. Se o modelo é de abertura e em interação com uma divisão internacional de trabalho, os sistemas técnicos, dos computadores ligados às redes e aos satélites, são uma necessidade funcional, sem relação com o modelo de comunicação normativa - COMUNICAÇÃO MUNDIAL.

Para o autor, há um ponto comum entre esses três níveis da Comunicação: ”a interação”, onde impera a ambigüidade: as interações da comunicação funcional não são sinônimos de intercompreensão. E o mais importante, na informação e na comunicação não são as ferramentas nem os mercados, mas **os homens, a sociedade e as culturas,** isto é, não haverá comunicação social sem uma teoria da comunicação subjacente a ela, ou seja, suas raízes são as representações das relações humanas e sociais, e uma teoria de sociedade daí emergida.

A associação das teorias da Representação Social e da Comunicação Social vai fundamentar as discussões que pretendemos fazer, tanto pela afinidade que há entre elas, quanto pelo objeto de estudo que investigamos: Inclusão e deficiência e sua representação social a partir da mídia impressa.

É no processo comunicacional que se expressam as representações sócias, razão pela qual, nesse estudo, detemo-nos na articulação teórica entre Wolton (2004) e Moscovici (1978). O esforço de articular o pensamento destes dois autores serviu-nos de guia, tanto na tessitura do corte epistemológico, como nos procedimentos de coleta dos dados, como também na orientação analítica dos

resultados. Neste tópico, portanto, explicita-se as interfases encontradas entre algumas idéias chave dos autores.

Moscovici considera a comunicação como parte dos estudos das representações sociais e formula: [...] é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. (MOSCOVICI, 1978, p. 27). Ou seja, ela se constrói no interior de um processo relacional em que a comunicação social desempenha um papel de primeiro plano. Esta relação entre os dois campos é reconhecida por diversos teóricos e segundo atesta Jodelet (2001) a comunicação, enquanto veículo de transmissão de linguagem, é detentora em si mesmo de representações sociais.

Ao cotejar as idéias dos dois autores, observamos que a comunicação direta apresentada por Wolton (2004) equivale à difusão no sentido moscoviciano, pois, consideramos as opiniões como frutos da comunicação direta woltoniana. Postulamos aqui outra equivalência, com relação à comunicação técnica woltoniana e a propagação, segundo Moscovici. Isto porque tal tipo de comunicação, não podendo ser direta, no compartilhar com o outro, requer meios midiáticos para se efetivar: telefone, televisão, internet, rádio e jornal. O produto desta comunicação técnica ajuda a formar as atitudes. Enfim, propomos que o terceiro nível de comunicação woltoniana, a comunicação social, desempenha a função social de propagar. Em síntese a propaganda, sem relação com o modelo de comunicação normativa, constrói os estereótipos.

Um outro aspecto relevante dos dois autores é que ambos sintetizam seu pensamento num ponto comum: **a interação**. Esta articula todos os níveis da comunicação mundial, tanto na difusão, na propagação e na propaganda, quer seja formando opiniões, atitudes e estereótipos.

Vale ressaltar a relevância que impõe a esse estudo investigar como acontece a **seleção da notícia**. Refletir sobre esse aspecto, através da mídia impressa, foi um dos passos mais importante desta pesquisa que abordaremos no capítulo seguinte.

4 A ESCOLHA DA NOTÍCIA – MÍDIA IMPRESSA

> Na verdade, o desafio da comunicação não é a gestão das semelhanças, mas a gestão das diferenças. (Dominique Wolton)

A relação existente entre as representações sociais e a comunicação social através da mídia impressa nos levou a buscar compreender como se processa a seleção da notícia, pela relevância desta questão para nossa investigação.

É importante elucidar um breve resumo da história do jornal, por estar o mesmo diretamente ligado ao objetivo do nosso estudo, qual seja: discutir *inclusão e deficiência.*

Por volta do ano 105, os chineses inventaram o papel, suporte fundamental para o desenvolvimento da imprensa. No Ocidente, os primórdios dos jornais surgiram ainda na Antigüidade, com a *Acta Diurna* publicada sob ordem de Júlio César na Roma Antiga, 59 AC, que eram folhas de notícias da vida romana afixadas em toda a cidade.

A produção de jornais e outras publicações foi amplamente facilitada a partir da invenção da prensa móvel, por Guttenberg. A Bíblia, de Gutemberg, é o primeiro livro impresso em tipografia. Entre 1465 e 1467 são impressos o De Civitate Dei, de Santo Agostinho e o De Oratore, de Cícero. Somente com a Revolução Industrial, no século XVIII, é que o jornal ganhou formatos semelhantes ao atual e se consolidou como fonte principal de informação da sociedade ocidental. Já na Ásia, em algumas de suas culturas os jornais seguiram caminhos mais identificados com a divulgação de informações por fontes oficiais de poder.

A partir de Gutemberg vários foram os fatos e as datas que marcaram a vida da imprensa no Brasil e no mundo. No Brasil, o primeiro jornal a circular foi o Correio Brasiliense, editado por Hipólito José da Costa, impresso em Londres e distribuído na colônia a partir de 1808. No mesmo ano, o governo real de Dom João VI fundou o primeiro jornal publicado inteiramente no Brasil, o Diário do Rio de Janeiro. O

exercício do jornalismo é difundido pelo Decreto nº 1.177 e condiciona esse exercício ao diploma de curso superior e ou registro no Ministério do Trabalho. Como advoga Alberto Manguel em Noblat (2003, p. 38) [...] a palavra escrita é mais do que nunca a nossa principal ferramenta para compreender o mundo. E conclui o canadense ensaísta: *"A grandeza do texto consiste em nos dar a possibilidade de refletir e de interpretar".*

Os meios de comunicação exercem o papel de intérpretes da realidade social, de mediadores do conhecimento, filtrando a realidade desde o momento em que selecionam previamente os conteúdos que vão transmitir e a forma como apresentá-los. São regidos por princípios da simplificação, esquematização e homogeneização da informação, que permitam compreender e posicionar-se ante os fenômenos complexos, com a finalidade de apresentar uma realidade objetiva, certa e verídica.

Esse problema da globalização das comunicações está estreitamente ligado ao processo de construção social da realidade e, em particular, se vincula à fundamentação das identidades sociais, que surgem graças à existência de um pacto democrático. Os meios de comunicação exercem uma influência fundamental no desenvolvimento de imagens sociais e públicas, e o modelo independente de construir identidades se nutre de convencionalismo. Assim, o grupo de pessoas com deficiência vê como se desenvolve nos meios de comunicação uma identidade que não o leva em conta.

O impacto é maior quando se desconhece o fenômeno que se aborda na comunicação, quando se está diante de temas com os quais a maioria das pessoas tem contato distante e casual. Ao planejar a inclusão social e imagem pública das pessoas com de deficiência, é necessário voltar a insistir que há de se ter em conta a imagem social, sua representação e comunicação. Assim, torna-se muito difícil tentar estabelecer a inclusão escolar ou laborativa dessas pessoas, se existem imagens, representações sociais e atitudes prejudiciais, que desaconselham sua contratação e sua inserção social.

Há um tratamento adequado dos problemas e soluções das pessoas com de deficiência, nos meios de comunicação? Se entendermos por tratamento o planejamento de uma determinada finalidade social, através dos formatos construídos sobre um conhecimento científico, com alternativas e propostas de solução, podemos afirmar não há. O que existe a respeito ainda é muito escasso, insuficiente.

A respeito disso, Alcione Araújo, escritor e dramaturgo do Rio de Janeiro, em entrevista concedida ao jornal Tribuna do Norte, de Natal/RN (31.10.97), durante o II Seminário “A Mídia e a Pessoa com deficiência,” afirmou:

> A origem do preconceito está na sociedade que desconhece os seus próprios direitos de cidadania e, principalmente, o direito daqueles que são portadores de deficiência. O ponto nevrálgico dessa questão é a falta de consciência do cidadão. É claro que a mídia tem uma parcela de responsabilidade nisso tudo.

E indagado pelo repórter sobre o que falta à mídia? Respondeu: “*Falta assumir postura crítica diante dessa realidade, desse preconceito. Mas a mídia simplesmente reproduz o que a sociedade é, e falta a esta sociedade adquirir consciência”.*

O caminho para que a sociedade rompa essas barreiras é debater a questão, é refletir sobre uma saída, não escamoteando e disfarçando essa realidade. E já que reconhecidamente a mídia não trabalha a questão, através de uma visão crítica da sociedade, levando a um grau de prejuízo que só reforça e amplia o preconceito, já que a pessoa com deficiência faz parte dessa sociedade, não há como negar a relação mídia e sociedade**.**

No mesmo seminário, realizado em 1997, o jornalista Pedro Bial, da Rede Globo de Televisão, disse: “*Temos que conhecer as diferenças, para daí termos consciência das semelhanças.* E acrescentou, ainda que, *Todos nós temos deficiências, só que algumas são mais aparentes”*. É preciso que a sociedade, de um modo geral, perceba que a deficiência é diferente da ineficiência e que o jornalista, responsável por uma grande parcela da formação da opinião pública, tenha o compromisso ético de esclarecer as dúvidas e tratar o assunto com toda a responsabilidade que o tema requer.

O poeta Vinícius de Morais, no prefácio do livro Minha Profissão é Andar, de João Carlo Pecci (1980 p.5), declarou: [*...*] “ *inválidos são os que de plena posse de seus movimentos mantêm a vida paralítica dentro deles e só pensam em paralisar as dos demais”.* Tal afirmação nos leva a uma reflexão, de que a mídia apenas reproduz linearmente essa realidade. Falta-lhe consciência da realidade vivenciada pelas pessoas com deficiência para que se possa auxiliar efetivamente a construir uma visão real, positiva sobre as mesmas.

Demétrio Casado, Secretário Executivo do Real Patronato da Espanha, criador e idealizador de vários seminários acerca do assunto, afirmou (apud. ALVAREZ, 1998[7]):

> As imagens das pessoas portadoras de deficiência são fatores decisivos nas atitudes e comportamentos sociais diante dos mesmos. Tais imagens se transmitem, em grande parte, através dos meios de comunicação, tornando-se conveniente cuidar tanto da formação de imagens da pessoa portadora de deficiência como da sua divulgação.

A imagem social das pessoas com deficiência tem estado relacionada, em parte, pelo tipo de informação que sobre elas aparecem ou são omitidas nos meios de comunicação. E, muitas vezes, quando é oferecida por esses meios, é um reflexo da percepção dominante, imposta pela sociedade, sobre o "homem padrão", aparecendo, assim, prejuízos e estereótipos como componentes de um mesmo processo de percepção social, intervindo e influenciando na visão que se tem do outro e dos acontecimentos que os rodeiam. Na verdade, acreditamos que não há padrão de normalidade, nem muito menos homem padrão. Cada um é sua própria referência; crescer é progredir em relação a si mesmo.

Os meios de comunicação têm grande peso na formação de opiniões e na difusão de atitudes, no aumento do percentual de análise de opinião sobre os temas sociais. Assim, além de informar, divertir e persuadir tem a obrigação de apresentar imagens justas, apresentando o feito humano, o mais próximo possível da realidade.

A forma que os meios de comunicação utilizam, em geral, para veicular os acontecimentos sociais se baseia na notícia que representa, aproximadamente, 70% de um jornal. Já a reportagem é a matéria mais elaborada, onde se trata melhor um tema e os informes especiais permitem, não sem risco, eliminar os estereótipos.

A utilização de algumas estratégias pelos meios de comunicação poderia melhorar, destinando um maior tempo e espaço para incluir a diversidade de enfoques e opiniões, ouvir e incluir a voz da pessoa com deficiência, os especialistas no assunto e os mais próximos dessa realidade. Os veículos que não se abrirem ao debate sobre a deficiência estarão deixando de cumprir a obrigação de esclarecimento ao público, pois o jornalista tem que estar consciente da sua missão

[7] Obra sem numeração de páginas

social. Quanto mais responsabilidade ele tiver, mais aparelhado estará para decidir o que publicar. E a chave é conhecer o assunto sobre o qual escreve.

Normalmente, os meios de comunicação apresentam a imagem da pessoa com deficiência destacando a deficiência, chamando a atenção do leitor para o defeito físico**.** Tomemos como parâmetro situações vivenciadas durante o I Seminário "A Mídia e Deficiência", realizado em Natal/RN, nos dias 28 e 29 de outubro de 1996. O escritor paulista Marcelo Rubens Paiva chegava a Natal para fazer palestra no referido evento e encontrou no hotel em que ficou hospedado dificuldades de acesso - barreiras arquitetônicas - no banheiro. Um dos maiores jornais do Estado, o Diário de Natal, na edição do dia 29.10.96, coloca na manchete de primeira página: **Deficientes** - **Conferencista paraplégico sofre em hotel,** focalizando a atenção do leitor no déficit físico, e não na pessoa, mesmo quando se tratava de um escritor conhecido, o que perdeu naquele momento sua identidade como pessoa, sendo destacada apenas a sua deficiência. O tratamento utilizado, portanto, revela a discriminação. O enfoque, em vez de questionar o hotel pela inadequação de suas instalações, responsabiliza o hóspede por ter uma deficiência. Podemos concluir, diante desse fato, que uma matéria que diz respeito a uma particularidade de uma pessoa só pode ser escrita se o jornalista tiver certeza de que o que está dizendo é verdade e souber tratá-la sem discriminação.

No entanto, a imagem que os jornais, tema central desta investigação, geram na mente do leitor - por tratarem o assunto de forma escassa, discriminatória, insuficiente, fragmentada - é uma imagem pouco consistente. Essa, só avançaria se houvesse uma maior presença dos meios de comunicação na sociedade, ouvindo testemunhos diretos e, acima de tudo, buscando dar um tratamento adequado para se conseguir uma imagem social mais justa das pessoas com deficiência.

Devemos partir do princípio de que estas pessoas têm capacidades, e o que são como **pessoas** é mais importante do que a deficiência que apresentam. Portanto, sua estatura, inteligência, cor, cultura, profissão são circunstâncias. Embora sejam atributos tidos como importantes, não podem ser mais relevantes que a **pessoa,** que o **ser humano.**

Para facilitar a compreensão deste princípio, nos seminários realizados em Natal/RN (1996 e 1997) sobre o tema, foi distribuída a todos os participantes – em sua grande maioria de profissionais dos meios de comunicação - uma publicação

intitulada “Mídia e Deficiência: Manual de Estilo**”.** 3.ed. Brasília: CORDE, 1996, (p.17), com dez propostas para abordagem, que podem ser assim sintetizadas:

> 1. Mostre o lado positivo da deficiência;
> 2. Dê atenção às soluções;
> 3. Permita que as pessoas portadoras de deficiência falem por si mesmas;
> 4. Use o termo “pessoa portadora de deficiência”[8];
> 5. Evite a imagem de gueto;
> 6. Cuidado com os mitos;
> 7. Não carregue nas tintas;
> 8. Veja todos os lados da questão;
> 9. Prefira a informação normalizadora;
> 10. Veicule informações acessíveis e permita o acesso das pessoas à informação.

O trato com as palavras é importantíssimo, pois delas dependem a cultura, a filosofia e a própria vida. A palavra também pode ser elemento de males e discórdias. Muitos dizem que antes da palavra vieram o gesto e o movimento. Em síntese, podemos citar o poeta Jorge Guillén: *Só utilizo as palavras que tenho vivido* (apud ALVAREZ,1998*).*

Os meios de comunicação se utilizam de palavras e imagens para apresentar a deficiência e suas conseqüências. Tomemos por exemplo o texto intitulado “Stephen Hawking”, pinçado na imprensa diária da Espanha, que aparece no manual Discapacidad y Medios de Información (1990) e que foi citado no manual “Mídia e Deficiência Manual de Estilo” (1996. p.22 - 23):

Stephen Hawking

> Impressiona ver como um dos mais potentes cérebros do mundo se alberga em um ser castigado por uma terrível enfermidade. E assombra e admira a força deste misterioso fluido que chamamos “inteligência”, capaz de adivinhar fenômenos e estabelecer as mais complicadas leis físicas do triste reduto de uma cadeira de rodas. Poderia se pensar que este cérebro, impossibilitado de cumprir as funções normais de qualquer ser humano, forçado a um isolamento quase total, concentra todo o seu poder na investigação dos mais abstratos e difíceis problemas. O mais indefeso dos homens é, talvez, o mais inteligente. Um paradoxo exemplar.

[8]Das dez propostas a terminologia “pessoa portadora de deficiência”, apesar de constar na Constituição e em todo o aparato jurídico, e, portanto, este termo é o que deve servir de referência quando usado em tal contexto específico. Entretanto, vários órgãos/instituições que atuam na área preferem utilizar o termo nos seus documentos “pessoa com deficiência”.

Sem sombra de dúvida, esta notícia sobre o físico inglês contém na última frase (“Um paradoxo exemplar”) um resumo de toda a informação: revolucionário da física moderna, gênio e, por outro lado, se locomove através de uma cadeira de rodas. A notícia reproduz e evidencia outros paradoxos exemplares, a partir de idéias equivocadas que se tem sobre as pessoas com deficiência. Idéias falsas de que, por exemplo, uma pessoa com deficiência não pode ser uma pessoa comum com virtudes e defeitos.

É o mesmo que dizer que a música de Beethoven melhorou quando ele foi perdendo a audição. Ora, a música de Beethoven será eterna por uma única razão; ele era um virtuoso. O próprio Stephen Hawking brinca com a situação numa conversa com o físico Kip Thorne. Quando questionado sobre os efeitos da doença sobre sua carreira, Hawking disse que a doença melhorou seu desempenho, pois ninguém lhe pedia para organizar cursos ou dar aulas comuns. Como bom inglês, ele também ironiza o sucesso do seu livro “Uma Breve História do Tempo” (MÍDIA E DEFICIÊNCIA MANUAL DE ESTILO, 1996, p.23):

> É indubitável que o interesse humano de minha história- como me arranjei para ser um físico teórico apesar de minha enfermidade- contribuiu para o sucesso do livro. Mas aqueles que tiveram comprado o livro por seu possível conteúdo humano, certamente terão se decepcionado, uma vez que existem apenas poucas alusões às minhas circunstâncias pessoais. Trata-se de uma história do universo e não minha. Por que tanta gente comprou o livro? Para mim é difícil ser objeto e, assim, me apoiarei no que outros disserem. A maioria das resenhas é pouco esclarecedora e costuma seguir a fórmula: Stephen Hawking sofre do mal de Lou Ghering ou de uma enfermidade neuromotora. Está confinado a uma cadeira de rodas, não pode falar e pode mover apenas um número x de dedos (onde x parece variar de um a três, conforme o descuidado artigo a meu respeito que o autor da resenha tenha lido), no entanto escreveu seu livro abordando as mais importantes perguntas: de onde viemos, para onde vamos?

Analisando, com mais cuidado a primeira notícia veiculada sobre o referido físico, podemos perceber que mundo sutil é este das imagens. Mesmo sem perceber, o redator foi autocrítico ao terminar o artigo: “Um paradoxo exemplar”. A cadeira de rodas motorizada é um instrumento de vital importância para o físico, como também a informática. Os dois objetos - cadeira de rodas e computador - ajudam a independência de Hawking, mas o primeiro, no campo dos estereótipos dificulta, discrimina, e o segundo facilita, liberta. A imagem de Stephen Hawking na

cadeira dá margem a interpretações bem intencionadas e equivocadas, como: *"O mais indefeso dos homens é, talvez, o mais inteligente".*

De maneira geral, os conhecimentos sobre a deficiência são muito pobres em dados objetivos e em vivências pessoais, estando carregados de estereótipos e prejuízos, requerendo mudanças substanciais.

Para refletir mudanças junto ao público é importante contar com os meios de comunicação. Os profissionais da mídia poderão ajudar a diminuir o preconceito. Eles detêm a capacidade e o poder de divulgar e ampliar o trabalho das associações, escolas, e instituições envolvidas nesta luta pela inclusão social da pessoa com deficiência. Conseguir, porém, que os profissionais de mídia trabalhem em favor das pessoas com deficiência, e não contra (ainda que involuntariamente), é uma tarefa complexa e penosa.

Cabe-nos destacar algumas questões pontuais como, por exemplo, onde é preciso analisar com cuidado a relação do entrevistado com o entrevistador, do repórter com o editor e dentro do próprio jornal. Muitas vezes, as falhas não estão somente nos profissionais da mídia, mas têm sua origem na forma como a informação é transmitida pelas associações, escolas, instituições, pais e profissionais ligados às pessoas com deficiência.

Explicar como funcionam as redações de jornalismo é imprescindível quando se quer empreender a análise e a correção de falhas, assim como também sugerir algumas providências ao alcance dos entrevistados, para melhorar a qualidade do material divulgado pela mídia. Assim, vale destacar que os jornalistas designados para escrever matérias sobre deficiência costumam ser da editoria geral ou, no caso de grandes redações, das editorias de comportamento, educação e saúde. Geralmente, a editorial geral é por onde se ingressa no jornalismo, isto é, onde existe o maior número de jornalistas em início de carreira. É óbvio que há exceções, mas esses profissionais se concentram em outros temas por ter mais tempo de "janela", que significa maior experiência profissional, mais tempo no jornalismo.

Uma dificuldade crônica com que praticamente todos os jornalistas se debatem, cotidianamente é o tempo ou a falta dele. Normalmente, um jornalista recebe a pauta de um chefe de reportagem, e mal tem tempo de verificar no arquivo o que já existe sobre o assunto. Vai para entrevista como quem abre as portas para todo um

universo novo e tem que voltar com um material suficiente para preencher um espaço no jornal de forma atraente para o público leitor.

E tudo isso no período de algumas horas. É preciso pensar e analisar a dificuldade de um jornalista não especializado em compreender, num pequeno espaço de tempo, aspectos relevantes da deficiência e, ainda, descobrir o que há de novo para discutir com o editor o enfoque da matéria. Se ele não receber informações claras e completas, os erros serão inevitáveis. E a responsabilidade sobre a clareza das informações é do entrevistado tanto quanto a responsabilidade sobre a reprodução correta da entrevista é do jornalista.

É evidente que quanto mais especializado o jornalista, mais rápido e eficiente será ao tratar os problemas e soluções relativos às pessoas com deficiência. Mas os jornalistas especializados são uma raridade, e o mais provável é que os técnicos que atuam na área da deficiência, a família e a própria pessoa com deficiência sejam entrevistados por algum jornalista que não tenha a menor idéia do que seja a deficiência.

Fatos e conceitos que podem parecer óbvios para os que já convivem com a deficiência há anos, ou talvez décadas, são inteiramente novos para o jornalista mais preocupado em sintetizar logo os aspectos que julga fundamentais e voltar para a redação, sempre correndo contra o tempo.

Na editoria geral, a falta de tempo soma-se ainda à eventual inexperiência dos jornalistas e ao fato deles lidarem com assuntos muito diferentes de um dia para outro, ou até de uma hora para outra. Uma matéria pode tratar, por exemplo, de Síndrome de Down e outra sobre a epidemia da dengue, podendo aparecer, muitas vezes, uma após a outra. Freqüentemente, o mesmo repórter que escreve sobre a deficiência escreve também sobre as divergências por mensalidade escolar e reforma agrária. E não é possível entender profundamente tudo isso ao mesmo tempo. Ele precisa da clareza da informação prestada. O sucesso ou insucesso do jornalista na defesa de sua matéria depende primeiramente da consistência da matéria e, por segundo, da concorrência para defender a sua matéria em relação ao espaço que ela vai ocupar na página do jornal.

Um editor geral tem um número definido de páginas para preencher e está sujeito a cortes, caso algum fato político ou econômico relevante precise de mais espaço. A matéria sobre a deficiência está concorrendo por espaço como qualquer

outra matéria e depende da habilidade do repórter (convencimento pela clareza e consistência das informações passadas a ele) para sair conforme o planejado, ou próximo disso. Contudo, o jornalista não tem como evitar a perda de espaço para matérias mais urgentes ou de maior ibope (JOHN,1998).

O centro das discussões sobre a deficiência no jornal se define pela falta de naturalidade em tratar a questão. E cabe-nos perguntar: será que o jornalista sabe cobrir as questões relativas à deficiência? Não, ele é bem despreparado, precisando realizar cursos, modificar manuais de redações que esclareçam e ampliem a reflexão sobre o tema, e contrate profissionais especializados no assunto.

As idéias ou conceitos das pessoas muitas vezes são fundamentados em informações parciais ou pouco realistas. É dirigida ao público leitor uma informação carente de objetividade, em ocasiões guiadas pelo sensacionalismo. É importante assinalar que nem sempre a quantidade de informações é proporcional à qualidade.

Estudos realizados na Espanha, nos Estados Unidos e na França sobre as características das matérias veiculadas em jornais referentes à deficiência evidenciam que as informações não são as mais realistas nem adequadas, constituindo um agente adicional de atitudes negativas, estereótipos e marginalização. (CASADO, COLETE, GOMES, SANCHÈZ, 1989,); (Saint-Martin 1979); Elliot e Byrd (1982); Aguado e Alcedo(1990).

Estas idéias equivocadas e preconcebidas sobre as pessoas com deficiência distorcem a situação real. Assim, os conceitos e as terminologias utilizadas necessitam de incluir essas pessoas no contexto de todas as outras. O jornal é uma fonte ampla de referência para quem quer saber o que está acontecendo, e através deste, a sociedade cristaliza e reflete o juízo que tem sobre um grupo e o lugar que tem dentro de uma coletividade.

A imprensa brasileira sempre teve dificuldades em tratar do assunto **deficiência**. Os jornalistas, particularmente, se mostram desinformados em relação à maneira como funcionam as questões inerentes à deficiência, mesmo que estejam na base das incompreensões que existam hoje em dia, quando se generaliza o comportamento para o conjunto das pessoas com deficiência. Na maioria das vezes, porém, podemos perceber que são pessoas competentes, com as melhores das intenções, e que se submetem nos últimos anos a uma enorme luta e renovação dos seus ideais.

Há pessoas com deficiência, por sua vez, que ocupam muitas vezes uma posição aventureira, utilizando-se da deficiência que apresentam, colocando-se como um coitadinho, como dignos de piedade para tirarem proveitos dessa situação. Entretanto, há aqueles que de maneira idealista tentam corajosamente lutar pelos seus direitos, buscando o respeito e a confiança da mídia e da comunidade em geral. E isso tem que ser levado em consideração. As pessoas não podem ser generalizadas, é necessário e fundamental observar a diferença peculiar que cada pessoa apresenta.

Uma consideração a respeito dos tempos diferentes que envolvem a deficiência e a mídia. Em relação à deficiência, a superação de estigmas e preconceitos depende de avanços do conhecimento no campo da genética, da educação, da psicologia, da reabilitação, da fonoaudiologia, da tecnologia, entre outros. Tudo isso requer um tempo, que é lento, caracterizado pela lentidão normal em abrir espaços nos diversos segmentos sociais, dificultados pela desinformação de toda uma sociedade.

Já o tempo do jornalista é curto, breve, rápido. Em uma hora ou meia faz a notícia e a publica. Jornalistas correm contra o tempo. O jornal de hoje forra amanhã o chão do pintor de paredes. Esses dois tempos distintos acabam fazendo uma grande diferença, determinando mais uma incompreensão. O jornalista está sempre em busca de matérias mais em evidência na sociedade e há muitas coisas a serem esclarecidas nesses dois tempos. Assim, o jornalista tem que fazer uma reflexão sobre o seu papel na sociedade moderna, em que jornais e jornalistas cumpram as suas responsabilidades, pois quanto mais questões sobre a deficiência forem levantadas melhor para a imprensa e muito mais para as pessoas com deficiência.

Para informar a mídia será preciso lhe dar a consciência de que necessita para uma abordagem mais técnica. Elogiá-la, quando acerta. Criticá-la, apontando falhas. E não tem sido assim. Quem milita na área da deficiência, no máximo desabafa a sua raiva contra a mídia sempre entre os mesmos militantes do grupo, e daí não passa.

Desabafo é paixão; consciência é argumento. Como os editores dos jornais vão saber quanto estão errando ou acertando? E vão embora sempre correndo contra o tempo. A pessoa com deficiência tem que assumir a luta em busca de sua inclusão social e ser notícia fruto de uma visão crítica jornalística, que muda**,** que é “transformadora”**.**

Se a imprensa reflete a sociedade, deve observá-la em todos os seus desdobramentos. A imprensa cobre os fatos, mas ela não fica só nisso, o modo como essa cobertura é feita induz a atitudes, a comportamentos e transmite valores que influenciam diretamente no público leitor. Isso quer dizer que o jornalismo não é uma atividade isolada, que se concentra apenas no círculo restrito dos profissionais; o jornalista tem um papel fundamental em relação aos problemas e às soluções relativas às pessoas com deficiência.

Os jornalistas não estão na retaguarda, mas na própria trincheira por duas únicas razões: a deficiência aparentemente está distante de quem não tem deficiência, no entanto pode acontecer com qualquer pessoa, até pela alta incidência de violência urbana em que vivemos; a outra razão se faz numa relação dialética; se a sociedade muda, a imprensa muda já que esta reflete a sociedade.

A partir dessas considerações, podemos perceber que a comunicação midiática, “jornal”, é detentora de um poder, e como tal interfere diretamente na conduta dos indivíduos, conforme a dinâmica das interações sociais realizadas e articuladas no campo comunicacional.

Dessa forma, nossas reflexões de que a seleção da notícia depende da linha editorial, que é uma política predeterminada pela direção do veículo de comunicação. Sobre isto, Pena (2005) coloca que a lógica pela qual a empresa jornalística enxerga o mundo; indica seus valores, aponta seus paradigmas e influencia decisivamente na construção de sua mensagem.

Dessa maneira, estabelece uma comunicação dirigida a um público particular, numa relação dialética, que propaga e reflete uma visão de interesse e de referência conhecida e aceite pelo grupo. Assim, é interesse dessa pesquisa conhecer o que é e como funciona o local onde se produzem as notícias: *a redação jornalística*.

É nesse local, onde são produzidas as notícias, que é preciso ressaltar alguns pontos importantes da própria notícia que podem estar silenciados. No caminho, ela percorre desde o momento em que acontece até o momento em que aparece nos jornais. Há, portanto, que estar atento a tudo. Inúmeros canais diretos e interesses externos influenciam a decisão final em seu processo de produção.

Toda notícia também é um produto e tem características e elementos comerciais. O jornal, acima de tudo, é uma empresa que precisa vender o seu produto. Antes que isso aconteça, as notícias recebem na redação um tratamento especial, até serem oferecidas ao

leitor. Além de se preocupar com os interesses da empresa, o jornalista também precisa considerar o que é pertinente noticiar para o público do veículo no qual trabalha. Ele precisa seguir a linha editorial da redação, o que comprova que o jornalista trabalha com produtos instáveis. Nesse sentido, o pensamento de Bial (1996, p. 131) dá uma pista: “[...] em vez de plantar regras sobre ética e moral, basta aos jornalistas um compromisso com a honestidade [...] a coragem de botar a mão nas coisas e lidar com o mundo real [...]”.

Na prática, portanto, todo percurso de produção da notícia cria, através de filtros, um distanciamento entre a realidade e o noticiário. Esses filtros dos acontecimentos selecionam e interpretam as notícias.

A batalha ideológica, como aborda Moscovici (2003), consiste quando um novo olhar penetra na esfera pública, surgindo desse modo, lutas históricas, culturais e intelectuais e que se posicionam em diferentes modos de pensar. E nascem a partir dos discursos produzidos pela mídia, que oferecem uma visão de mundo, que alimenta e enaltece as relações sociais de conflito e que possibilita condições de influenciar atitudes através de ações contínuas.

A razão definitiva pela qual o público prefere comprar este ou aquele jornal é a suposição de que devem dar atenção aos assuntos públicos. Daí, afirmar:

> Se um povo achasse não haver mais sentido nem mesmo em se informar sobre a vida pública – porque os políticos são todos ladrões, porque o resultado é sempre farsa, porque as pessoas comuns nunca têm uma chance, porque todos que estão no poder só tratam da própria vida – então os jornais poderiam cerrar suas portas, pois não haverá mercado para o que vendem. Se o povo não tiver interesse em política e na vida pública, também não terá razões para ler jornais [...] (FALLOW, 1997, p. 295)

As representações sociais devem desse modo, ser compreendidas como um processo cognitivo que implica imagens (reflexos) dos significantes sociais com seus conteúdos ideológicos e as experiências vividas e possuam um papel de direção para as atitudes dos indivíduos. Aspecto que confere uma importância à dimensão da atitude na formação das representações como advoga Moscovici:

> [...] a atitude é a mais freqüente das três dimensões e, talvez, genericamente a primeira. Por conseguinte, é razoável concluir que as pessoas se informam e representam alguma coisa somente depois de terem tomado uma posição e em função da posição tomada. (MOSCOVICI, 1976 p. 72).

De acordo com Orlandi (1993), todo discurso é formulado a partir do sujeito que fala e da interação com o sujeito que recebe. No discurso midiático não é diferente, se produz nesta interação entre o emissor e o receptor. A representação social se caracteriza segundo Jodelet (2001, p. 22) como uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social**.**

Portanto a mídia, no seu sentido amplo, intervém no tecido social, tanto como instrumento de representações sociais como espaço construtivo de saberes, de marcos de referência simbólica na medida em que trabalha na construção de sentidos, significados e imagens.

Nessa dimensão, a mídia se aproxima também de um espaço de poder, no sentido foulcaultiano, onde o saber e a verdade se fundem como uma realidade autônoma, universalizando conhecimentos que muitas vezes não constituem e nem contempla as diferentes realidades e diversidades existentes na sociedade**.**

> No mundo velocíssimo de hoje, onde as distâncias se tornam cada vez menores, devido à agilidade dos meios de comunicação, o volume de informação que recebemos é enorme. Nem sempre a quantidade corresponde à qualidade. Todos nós permanentemente formamos idéias sobre pessoas e situações, baseados em informações parciais recebidas de diferentes fontes. Muitas vezes, não percebemos o quanto julgamos e decidimos sobre como as pessoas são ou deixam de ser. (CORDE, 1996, p. 7).

Nesse sentido, surgem algumas indagações importantes: quem seleciona os temas que serão agendados pelo público? Se a mídia impressa agenda o público, quem agenda a mídia impressa? Nesse sentido, DeGeorge (1981), destaca a importância que têm todos os processos que colaboram na condução das decisões para selecionar uma temática:

> A habilidade que têm os meios de comunicação para produzir alterações graças aos efeitos cognitivos pode ser atribuída ao constante processo de seleção realizado pelo gatekeepers nos meios de comunicação, que, em primeiro lugar, determinam que acontecimentos são jornalisticamente interessantes e quais não, atribuindo distintas relevâncias em variáveis como extensão (de tempo e espaço), a importância (tamanho da manchete, localização no jornal, freqüência de aparição, posição no conjunto de notícias) [...] Algumas notícias são tratadas detalhadamente, outras merecem uma supérflua atenção e outras ignoradas. (DEGEORGE, 1981, p. 219-220)

Portanto, o discurso jornalístico informa a sociedade. Contudo, esta informação já vem moldada e formatada de tal maneira a se adequar e fazer juízo no amplo jogo das significações e dos sentidos que dão direção às relações do poder.

Moscovici (1978) argumenta que o propósito de todas as representações sociais é tornar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade, íntima. Tal propósito apóia-se em dois processos distintos: ancoragem e objetivação. O processo de ancoragem, que se identifica com as características do universo consensual, indica a intervenção dos determinismos sociais e psicológicos nas suas criações e transformações, como um processo de interpretar, classificar e nomear comportamentos de acordo com as escalas de valores socialmente aceitas.

Nesse sentido, percebemos a luz do pensamento dos estudos, apreendidos através de Moscovici, no que diz respeito à comunicação, espaço privilegiado para gerar representações, que caberia a sociedade alertar/pautar a mídia em relação à questão da inclusão social das pessoas com deficiência, uma vez que os meios de comunicação são atores poderosos no construto desse processo social. Portanto, se há omissão por parte da sociedade há, conseqüentemente, por parte da mídia, que, sem ser acionada com suportes concretos e cotidianos, termina refletindo que os traços do passado ainda estão presentes.

Dessa maneira, consideramos que as representações sociais são sempre complexas e inseridas dentro de um referencial de um pensamento pré-existente; sempre dependentes de crenças ancoradas em valores históricos que permeiam toda uma sociedade. A comunicação social, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações e do pensamento social.

5 METODOLOGIA: O CAMINHO DA PESQUISA

Apreender os fatos e relatá-los através dos veículos de difusão coletiva significa, nada mais nada menos, que projetar visões de mundo. (José Marques de Melo)

Este estudo situa-se no período de 1992 a 2002, tendo como ponto de partida a promulgação da Lei Nº 4.090/92 que dispõe sobre a eliminação de barreiras arquitetônicas, principalmente em função do impacto que causou à sociedade natalense na época e, também, pela valorização da sua funcionalidade para a inclusão social das pessoas com deficiência. Levando-se em consideração a justificativa do período determinado, é interessante observarmos se nesses 10 a mídia favoreceu a inclusão social das pessoas com deficiência nessa década.

Imagem 1. Primeira cidade brasileira a ter uma legislação específica na eliminação de barreiras arquitetônicas – assinatura da Lei Municipal 4.090/ Junho de 1992. Fonte: Assessoria de comunicação da PMN.

Como demonstramos nos capítulos anteriores, a mídia impressa tem-se constituído num importante campo de circulação de informações, ou seja, é no discurso jornalístico que encontramos uma vasta fonte de informação que espelha parte dos conflitos da sociedade. Moscovici (1978) ao explicar a formação das representações sociais, comenta sobre estes conflitos vivenciados pelo homem na afluência das informações circulantes, e as implicações disso em suas vidas. Diante desse contexto, segundo o pensamento de Bourdieu (1989) estas

informações já vêm moldadas e formatadas de tal maneira a se adequar e fazer sentido no amplo jogo das significações, do bom senso que dá direção às relações do poder:

> Enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento "os sistemas simbólicos" cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou legitimação da dominação, e que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra violência simbólica. (BOURDIEU, 1989, p. 11).

A relevância social da pesquisa, "Inclusão e deficiência: em busca de representações sociais na mídia impressa de Natal/RN" nos levaram a escolher os jornais Diário de Natal/ O Poti e Tribuna do Norte, por terem estes jornais um elevado número de leitores em Natal, com abrangência em todo o Estado do Rio Grande do Norte, e por serem considerados importantes do ponto de vista político e social. Os jornais escolhidos apresentam a seguinte tiragem, de acordo com o Instituto Verificador de Circulação – IVC/2006:

Diário de Natal

Terça a Sexta	**8.500 exemplares**
sábado	**10.000 exemplares**
Domingo	**13.000 exemplares**

Fonte: Instituto Verificador de Circulação – IVC/2006.

Tribuna do Norte

Segunda a Sexta	**8.000 exemplares**
sábado	**10.400 exemplares**
Domingo	**13.300 exemplares**

Fonte: Instituto Verificador de Circulação – IVC/2006.

A partir da seleção dos textos, constituída por 613 matérias, submetemos a um processo de categorização prévia que teve como critério as temáticas abordadas. Neste aspecto, construímos categorias relacionadas às questões: da **conscientização** (seminários, encontros e palestras), das **barreiras arquitetônicas,** da **educação,** do **esporte/lazer,** da **inserção no mercado de trabalho,** da **saúde** e da **arte,** sobre as pessoas com deficiência.

Ao iniciarmos a análise do material, algo nos chamou atenção de forma contundente, verificamos que no período de 1992 a 2002, os anos de **1996** e **1997** são os que mais veiculam o assunto, objeto desse estudo, em ambos os jornais.

Constata-se que houve uma evidente concentração de atenção em relação à temática da deficiência e da inclusão social das pessoas com deficiência, nos referidos anos.

Essa atenção dada pela mídia, levou-nos a investigar quais os motivos para essa dimensão de valorização ao tema apresentado em 1996 e 1997, ao que deduzimos:

1. Realização de dois grandes eventos em Natal, seminários "Mídia e Deficiência", naqueles dois anos, respectivamente 1996 e 1997, com a presença de pessoas da área;

2. As paraolimpíadas realizadas em 1996;

3. A Resolução de nº 001/96 assinada pelo Conselho Estadual de Educação sobre a inclusão das pessoas com deficiência no ensino regular;

4. A implantação das urnas eletrônicas no Brasil e suas implicações para as pessoas com deficiência visual.

Esses acontecimentos convergiram para a atenção das mídias, e por essa razão são anos privilegiados para o nosso estudo. A quebra de rotina apresentada é um aspecto importante na objetivação de velhos propósitos e construção de novas representações sobre os mesmos (WAGNER, 1998).

A seguir, apresentaremos o Quadro 1, elaborado a partir das matérias veiculadas nos dois jornais -1992 a 2002 - segundo as categorias.

QUADRO 1 – Matérias veiculadas no Diário de Natal e Tribuna do Norte

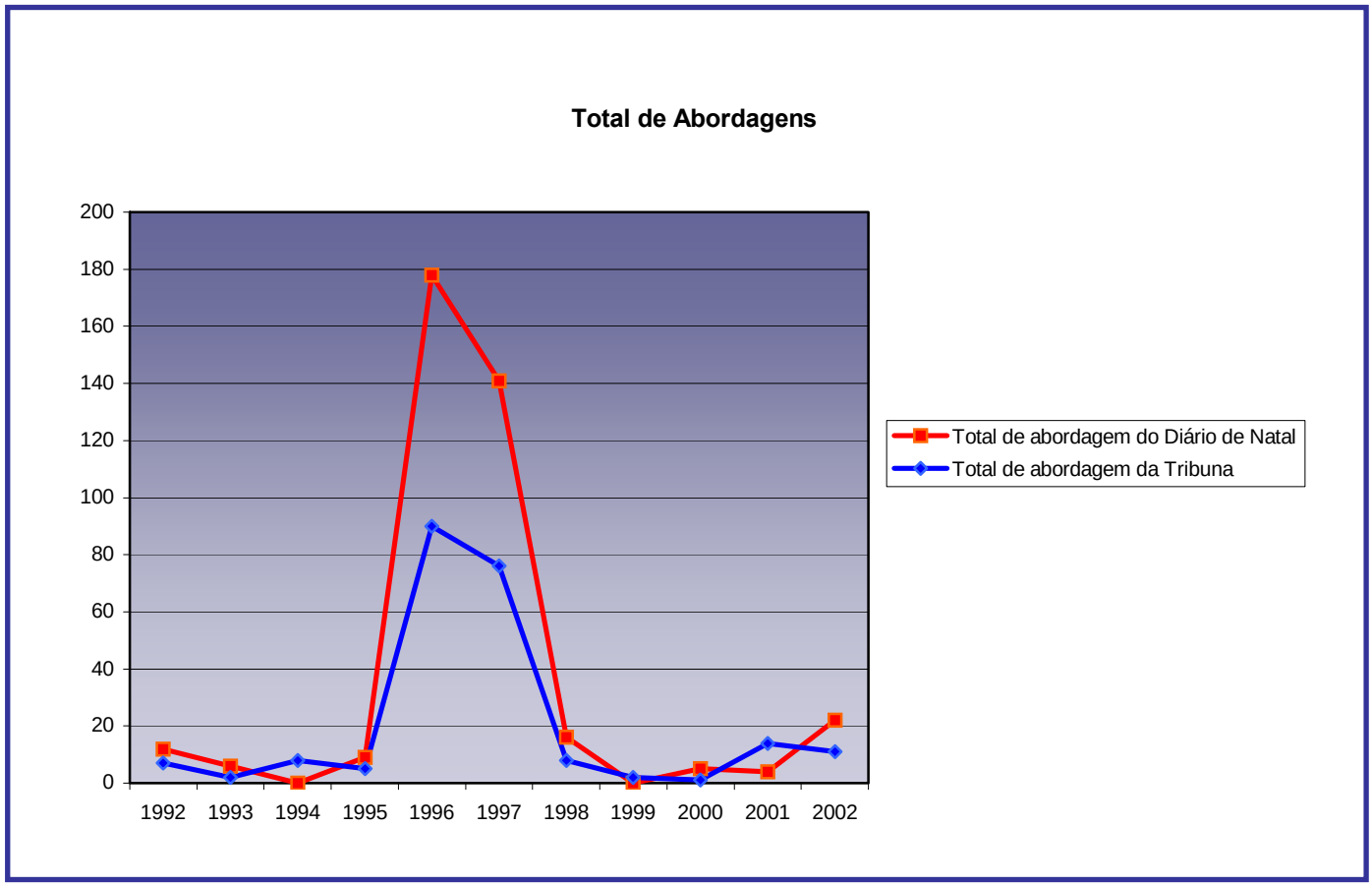
MATÉRIAS VEICULADAS POR ANO 1992 a 2002

	Tema \ Ano	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Diário de Natal	*Educação*	3				**35**	**15**	6		1		6
	Saúde	1	1			**27**	**3**	1				
	Barreiras Arquitetônicas	1				**15**	**33**	2				5
	Esporte/Lazer		1		2	**41**	**19**	1		1		1
	Conscientização	6	1		4	**49**	**51**	5		3	2	7
	Mercado de Trabalho	1			3	**1**	**2**				2	3
	Artes		3			**10**	**18**	1				
	Total de abordagem por ano	12	6	0	9	**178**	**141**	16	0	5	4	22
Tribuna do Norte	*Educação*	1				**7**	**9**				1	3
	Saúde					**2**	**2**					
	Barreiras Arquitetônicas				3	**8**	**13**	3	1		3	2
	Esporte/Lazer			2		**25**	**3**					2
	Conscientização	5	2	6		**32**	**44**	5	1	1	8	4
	Mercado de Trabalho	1			1	**7**	**2**				2	
	Artes				1	**9**	**3**					
	Total de abordagem por ano	7	2	8	5	**90**	**76**	8	2	1	14	11

5.1 LINGUAGEM GRÁFICA

Observando o **quadro 1,** constata-se o “pico” de abordagem sobre a temática nos anos de 1996 e 1997 em relação aos outros anos. Desta observação, surgiram os gráficos, seqüencialmente apresentados.

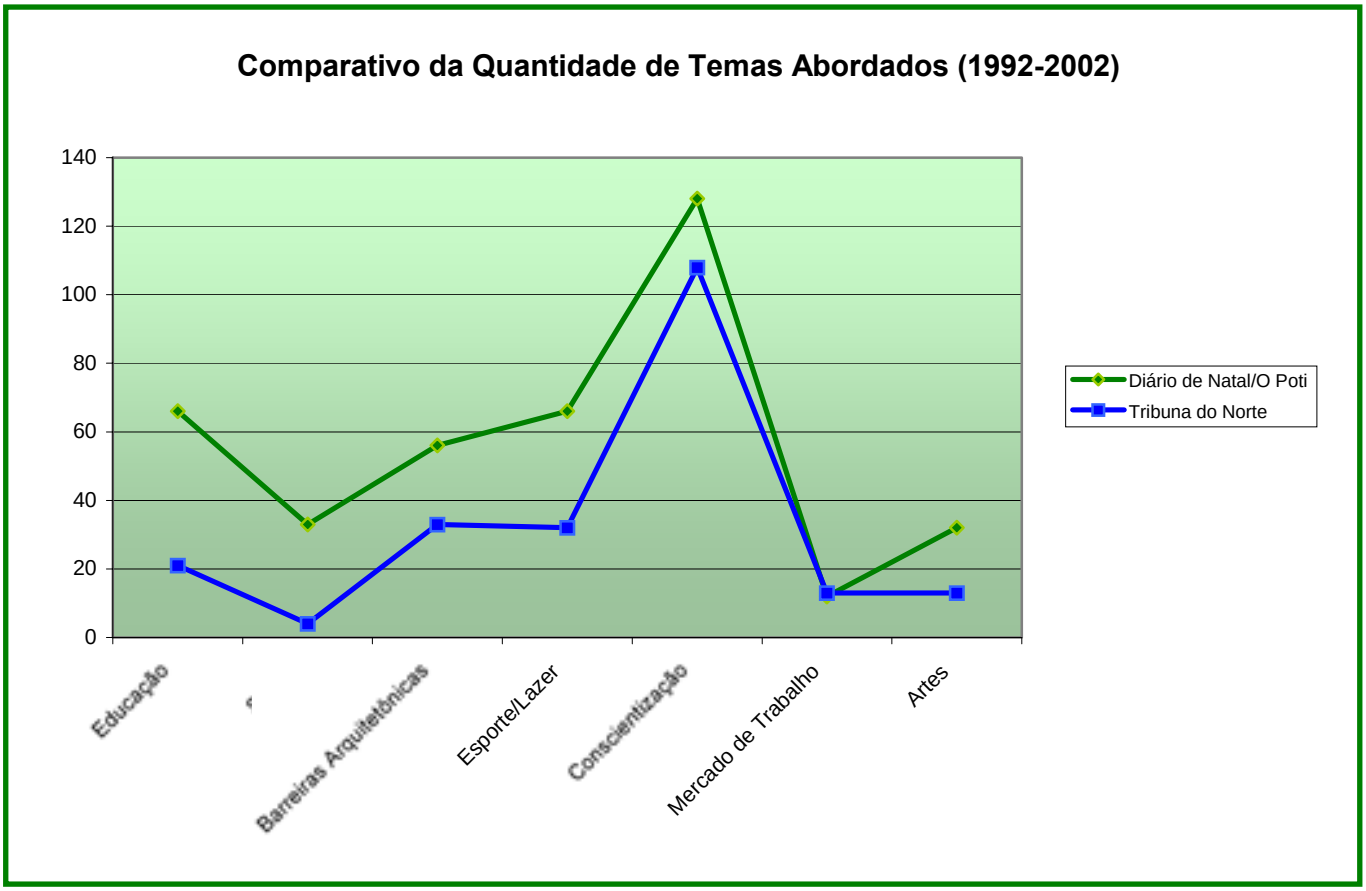
GRÁFICO 1 – Anos de pico: 1996 e 1997



No gráfico 1, constata-se, pelo pico evidenciado, que o jornal Diário de Natal/O Poti, deu mais espaço para a temática do que o jornal Tribuna do Norte.

Quando fazemos à comparação da quantidade dos temas abordados pelos dois jornais em relação ao período determinado, verificamos que os anos de 1996 e 1997 aparecem como um campo de doutrinação, cheio de sentidos e significados.

GRÁFICO 2 – Temas abordados

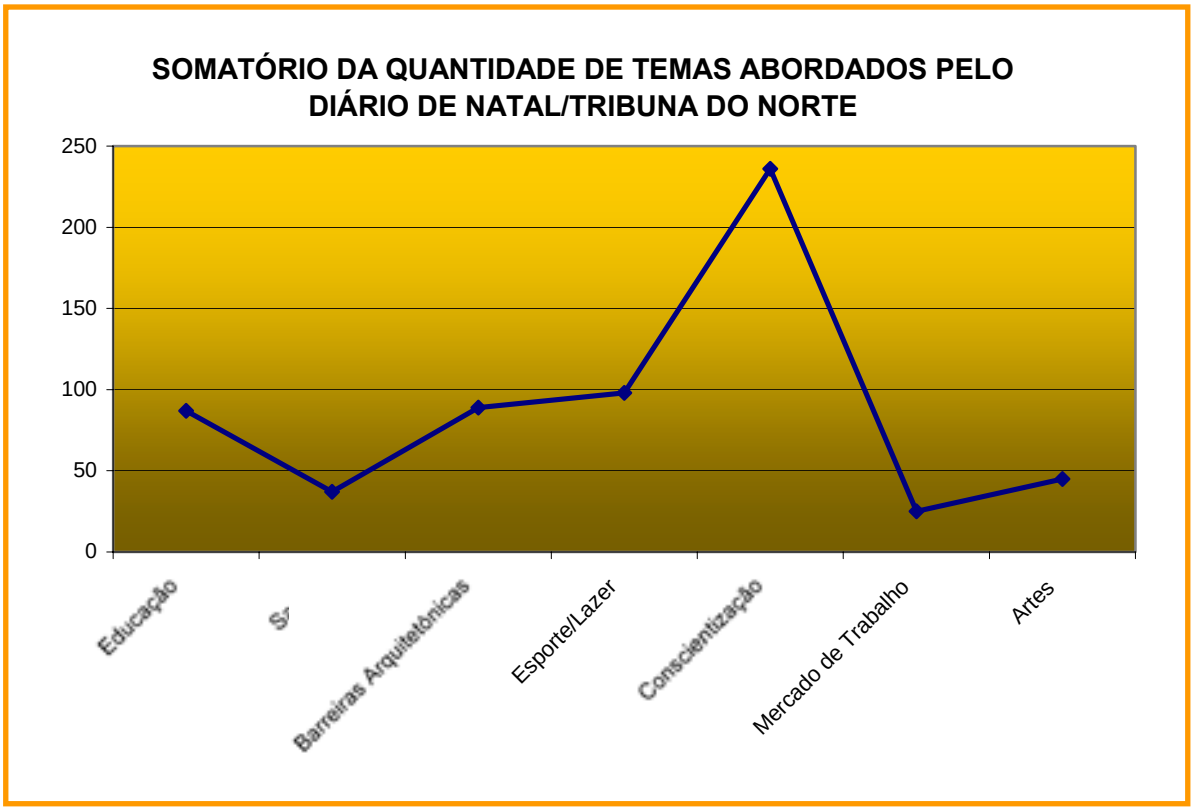


Do **gráfico 2,** podemos depreender que a temática da conscientização é dominante de maneira muito próxima, por ambos os jornais.

Esse domínio, quando relacionado às demais temáticas, tem uma relação de pelo menos o dobro de abordagem no período estudado, ou seja, o tema esporte/lazer, que é o segundo mais evidenciado, apresenta uma quantidade de aparição que equivale a 41,5% da quantidade de abordagem sobre o tema conscientização.

A proposição sobre barreiras arquitetônicas tem um percentual de 37,7%, seguido de educação com 36,9%, artes com 19,1%, saúde com 15,7%; e por último, mercado de trabalho com 10,6%, como podemos visualizar no gráfico 3 e quadro 2.

GRÁFICO 3 – Quantidade dos temas abordados

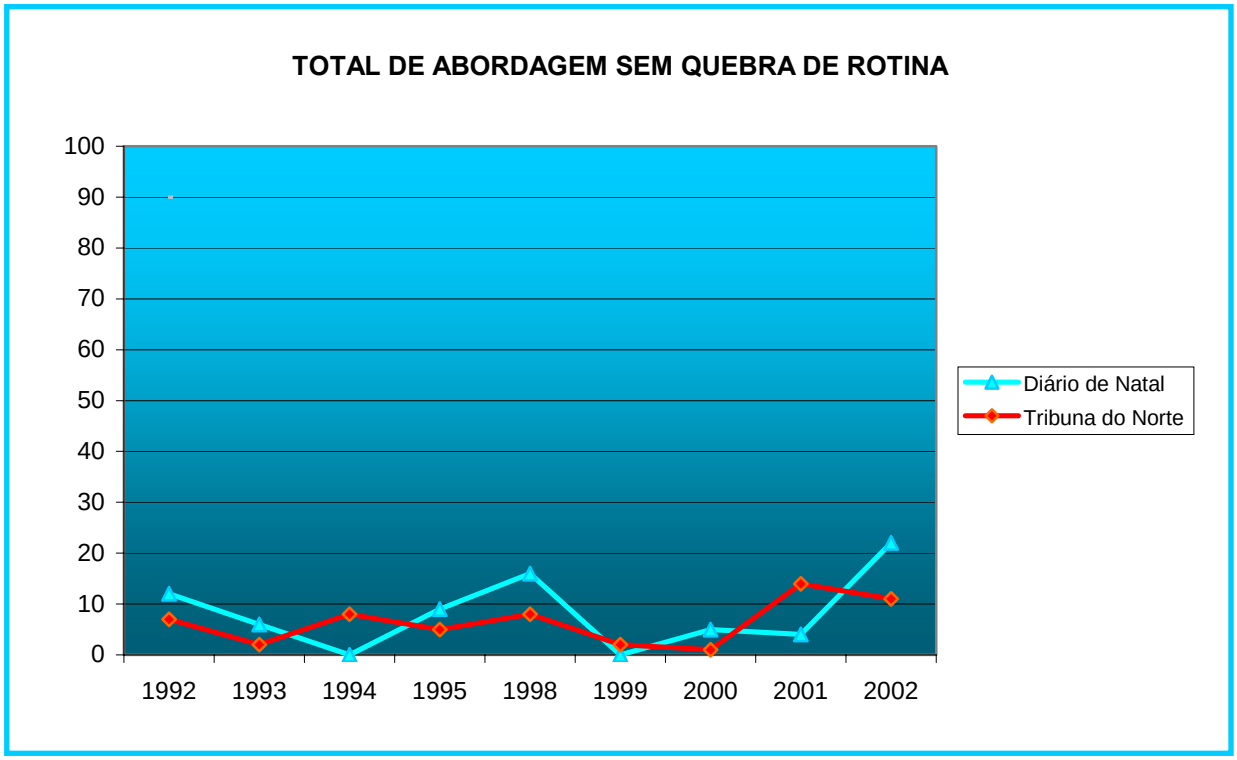


QUADRO 2 – Quantitativo dos temas

Tema	Somatório	Porcentagem
Conscientização	**236**	**100,0%**
Esporte/Lazer	98	41,5%
Barreiras Arquitetônicas	89	37,7%
Educação	87	36,9%
Artes	45	19,1%
Saúde	37	15,7%
Mercado de Trabalho	25	10,6%

Observamos ainda, que quando retiramos os anos de “pico” 1996 e1997 do **Gráfico 1**, constatamos que a representação da mídia impressa nos dois jornais sobre inclusão e deficiência aponta para a mesma direção, ou seja, é nítida a regularidade das matérias veiculadas anteriores e posteriormente, aos referidos anos. A atenção da mídia sobre inclusão e deficiência nos anos de 1992 a 1995 é praticamente a mesma de 1998 a 2002, como demonstra o gráfico 4.

Gráfico 4 – Sem quebra de rotina



De acordo com o gráfico 4, ao retirarmos do gráfico I os anos de 96 e 97 – anos de **Quebra de Rotina** – observamos a linearidade das representações sociais geradas e declaradas pela mídia impressa sobre a **inclusão e deficiência** no período determinado para este estudo. Vale ressaltar a fala de Wagner (1998), ao apresentar seu estudo desenvolvido na área da Biotecnologia no I Simpósio de Representações Sociais realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em Natal, ao afirmar que: “uma representação leva muito tempo para se modificar”.

Partindo desse pressuposto, a quebra de rotina, de 1996 e 1997, demonstra que as representações sociais de estruturas e eventos específicos, defendidas por Wagner (1998). São, na verdade, lutas de grupos específicos e que só são vistos a partir de “eventos” que chamem a atenção da mídia, ou seja, a objetivação torna mais famíliar e aproxima a questão de forma episódica, uma vez que a exclusão social das pessoas com deficiência está inserida no seio da sociedade, de forma ativa e dinâmica. Como demonstram os gráficos, só foi percebida com maior atenção pela **- mídia impressa -** em função dos eventos que permitiram conhecê-la.

Segundo Foucault (1986, p. 244);

> A relação de poder e a insubmissão da liberdade não podem ser separadas. Isto é, são possíveis outras leituras de um mesmo discurso, ou dentro dele, através dele, ou mesmo fora dele, à medida que a **omissão** também significa. (grifo nosso)

Considerando, segundo Moscovici (1978), que as representações sociais são teorias construídas coletivamente nas interações sociais, orientam a comunicação e a conduta dos indivíduos e grupos, como foi observado o preconceito, o estigma e a discriminação social ainda estão profundamente enraizados no pensamento, no comportamento e nas condutas das pessoas.

Comungando com as idéias de Wagner (1998), relacionadas aos eventos específicos, dos anos de 1996 e 1997, estes, deixaram um significado pouco persistente na inclusão social das pessoas com deficiência, uma vez que os anos subseqüentes apresentam a questão do mesmo modo que os anteriores àqueles (96 e 97).

A representação da mídia impressa aponta para o sentido da indiferença ou para certo “silenciamento” da questão social. Torna visível a temática, somente nos anos de eventos e acontecimentos específicos, não enquadrando de forma constante nos seus interesses particulares o sentido dessa luta social.

Em sentido amplo, a mídia como instituição de poder, intervém no tecido social, tanto como instrumento de representações sociais quanto como espaço construtivo de saberes, de marcos de referência simbólico, na medida em que trabalha na construção de sentidos, significados e imagens.

É importante destacar, ainda, de acordo com o **gráfico 4** que a quantidade nos dois jornais se manteve de forma linear, com média de aproximadamente seis matérias por ano.

O **jornal** tem grande responsabilidade pela formação das representações sociais e pelas repercussões dessas representações nas interações e práticas sociais. Os estudos de Moscovici (1978, 2003) revelam que as informações veiculadas pela mídia são responsáveis na construção da percepção pública de temas relevantes.

5.2 ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

Diante desses resultados, a natureza da representação pede e exige mais do estudo e visando aprofundar o conhecimento do conteúdo e organização dos elementos cognitivos e simbólicos que compõem as representações, buscamos elementos junto aos teóricos da linha cognitiva do estudo das representações sociais ligados à vertente estrutural. Abric (1994), seu principal representante, considera-os instrumentos mais ricos em informações para análise das representações sociais.

Diante desse pressuposto, optamos em aplicar outra técnica para uma melhor aproximação do conteúdo das representações sociais do objeto estudado. O método escolhido foi o de Associação Livre de Palavras, proposto por Abric (1994, p. 66) que considera como "uma técnica maior para coletar os elementos constitutivos do conteúdo de uma representação", tendo este sido aplicado nos jornalistas dos dois jornais – Diário de Natal/ O Poti e da Tribuna do Norte, no sentido de conhecer a subjetividade dos mesmos e, ainda, pelo caráter espontâneo (menos controlado) e a dimensão projetiva permitir o acesso ao universo semântico dos termos, implícitos ou latentes, que poderiam estar mascarados em produções discursivas.

A técnica de Associação livre foi realizada nas redações dos referidos jornais, e **gravada** com os jornalistas presentes, dia após dia até atingir o total de 34 profissionais, nas duas empresas. Segue-se descrição dos sujeitos, segundo: sexo, idade e formação de acordo com o quadro 3 abaixo.

Quadro 3 – Caracterização dos sujeitos de acordo com sexo, formação e faixa etária

	Nº DE SUJEITOS	SEXO		NÍVEL DE FORMAÇÃO		FAIXA ETÁRIA		
		M	F	C/ NIVEL SUPERIOR	S/ NÍVEL SUPERIOR	20-29	30-49	ACIMA DE 49
DIÁRIO	22	14	8	16	6	10	10	2
TRIBUNA	12	9	3	12	0	3	8	1

TOTAL	34	23	11	28	6	13	18	3
PERCENTUAL		**67,6%**	**32,4%**	**82,4%**	**17,6%**	**38,2%**	**52,9%**	**8,8%**

O perfil dos 34 jornalistas que prestam seus serviços profissionais aos jornais pesquisados sob o ponto de vista percentual apresentou: 82,4% de profissionais com formação de nível superior, 17,6% sem formação superior, 52,9% na faixa etária entre 30 e 49 anos, 38,2% entre 20 e 29 anos, 8,8% acima de 49 anos, 67,6% do sexo masculino e 32,4% do sexo feminino.

Após estabelecimento do perfil dos jornalistas, definimos duas palavras como indutoras/estímulos: **deficiência e inclusão.** Pedimos então para que os profissionais dissessem as três palavras que lhes vinham prontamente à mente, quando falássemos a palavra deficiência e inclusão, e quais as que consideravam mais importantes, e que justificassem a sua opinião. (anexo 1)

Para tanto, utilizamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2004), empreendida para a compreensão das justificativas para a formação dos grupos de palavras, pelos participantes. Essa análise promove o acesso aos sistemas e categorias e conceituais dos sujeitos. Para realização da análise de conteúdo, partimos das falas dos jornalistas, que foram gravadas e posteriormente transcritas. Nosso intuito é inferir sobre os conhecimentos relativos ao campo representacional de *deficiência e inclusão* e como seus sentidos são apreendidos pelos jornalistas. Adotamos em nosso estudo a definição de Bardin de análise de conteúdo:

> [...] a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2004, p. 33).

Dentre as técnicas de análise de conteúdo, trabalhamos com a análise categorial, na qual dividimos a mensagem em unidades, categorias, de acordo com os agrupamentos analógicos (BARDIN, 2004). Ou seja, quando categorizamos, diferenciamos os elementos pertencentes a um conjunto e os reagrupamos por analogia em categorias.

A categorização segue critérios previamente estabelecidos. No nosso estudo, adotamos o critério semântico, trabalhando com análise temática, investigando os núcleos de sentidos que constituem a comunicação através de temas. É a forma de categorização mais adequada ao nosso *corpus,* uma vez que se aplica a discursos

diretos e simples e ao estudo de motivação de atitudes, de representação, de valores, de crença, etc. (BARDIN, 2004). Por tema entendemos como uma unidade de significação, cujos tamanhos e limites não correspondem necessariamente à extensão de frase(s) ou parágrafo(s). Isto é, o que determina um tema não são correspondentes lingüísticos, mas asserção que tratam de um mesmo tópico de sentido.

Com base na análise temática, buscamos os temas nas justificativas dos jornalistas e, em seguida, formamos as categorias, diferenciando ou agregando esses temas a partir de sentidos. Utilizamos, para tanto, as regras que definem a qualidade de uma boa categoria elencadas por Bardin:

> - A exclusão mútua: esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão. [...]
> - A homogeneidade: [...] Um único princípio de classificação deve governar a sua organização. [...]
> - A pertinência: uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, é quando pertence ao quadro teórico definido. [...]
> - A objectividade e a fidelidade: [...] As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises. [...]
> - A produtividade: [...] Um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis: férteis em índices de interferências, em hipóteses novas e em dados exatos (BARDIN, 2004, p. 113 -114)

De acordo com Franco (1986), a objetividade das análises empreendidas decorre da interação ativa entre o conteúdo manifesto e explícito de uma comunicação e o sistema interpretativo do pesquisador.

A técnica da associação livre, pelo caráter espontâneo, diferentemente, do que é visivelmente percebido no contexto das redações dos jornais, nos permitiram recolher elementos constitutivos dos sentidos atribuídos a “inclusão” e “deficiência” presentes nos discursos jornalísticos. Examinar os sentidos atribuídos à inclusão e à deficiência, com a finalidade de apreender a subjetividade dos jornalistas, justifica-se, ainda, pelo contexto apresentados na linguagem gráfica anteriormente observada, dadas às referências constantes da falta de regularidade na abordagem da temática durante o período estudado: 1992 a 2002. A correspondência dos critérios categoria e freqüência harmonicamente relacionada constituem um indicador da centralidade dos elementos que condensam os conteúdos mais próximos da percepção dos jornalistas.

5.2.1 Diário de Natal/ O Poti

Inicialmente apresentaremos o quadro 4 que contém a categorização das evocações e as freqüências da palavra **deficiência** como estímulo indutor da percepção dos jornalistas do Diário de Natal/O Poti, e posteriormente a tabela 1 com as evocações e suas freqüências.

Quadro 4 – Categorização das palavras evocadas: Diário de Natal/O Poti "Deficiência"

SOLIDARIEDADE

Freq.	Palavra
1	AJUDA
1	VOLUNTARIADO
1	ONGS
1	AUXÍLIO
2	APOIO
2	NECESSIDADE
2	SOLIDARIEDADE

EDUCACÃO

Freq.	Palavra
1	SABER
1	DESCONHECIMENTO
1	INSUFICIÊNCIA
1	TÉCNICA
1	EDUCAÇÃO
1	FUTURO
1	CRIANÇA
1	DESINFORMAÇÃO

INCLUSÃO

Freq.	Palavra
1	PARAOLIMPÍADA
1	PERSEVERANÇA
1	AUTO-ESTIMA

EXCLUSÃO

Freq.	Palavra
1	IMPEDIMENTO
1	MENTAL
1	SOCIEDADE

PODER PÚBLICO

Freq.	Palavra
1	PODER PÚBLICO
1	EMPREGO
1	MORADIA
1	SAÚDE
1	POLÍTICA
2	SEGURANÇA PÚBLICA

TOTAL:
46 PALAVRAS
68 EVOCAÇÕES

Tabela 1 – Evocações e freqüências de palavras: Diário de Natal/O Poti
Estimulo indutor: Deficiência

CATEGORIAS	Quantidade de Palavras	Quantidade de Evocações	Freqüência ≥ 2
SOLIDARIEDADE	7 *15.2%*	10 *14.7%*	6 *60,0%*
EXCLUSÃO	**14** ***30.4%***	**29** ***42.6%***	**22** ***75,9%***
INCLUSÃO	11 *23.9%*	14 *20.6%*	5 *35,7%*
EDUCAÇÃO	8 *17.4%*	8 *11.8%*	0 *0,0%*
PODER PÚBLICO	6 *13.0%*	7 *10.3%*	2 *28,6%*
TOTAL	46	68	35 *51,5%*

A interpretação dos dados das evocações dos profissionais do jornal Diário de Natal/O Poti, com a palavra indutora **"deficiência",** nos possibilitou observar, de acordo com o quadro 4 das categorias e tabela 1, relacionada à quantidade de freqüência e evocações, que na categoria EXCLUSÃO as palavras **preconceito** (6 evocações), **dificuldade** (5 evocações) e **física** (3 evocações) são as evocações mais relevantes, mais e representativas, com freqüência igual e ou maior que dois que traduzem a categoria. Já na categoria INCLUSÃO a palavra **superação** (3 evocações) analisando-a de acordo com a freqüência igual ou maior que dois, é a que melhor representa a fala dos jornalistas do Diário de Natal/O Poti.

Portanto, o processo de "familiarização" com a deficiência se evidenciou na categoria exclusão pelo entendimento lógico da subjetividade dos jornalistas, manifestado no conteúdo das suas evocações, ou seja, deficiência é:

De acordo com esses pressupostos e com base nos resultados encontrados, inferimos que, os elementos constituintes da representação de deficiência são **preconceito** (f 6) **e dificuldade** (f 5**)** podendo ser compreendidos como descritores do objeto representacional "deficiência". Essas observações são pertinentes, ainda mais pelas justificativas atribuídas aos referidos vocábulos presentes nos depoimentos dos jornalistas:

> "Porque as pessoas vêem a própria palavra deficiência, ela joga uma totalidade em cima, por exemplo, das pessoas com deficiência que torna essas pessoas meio anuladas. Eu acredito que o **preconceito** que está atrelado à falta de conhecimento acaba resultando em idéias equivocadas a respeito da deficiência".
>
> "Porque tem que acabar com o **preconceito**, porque é justamente esse que a gente precisa abolir para os que estejam excluídos possam se incluir".
>
> "Porque acho que é o que cabe melhor deficiência é **dificuldade**".
>
> "**Dificuldade**! Acho que os deficientes ainda enfrentam muitas dificuldades".

Enquanto o elemento **superação (f 3)** indica uma prescrição normativa para a deficiência. Vejamos as justificativas dos jornalistas:

> “Quando você perguntou de deficiência eu pensei em **superação** porque lembrei Clodoaldo Silva[9], uma coisa está ligada à outra”.
>
> “Porque a cada dia a gente vê na mídia história de vida de pessoas que convivem com a gente e de pessoas que embora tenham deficiências físicas elas tentam **superar** essas deficiências e seguir com uma vida normal”.
>
> “Porque é o objetivo de todo mundo: estar se **superando**”.

Essas observações seguem na mesma direção, ou seja, é através da superação que se vence o **preconceito** e as **dificuldades** da exclusão e assim se conquista através da superação, a inclusão social das pessoas com deficiência.

Deficiência acarreta preconceito e dificuldade

↓↑

SUPERAÇÃO é a solução

Apresentaremos a categorização das palavras evocações e as freqüências da palavra **inclusão** como estímulo indutor da representação dos jornalistas do Diário de Natal/O Poti, e posteriormente a tabela 1 com as evocações e suas freqüências.

Quadro 5 – Categorização das palavras evocadas: Diário de Natal/O Poti “Inclusão”

INCLUSÃO

Freq.	*Palavra*
1	PARTICIPAÇÃO
1	JUSTIÇA
2	CIDADANIA
2	MUDANÇA
4	IGUALDADE
4	OPORTUNIDADE
5	ACOLHIMENTO
12	SOCIAL

EDUCAÇÃO

Freq.	*Palavra*
1	INFORMAÇÃO
1	CULTURAL
1	TEORIA
1	TRABALHO
1	UTOPIA
2	FUTURO
3	DIGITAL
7	EDUCAÇÃO

EXCLUSÃO

[9] O maior recordista brasileiro de medalhas paraolímpicas de todos os tempos.

Freq.	*Palavra*
1	MINORIA
1	DEFICIENTE
1	DESIGUALDADE
1	MULHER
1	PRECONCEITO
2	DIFICULDADE
3	NECESSIDADE
8	POBREZA

TOTAL
24 PALAVRAS
66 EVOCAÇÕES

Tabela 2 - Evocações e suas freqüências: Diário de Natal/O Poti
Estímulo indutor: Inclusão

CATEGORIAS	**Quantidade de Palavras**	**Quantidade de Evocações**	**Freqüência ≥ 4**
INCLUSÃO	**8**	**31**	**25**
	33,3%	***47%***	***80,0%***
EXCLUSÃO	8	18	8
	33,3%	*27,3%*	*44,4%*
EDUCAÇÃO	8	17	7
	33,3%	*25,8%*	*41,2%*
TOTAL	24	66	40
			60,6%

A palavra **social** (12 evocações) a partir do estímulo - palavra indutora – **inclusão** representa a categoria INCLUSÃO de forma relevante. Já nas categorias: EXCLUSÃO a palavra **pobreza** (8 evocações) representa a própria categoria exclusão, enquanto que a categoria EDUCAÇÃO a palavra **educação** (7 evocações) representa a categoria. Se observarmos o quadro anterior, podemos aferir que a freqüência das evocações das duas categorias Exclusão e Educação são praticamente a mesma, o que nos proporciona contemplar a ampla ligação entre pobreza e a educação apontada nas falas dos jornalistas do Diário de Natal/O Poti, quando justificaram as evocações apresentadas. Como exemplos:

> "Tem que capacitar a pessoa para se incluir, qualquer que seja a área no mercado de trabalho desde cedo. Se não **estudar** ta fora; já era! Não tem segredo".

> "Porque todos os problemas, acredito eu, se deve a uma boa formação do indivíduo, tendo **educação** não teria tantos problemas como se tem hoje".

> “Porque acredito que a **educação** é hoje a principal forma de melhoria social, principalmente a educação com inclusão. Hoje os deficientes, os cegos, qualquer pessoa que tenha qualquer tipo de dificuldade, seja ela qual for, para entrar no mercado de trabalho, para entrar na escola, para entrar na sociedade, ela não tem oportunidade de ser educada, ela já tem um fator a mais contribuinte para que não se insira nessa sociedade. Ela vai se marginalizar não financeiramente, não economicamente, mas socialmente. Se ela se marginalizar vai ficar alheia à sociedade e cadê ela!“.

Aqui, vale ressaltar as considerações de Carvalho (2003), acerca da pesquisa realizada sobre o professor brasileiro da escola pública de ensino fundamental, financiada pela UNESCO, que constatou:

> [...] eles agem com a representação social de trinta anos atrás, com o ideário da privação cultural, se é pobre não aprende e ele chega à escola pública com esta representação, que ele não sabe que tem, mas na pesquisa ficou evidente. Se ele representa que pobreza é sinônimo de carência [...] pobre não aprende.

Essa constatação se aproxima das falas dos jornalistas, onde se evidencia a consciência que eles têm da relação da educação com o contexto social - econômico no qual o indivíduo está inserido e que o deixa vulnerável à exclusão social. Ou seja, o poder simbólico da mídia, que é seletiva, e que trabalha com os significados, tanto como *meio* – veículo de comunicação – como *produto Social* que projeta e elabora as informações e o conhecimento numa relação dialética com a sociedade, não representa essa consciência.

A representação que é produzida e projetada socialmente pela mídia se compactua numa relação mais ampla estabelecida entre a educação e a sociedade. O contexto social forma e deforma a partir dessa interação, constatando-se a dificuldade de aceitação do diferente no seio da sociedade.

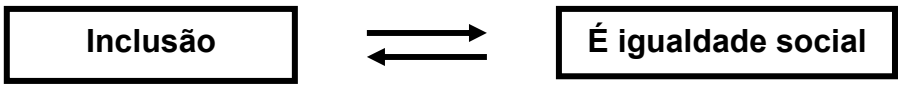
Nesse aparato social, diferente pode ser considerado, também, determinado segmento da sociedade que permanece igualmente discriminado e à margem do sistema educacional. È o caso dos superdotados, pessoas de altas habilidades, brilhantes e talentosos que, devido a necessidades e motivações específicas – incluindo a não aceitação da rigidez curricular e de aspectos do cotidiano escolar – são tidos por muitos como trabalhosos e indisciplinados, deixando de receber os serviços especiais de que necessitam, como por exemplo, o ensinamento e

aprofundamento curricular. Assim muitas vezes esses alunos abandonam, inclusive por dificuldade de relacionamento.

Moscovici e vários estudiosos da teoria concordam que a representação social é uma teoria do senso comum que orienta a comunicação e a conduta. Nesse sentido, se traduz que a consciência dos jornalistas está longe de ser concretizada. E está acima da realidade social que é rígida e desigual e que condiz com a representação apresentada na pesquisa acima referida, compartilhada pelos veículos de comunicação nas trocas cotidianas e que não representa a subjetividade e a autonomia dos jornalistas na construção de novas representações.

De acordo com suas evocações mais freqüentes, o **problema é social,** quase sempre ignorado**,** corroborando com as idéias da sociogênese de Wagner no campo de estruturas e eventos específicos que se representa provisório e descontínuo, como demonstram os gráficos anteriormente apresentados.

Com base nos resultados encontrados, inferimos que, as palavras constituintes das evocações **pobreza (f8) e social (f12)** podem ser entendidas como descritores do objeto representacional "inclusão", enquanto a palavra **igualdade** indica uma direção de forma enfática para que se tenha uma sociedade **inclusiva para todos.**



As justificativas dos jornalistas apontam para uma representação nessa direção, e para ampliar a compreensão descreveremos algumas a seguir:

> "Porque todo ser humano precisa ser tratado de uma forma **igual** por todos os seres humanos".

> "Porque a fome não tem sexo, não tem cor, não tem idade".

> "Acho que é o grande mal do Brasil hoje. A gente tem muita exclusão social, muita gente excluída do consumo, da educação, da cultura e do lazer, inclusive essas pessoas nesse roteiro".

"Porque não era nem para existir os exclusos! Todo mundo deveria ser incluso na sociedade como um todo ter saúde, educação, segurança e infelizmente não tem".

"Porque acho que é a missão de todos nós incluir os excluídos, sejam eles quais forem".

PROFISSIONALISMO	
Freq.	*Palavra*
1	CORRUPÇÃO
1	ECONÔMICA
2	MAU PROFISSIONAL
3	CARREIRA JORNALÍSTICA
3	SERVIÇO PÚBLICO

5.2.2 Tribuna do Norte

A técnica de associações livres de palavras dos jornalistas do jornal Tribuna do Norte seguiu o mesmo processo que utilizamos com as associações livres dos jornalistas do jornal Diário de Natal/O Poti e iniciaremos com o estímulo indutor **deficiência**.

Quadro 6 - Categorização das palavras evocadas: Tribuna do Norte "Deficiência"

EXCLUSÃO	
Freq.	*Palavra*
1	DESIGUALDADE
1	EXCLUSÃO
2	CARÊNCIA
2	DEFICIÊNCIA
2	INCOMPREENSÃO SOCIAL
2	NECESSIDADE
8	DIFICULDADE

INCLUSÃO	
Freq.	*Palavra*
1	CULTURAL
1	DIREITOS
1	EFICIÊNCIA
2	INCLUSÃO

TOTAL
17 PALAVRAS
36 EVOCAÇÕES

Tabela 3 - Evocações e suas freqüências: Tribuna do Norte
Estimulo indutor: Deficiência

CATEGORIAS	Quantidade de Palavras	Quantidade de Evocações	Frequência ≥ 3
EXCLUSÃO	**7**	**19**	**11**
	41,2%	***52,8%***	***57,9%***
INCLUSÃO	5	7	0
	29,4%	*19,4%*	*0,0%*
PROFISSIONALISMO	5	10	6
	29,4%	*27,8%*	*60,0%*
TOTAL	17	36	17
			47,2%

Na categoria EXCLUSÃO, a palavra **dificuldade** (8 evocações) é a que melhor representa a fala dos jornalistas da Tribuna do Norte, que ocorre a partir do estímulo - palavra indutora – **deficiência**, com freqüência maior e ou igual a três evocações e que dá à representação sua significação determinando a própria dificuldade das pessoas com deficiência de se incluírem socialmente.

Com base nos resultados encontrados, inferimos que o elemento constituinte da representação de “deficiência” pelos jornalistas do referido jornal é **dificuldade** pode ser entendido como descritor do objeto representacional deficiência.

Deficiência = Dificuldade

> “Porque deficiência pressupõe alguns limites que são **difíceis** de superar se não forem proporcionadas condições para isso”.

Apresentaremos a seguir o quadro 7 e as categorias alusivas ao estímulo indutor “inclusão” com os jornalistas da Tribuna do Norte.

Quadro 7 - Categorização das palavras evocadas: Tribuna do Norte
“Inclusão”

EDUCAÇÃO

Freq.	*Palavra*
1	CRIANÇAS
5	EDUCAÇÃO

INCLUSÃO

Freq.	*Palavra*
1	BENEFÍCIO
1	COMPREENSÃO
1	ESFORÇO
2	SAÚDE
2	RESPONSABILIDADE
2	SOLIDARIEDADE
3	DEMOCRACIA
7	INCLUSÃO

EXCLUSÃO

Freq.	*Palavra*
1	EXCLUSÃO
2	POBREZA
2	DEFICIENTE
6	SOCIAL

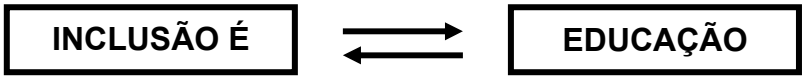
Tabela 4 – Evocações e suas freqüências: Tribuna do Norte
Estimulo indutor: Inclusão

CATEGORIAS	Quantidade de Palavras	Quantidade de Evocações	Freqüência ≥ 3
INCLUSÃO	**8** ***57,1%***	**19** ***52,8%***	**10** ***52,6%***
EXCLUSÃO	4 *28,6%*	11 *30,6%*	6 *54,5%*
EDUCAÇÃO	2 *14,3%*	6 *16,7%*	5 *83,3%*
TOTAL	14	36	21 *58,3%*

Segundo a análise de conteúdo das evocações dos jornalistas em relação ao estímulo indutor “inclusão”, a palavra EDUCAÇÃO (5 evocações) é a que determina a categoria, já palavra SOCIAL (6 evocações) determina a categoria da exclusão, reafirmada através da justificativa: “ É justamente essa parte da inclusão social das camadas menos favorecidas da sociedade, ter mais espaço dentro da sociedade”. A categoria INCLUSÃO (7 evocações) traduz a própria categoria com freqüência maior

e ou igual a três, podendo ser percebida ainda pela palavra **democracia** (3 evocações) como primordial para a **inclusão.**

De acordo com os resultados encontrados, inferimos que, a **educação** pode ser entendida como descritor do objeto representacional **inclusão** dos jornalistas da Tribuna do Norte**.**



> "As pessoas mais **instruídas** têm melhores chances de superar os problemas, as dificuldades e a concorrência da vida".
>
> "Acho que há uma necessidade, tem que ser feito. Mas acho que os nossos professores não são preparados para receber essas crianças. Inclusão social não é só dessas crianças portadoras de necessidades especiais, mas portadoras de necessidades gerais, por exemplo: cegos, surdos – mudos, paraplégicos, deficientes de um modo geral".

Diante dos dados acima analisados segundo o modelo analítico proposto por Bardin (2004), percebemos que eles apontam para uma consciência crítica nas falas dos jornalistas sobre a questão desse objeto de estudo. Ou seja, de ter a noção do que está acontecendo: Quando o estímulo é **Deficiência** os jornalistas apresentam uma mesma postura em ralação ao mesmo. Suas evocações mais representativas incluem-se na categoria "Exclusão".

Esse comportamento é percebido em ambos os jornais. Já quando o estímulo é **Inclusão**, as evocações mais freqüentes concentram-se na categoria "Inclusão", comportamento este, também observado nos dois jornais. É pertinente ressaltar que as evocações apresentadas têm valores semânticos muito próximos e sólidos, de acordo com a palavra indutora - deficiência e inclusão - que para serem alcançados, a sociedade precisa estar consciente do seu compromisso social e trabalhar em conjunto com a mídia no processo de visibilidade de uma sociedade para todos.

Portanto, de acordo com a subjetividade dos jornalistas, para se obter uma mudança o caminho vem através da igualdade social, que promova a "realidade" de ser mais sensível às condições da diversidade humana, possibilitando um contexto igualitário e de equiparação de oportunidades que permita as trocas e interações das experiências da história de vida de cada sujeito.

Uma representação, segundo Wagner (1998), ocorre num processo natural que leva tempo e que depende da sua sóciogênese, das suas raízes culturais na

qual o objeto foi concebido para ocorrerem mudanças. Dessa forma, seguindo o pensamento do autor, é preciso resgatar essa dívida histórica (apresentada no capítulo 1 desse estudo), quando apresentamos a visão histórica sobre a deficiência e os sentidos que a sociedade vem atribuindo à questão, diretamente ligada à memória coletiva, ao seu sistema de normas e valores.

Tais observações são, também, coerentes com os dados apresentados nos gráficos anteriormente expostos, ou seja: a objetivação, que é um mecanismo de distanciamento do que é familiar, está presente no cotidiano e só ganhou visibilidade através de eventos que quebraram a rotina - 1996 e 1997 - e que conforme constatamos através das análises de conteúdo, as matérias dos jornais Tribuna do Norte e Diário de Natal/O Poti. Reacenderam a chama da imagem da *deficiência* e da *inclusão,* numa espécie de **visibilidade provisória**.

Compreendemos, a partir da prática do jornalismo, que a quebra de rotina, enquanto estratégia comunicativa midiática, apenas permite dar uma maior visualização a determinados temas do cotidiano, mas, sem assumir elos de estabilidade com o que está divulgando.

É interessante esclarecermos que embora a prática jornalística esteja atrelada a um grupo de profissionais como repórteres, editores-chefe, assistentes, fotógrafos, entre outros, a produção da notícia, é sempre uma negociação com a sociedade e com os interesses e necessidades das organizações que ditam as regras do que vai ser publicado. As notícias, quando chegam à sociedade, já passaram por uma seleção e enquadramento daquilo que é exclusivo, inédito ou não, e que deve ser circulado socialmente.

De acordo com Wolf (1995) essas negociações do que deve ser notícia, ou não, constituem um conjunto de fatores que determina a noticiabilidade dos acontecimentos. Conforme o autor, essa *noticiabilidade* está associada *ao valor notícia*, ao caráter dinâmico das relações sociais e das transformações tecnológicas associadas à virtualidade da informação que permite efetuar cotidianamente a cobertura informativa, mas dificulta o aprofundamento e a compreensão de muitos aspectos significativos dos fatos apresentados como notícias, além do mais, o que é significativo hoje pode não ser mais amanhã.

Diante disso, conforme podemos perceber na imagem 2, ela denota uma pessoa com deficiência na condição de pedinte, podendo também ser traduzida/conotada como alguém incapaz, aliada à dificuldade de se incluir

socialmente. A fotografia ora apresentada retrata uma realidade na rotina dos transeuntes que circulam na Avenida Prudente de Morais e adjacências do Estádio João Machado. Trata-se de um objeto do cotidiano da cidade: essa imagem permanece até hoje nesses arredores de Natal, fazendo parte do seu discurso urbano.

Imagem 2. SUSTENTO – Moacir dos Santos é pedinte desde os dois anos de idade. Fonte: Tribuna do Norte/97

Conforme Barthes (1984, p.12-22) “a fotografia sempre remete a seu referente no âmago do mundo em movimento”, mas esse referente por sua vez, é fruto do desejo de quem a fotografou, ou seja, a fotografia descreve o visível, mas esconde, silencia, outras tantas dimensões do real não necessariamente flagradas dessa mesma realidade que estamos nos referindo. De acordo com o nosso entendimento, o objeto fotografado, reflete apenas determinadas dimensões da realidade da inclusão em nossa cidade colaborando numa leitura mais ampliada do nosso objeto de investigação.

Em outra publicação, Barthes (2001, p. 224) nos ajuda a compreender que a cidade é um discurso permeado por diversas linguagens. Ou seja:

> A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a.

Embora o nosso objeto de estudo esteja voltado para o discurso do jornal impresso, é inegável a estreita relação entre esse discurso e a cidade de Natal/RN, enquanto *lócus* da pesquisa, afinal, estamos discutindo a produção de sentidos dos jornais desta cidade, e não de outra. Então, nos jornais da cidade, também podemos observar a sua cotidianidade comunicativa, ou seja, o jornal como suporte de difusão, da informação, tem na cidade, o seu campo de significação maior. Daí ser importante para a nossa pesquisa, identificar no discurso da cidade, viabilizado pela mídia, as vozes da inclusão e também os seus esquecimentos.

Imagem 3. ACESSO – Cadeirantes esbarram na falta de estrutura. Fonte: Tribuna do Norte/2002

Imagem 4. REFERÊNCIAS - Os cegos utilizam os outros sentidos para poder andar pelas ruas, sempre com a ajuda do uso da bengala. Fonte: Tribuna do Norte/97.

A cidade é um discurso e fala aos seus habitantes. O próprio espaço urbano tem um sentido que se revela na falta de funcionalidade para as pessoas com deficiência, conforme podemos perceber nas imagens acima apresentadas; elas **se representam por si mesmo.**

O professor José Manuel Cabada Alvarez, em conferência proferida no Congresso Ibero-Americano de Educação Especial, em novembro de 1998, na cidade de Foz do Iguaçu-Brasil, chamou a atenção sobre o "conceito de **imagem**" que se tem em relação às pessoas com de deficiência. Segundo o citado professor, a imagem se move em torno da aparência, da expressão, do conceito que um grupo tem do outro. Para o mesmo, *"em volta da imagem, está a imaginação de formar imagem, representando mentalmente uma coisa, e em oposto está o objeto, a intenção, a realidade*." É necessário aprofundar o conceito de imagem, pois é algo bem mais que a aparência.

Alvarez situa a imagem em três planos, que desembocam em três direções: a primeira, a imagem comunica algo pelos caminhos da linguagem, movimentos, gestos e figuras - plano da comunicação; a segunda, a imagem significa algo e, nesse sentido, maneja, se deixa conduzir - plano da cultura; e na terceira direção, mudamos de rumo e situamos o plano da hereditariedade, ou seja, da origem do ser. Combinando estes três planos de imagem que estão superpostos e que são difíceis de separar, poderemos construir um modelo funcional para abordar as imagens.

Qual é a imagem das pessoas com deficiência? Podemos nos mover em três âmbitos, com base na percepção de Alvarez (1998):

a) **Ausência da teoria** - O processo de formação de atitudes se baseia no conhecimento que temos em relação aos problemas e soluções da pessoa com deficiência, bem como na informação. Se não há informação, não há atitude, e se a informação for incompleta, errônea e imperfeita, a atitude será negativa. Uma informação clara e bem apresentada é, portanto, a base de uma mudança de atitude diante da pessoa com deficiência.

b) **Não querer conhecer -** Todos nós temos capacidades e incapacidades, tratamos de ocultar nossas limitações e ressaltamos nossas capacidades. Por que então, ressaltar somente as incapacidades da pessoa com deficiência e não tratar de conhecer suas capacidades?

c) **Círculo vicioso -** O exemplo mais extremo da desvalorização de uma pessoa com deficiência é a forma como é contemplada sua deficiência, chegando a ser sinônimo de sua identidade como pessoa. Este círculo vicioso se intensifica por duas vias: por uma, a pessoa com deficiência vive geralmente em baixas expectativas e reduzidas oportunidades; por outra, os estereótipos negativos vêm respaldados socialmente pelos agentes e mediadores sociais.

A partir do pensamento do autor a imagem social da deficiência é como uma ilustração consensuada socialmente sobre essas múltiplas imagens criadas na sociedade e pela sociedade. Essa trajetória defendida pelo autor se coaduna com o pensamento de Moscovici (1978) sobre o processo de construção das representações sociais, onde as imagens aparecem como elementos constitutivos da representação.

As imagens sociais são as que se manejam e se reforçam nas interações sociais, na comunicação e na cultura. A percepção e imagem negativa das pessoas com deficiência, em que a primeira impressão da deficiência é a que predomina, considerando essas pessoas incapazes para a realização de muitas ações e a própria sensação de estar-se molestado, incomodado com a pessoa com deficiência, comprovam esta percepção da imagem negativa que têm as pessoas sem deficiência sobre aquelas que apresentam alguma deficiência.

A atitude negativa diante da pessoa com deficiência, como por exemplo, o paternalismo, leva essas pessoas a serem consideradas diferentes dos demais, necessitando de proteção, limitando seu próprio potencial e sua capacidade de decidir. O desconhecimento do potencial dessas pessoas leva aqueles com quem convivem, mesmo eventualmente, à beneficência, a atitudes de compaixão e lástima, parecendo serem pessoas necessitando de assistência permanentemente.

A visão global que a sociedade tem das pessoas com deficiência é da existência de uma *eterna ausência* de atributos, de capacidades, habilidades, entre outras. Essa visão é tão estereotipada historicamento que a condição de cidadão é muito mais legitimada pelo seu silenciamento. Quando essas imagens são exteriorizadas são sempre percebidas como fonte de gastos e como dependentes de serviços, sendo consideradas enfermas, isoladas socialmente, ou seja, não sendo contada a sua efetiva participação social. Essas imagens sociais uma vez construídas concorrem para as mais diversas formas de representação social da

deficiência, tais como: os estigmas e os preconceitos, enquanto elementos que correspondem a uma cultura concreta revelada nas atitudes individuais e sociais.

Tradicionalmente, o veículo de transmissão das representações sociais tem sido a cultura, as transformações artísticas e a interação pessoal. Hoje, as representações sociais se transmitem também através da educação e, cada vez mais, pelos meios de comunicação. Os meios de comunicação são poderosos instrumentos de criação e modificação das representações sociais no mundo atual. São responsáveis por revelar, instituir e transformar as representações sociais. Para promover qualquer ação comunicativa sobre as pessoas com deficiência é, portanto, fundamental conhecer suas representações sociais.

Assim, percebemos na subjetividade das falas dos jornalistas em relação às palavras **deficiência e inclusão**, como o estímulo indutor para a aplicação do método das associações livres de palavras, que os profissionais têm consciência da questão, porém, dependem do interesse da sociedade, dos interesses do jornal, que é uma mídia controlada, e que atua de acordo com a linha editorial e ao grupo político ao qual pertence.

É pertinente apontar que a visibilidade da temática, após os anos de pico, continuou sem evidência na mídia impressa, como demonstram os gráficos. Portanto, a relação entre a mídia e a inclusão social das pessoas com deficiência estrutura-se em uma complexa dialética na qual a compreensão de uma das partes exige o conhecimento da outra.

A partir dos quadros, tabelas, gráficos e da aplicação do método da associação livre de palavras com os profissionais dos dois jornais, através da análise de conteúdo, material acima apresentado como processo metodológico de análises dos dados, em relação ao nosso objeto de investigação **Deficiência e inclusão: em busca das representações na mídia impressa de Natal/RN**, leva-nos a perceber que os sentidos e significados sobre a questão, sucumbem ao poder simbólico, hegemônico, dominador. Que não permite uma possibilidade de visibilidade à inclusão social das pessoas com deficiência, já evidenciado no capítulo III, deixando-os na dependência de eventos específicos que chamem a atenção da sociedade para exteriorizá-los. Na verdade, pode ser observado que não há uma relação dialética entre a sociedade e a mídia acerca da questão, e sim, esforços isolados de algumas pessoas e instituições que atuam na área.

Portanto, melhorar a qualidade desse produto editorial também parece meta pouco valorizada, até porque as redações jornalísticas e a sociedade, ainda não contam com referências que lhes permitam dizer o que é uma abordagem de excelência no tocante à deficiência. É imprescindível que o jornalista conheça conceitos básicos como inclusão, ambiente inclusivo, trabalho inclusivo, educação inclusiva, enfim os direitos das pessoas com deficiência.

5.3 ANÁLISE LEXICAL POR CONTEXTO DE UM CONJUNTO DE SEGMENTOS DE TEXTOS – ALCESTE

Essa constatação nos levou para outro campo de análise dos textos, dos anos de pico, 1996 e 1997, através do programa informático ALCESTE (Análise Léxica por Contexto de um Conjunto de Segmentos de Texto), de origem francesa de autoria de Max Reinert (1990). Ele apresenta uma análise de classificação que permite oferecer contextos (classes lexicais) que são caracterizados pelo seu vocábulo e pelos segmentos de textos que compartilham este vocábulo. A projeção das classes com seus respectivos textos distribuídas nos quadrantes, nos ajudaram a interpretar e a aprofundar as conclusões do nosso estudo. O *corpus* compreendeu trezentos e oito textos, conforme exposto no quadro:

Quadro 8 - Quantidade de textos analisados nos anos de 1996 e 1997

Diário de Natal/ o Poti	Tribuna do Norte	Ano
121	55	1996
98	34	1997
Total do DN: 219	Total da TN: 89	Total Geral: 308

É pertinente destacar que o Diário de Natal/ O Poti deu maior visibilidade ao tema nesses dois anos de “pico” como demonstra a tabela acima.

No caso desta análise, iniciamos pelo jornal Tribuna do Norte/1996, apresentando o dendrograma, numa escala de 0 a 100 podendo ser visualizada a porcentagem de contribuição de cada classe na ramificação do conjunto.

É pertinente ressaltar que nesse estudo nos detemos a analisar os sentidos e os significados das classes determinadas pelo referido programa. Uma vez que em todos os textos que formaram cada classe, a luta pela inclusão social das pessoas com deficiência, como comprovam os gráficos apresentados anteriormente nesse percurso metodológico, que as pessoas com deficiência costumam ser lembradas somente quando são focos de projetos ou eventos específicos, tanto na área governamental, privada e da sociedade civil.

Antes e **após** os anos de "pico" 1996 e 1997 o comportamento da mídia permaneceu com a mesma regularidade nos jornais Tribuna do Norte e Diário de Natal/O Poti. O que levou-nos ao questionamento. Afinal, a inclusão social das pessoas com deficiência interessa a quem? A sociedade precisa chamar a atenção da mídia para a realidade cotidiana que essas pessoas vivenciam?

Na verdade, acreditamos que são os acontecimentos advindos da sociedade mais ampla que pautam as notícias sobre a inclusão das pessoas com deficiência e quando são veiculadas, são resultados mais dos esforços individuais do que das linhas editoriais consolidadas.

Para que a imprensa venha a desempenhar com eficiência o papel social que lhe cabe no processo de seleção da notícia, será necessário, portanto, que se cristalize uma cultura na sociedade, capaz de levar a mídia impressa a pensar sobre as questões inerentes ao desenvolvimento humano e à inclusão social como uma abordagem permanente à cobertura oferecida a todas as grandes temáticas.

Assim, essa nova dinâmica cria as condições de existência de um canal de circulação permanente e mostra a existência dessa luta social.

Diante disso, o pensamento de Wagner (1998) em relação ao campo dos eventos de estruturas específicas, no qual ocorre à quebra de rotina, é legitimado, quando propicia um novo olhar para algo que estava ali no cotidiano. A seguir iniciamos a análise dos sentidos apreendidos nos textos através do programa ALCESTE.

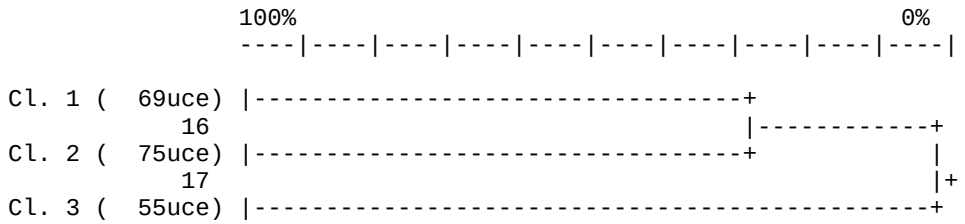
O dendrograma que apresentaremos a seguir leva à constatação de que a luta é a do convencimento **- conquista da cidadania -** que terá que vencer o poder hegemônico que está contextualizado nas redações dos jornais, em virtude dos seus interesses aliados aos da sociedade. É um trabalho que alcançará melhores resultados quanto mais a mídia se apropriar dessa reflexão e exercer sua função social. A meta é que a própria sociedade pressione a mídia por um jornalismo mais

educativo engajado e proativo, o que é comum em relação a determinados temas. Para Freire (1967):

> A realidade é feita pelos homens e pelos homens pode ser mudada; não é algo intocável, um fado, uma sina, diante da qual só houvesse um caminho: a acomodação. A realidade não é apenas o que está aí; é também o que virá. O possível.

A utopia já está desenhada no projeto de quem quer transformar; basta preenchê-la com nossas ações e lutas. Ou seja, é possível acreditar que vai acontecer alguma mudança, desde que a sociedade civil tome conhecimento a respeito de como está organizada a mídia impressa - objeto deste estudo - e acreditar que ela pode e precisa ser socializada.

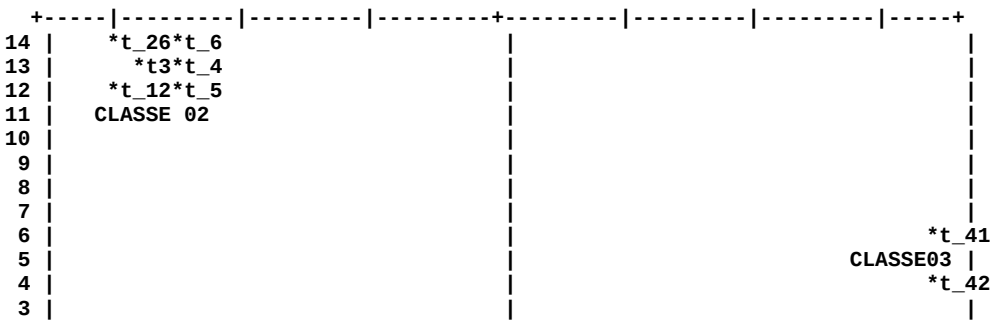
Dendrograma 1 – TN/96

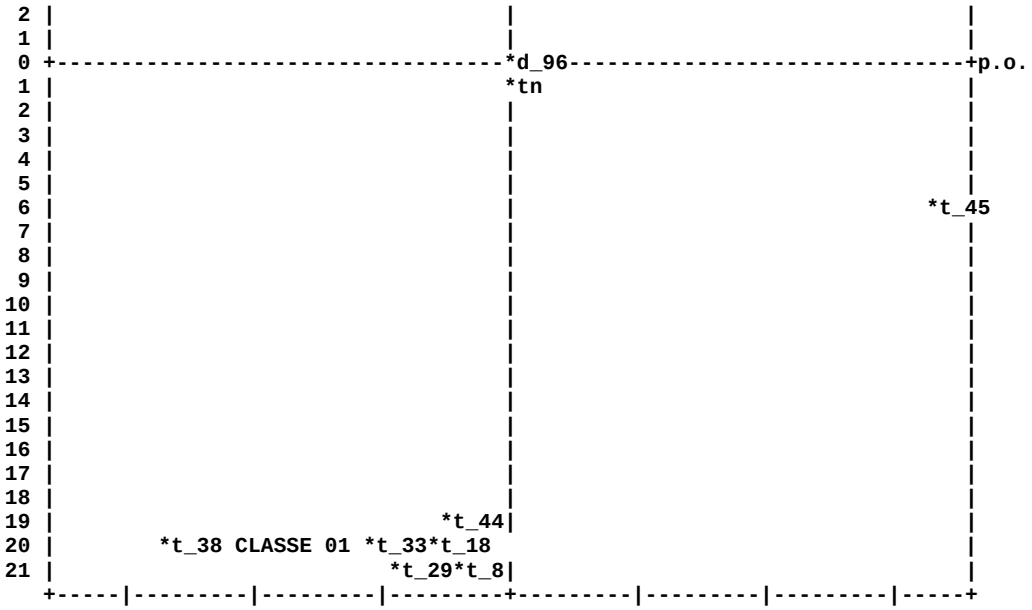


Esse dendograma demonstra que os textos analisados pelo programa ALCESTE, cuja temática é alusiva às pessoas com deficiência, são constituídos por três grupos semânticos, aqui denominados de classes.

Ao analisarmos o conteúdo de cada classe apresentada pelo programa percebemos claramente seu significado em função da freqüência das palavras encontradas em cada uma, bem como do grau de correlação que elas mantêm com o conjunto, em sua totalidade. A **classe 1** é formada pelos textos: 8, 18, 29, 33, 38 e 44; a **classe 2** pelos textos 3, 4, 5, 12, 13 e 26, e a **classe** 3 pelos textos 41 e 42.

Gráfico 5 - Projeção das classes – textos TN/96





Pode-se observar que a **classe 01** aborda a temática com maior ênfase em relação à questão dos direitos à cidadania inerente às pessoas com deficiência. As urnas eletrônicas, lançadas em 1996, chamam a atenção para as possíveis dificuldades que as pessoas com deficiência visual teriam no ato de exercer sua cidadania, além de ressaltar um outro direito de cidadania: o de ir e vir, emanado pela Lei Municipal nº 4090/92 e a prática esportiva como demonstram os recortes discursivos abaixo retirados de alguns textos, considerados mais relevantes pelo programa, denotam o significado de cidadania atribuído pelos seus autores. Se não, vejamos:

Texto 08 – TN/96

Cegos terão dificuldades para confirmar votos. Uma falha do sistema de votação é a ausência de um dispositivo de reconhecimento de voz para cegos [...] Segundo o funcionário do TRE, que ontem fazia a simulação com urna eletrônica, muitos números, como o quarenta e quatro, podem apresentar problemas, não só para deficientes visuais como para as pessoas sem problemas de visão.

Texto 18 – TN/96

SOS. O Suvag faz campanha para construir sede. A entidade, fundada há quinze anos, possui cento e cinqüenta alunos, oferece atendimento a dois mil pacientes e passa por dificuldade financeira [...].

Texto 29 – TN/96

Promotor manda instalar elevadores em prédio construído por universidade [...] A lei determinada que cinco anos após sua vigência,

ou seja, no próximo ano, que todos os edifícios dentro dessas características, sejam adaptados.

Texto 33 – TN/96

[...] Restou ao prefeito desviar o rumo das obras do projeto Cidade para Todos [...] que prevê construção de vias de acesso ao centro da cidade para deficientes.

Texto 38 – TN/96

Futsal de cegos. O RN vence a Paraíba por 2 a 1 e devolve o placar de Recife [...]

Texto 44 – TN/96

Esporte. A história dos atletas que tiveram as carreiras ameaçadas pela loucura do fanatismo. Aolimpíada centenária de Atlanta, o maior evento esportivo deste século [...]

Portanto, a classe 01 se caracteriza através dos textos selecionados pelo programa ALCESTE como a classe destinada à **cidadania,** a partir da dificuldade concreta de votar e exercer sua cidadania na hora de escolher seus representantes, ausência de acesso, o direito de **ir** e **vir,** aliadas as outras dificuldades passadas em relação ao esporte e legitimada pelos os recortes discursivos apresentados.

A **classe 02** aborda de forma evidente a questão da educação como fator de conscientização, aliada a falta de equiparação de oportunidades, geradas pelo preconceito e, sobretudo pelo olhar da política educacional inclusiva que ainda não está voltada para todos, que culmina com a falta efetiva de uma política de apoio para área, conforme atestam os recortes discursivos abaixo:

Texto 03 – TN/96

[...] Recentemente, a nossa presidente precisou proferir uma palestra sobre a Síndrome de Down num congresso e solicitou algumas informações pedagógicas como forma de preparo [...]

Texto 04 – TN/96

Integração e Deficiência: a tentativa de explicar uma contraditória convivência. Na busca de consolidar os direitos do portador de deficiência, no seio da sociedade, a nova política nacional de Educação Especial, vem adotando critérios que ampliam a responsabilidade de atuação da escola, passando esta a assumir ações viabilizadoras de integração entre alunos normais e deficientes, garantindo desta forma que a educação alcance efetivamente a todos [...]

Texto 05 – TN/96

Jornalista e CORDE/RN lançam prêmio de redação sobre deficiência física no RN. Concurso é um passo para acabar com o preconceito.

> [...] Aproveitando o pique do concurso jornalístico, a Corde e o Sindjorn realizarão um seminário com o tema: Deficientes e Mídia [...]
>
> **Texto 06 – TN/96**
>
> [...] Nessa abordagem os técnicos vão falar sobre o projeto Escola, que vivencia, especificamente, como o professor deve se portar diante do deficiente e mostrar a lei que assegura a sua inserção na rede regular de ensino [...]
>
> **Texto 12 – TN/96**
>
> CRI precisa de ajuda para manter horta [...] Além de propiciar para as crianças e adultos portadores de deficiência física a oportunidade de novas formas de terapia. Trabalhar com crianças ao ar livre dá bons resultados, pois, a falta, sonorização e noções de quantidade são atividades pedagógicas com melhor assimilação [...]
>
> **Texto 26 – TN/96**
>
> [...] Desmistificar preconceitos, colocar em prática os direitos garantidos e resgatar a cidadania das pessoas que são portadoras de deficiência. Estes são os maiores desafios do próximo milênio. Estes são os maiores desafios do próximo milênio na opinião da artesã, Ana Cristina Souto de Oliveira, trinta e dois anos, que faz hoje a abertura do seminário A mídia e a pessoa portadora de deficiência. Atualmente, Cristina que é portadora da Síndrome de Down [...] Cristina está terminando o segundo grau, trabalha no Colégio Colibri rj, como vendedora do Círculo do Livro e como artesã [...]

Assim, podemos perceber que a classe 2 é caracterizada através da análise dos textos do programa ALCESTE pela **educação** e **conscientização** respaldando a forte ligação com a **cidadania** evidenciada na classe 01.

Na **classe 03** a temática é abordada pela mídia de forma coesa na valorização do esporte e da sua importância para a inclusão das pessoas com deficiência, como pode ser evidenciado pelos recortes discursivos a seguir:

> **Texto 41 – TN/96**
>
> A emoção das famílias dos medalhistas de natação. Genesi Andrade garante uma medalha de prata e Gledson uma de bronze. Os potiguares continuam fazendo a festa em Atlanta, EUA. Desta vez nas paraolimpíadas, as olimpíadas dos deficientes físicos, que acabam no dia 25 deste mês [...]
>
> **Texto 42 – TN/96**
>
> Potiguares paraolímpicos estarão em Atlanta. Dos onze nadadores brasileiros que vão aos jogos, seis são do RN inclusive, um recordista mundial. O Brasil já começou a viver toda tensão que antecede uma Olimpíada, na qual terá grandes possibilidades de medalhas [...] Além de Virna no volleyball e Oscar Schmit no basquete, seis atletas potiguares com grandes e expressivas possibilidades de medalhas irão às Olimpíadas, ou melhor, as paraolimpíadas desmembramento das Olimpíadas [...] O Brasil estará representado por cinqüenta e sete

> atletas nas mais diversas modalidades, com uma subdivisão em dez categorias de acordo com o nível de deficiência [...]

Como atesta o programa ALCESTE, verificamos que a distribuição dos textos nas 03 classes apresenta sentidos e significados muito próximos. Por situar a questão da deficiência em seus diversos aspectos, há uma incidência de termos que se referem à luta e a conquista de quebra de barreiras físicas e atitudinais, que refletem a busca pela equiparação de oportunidades das pessoas com deficiência.

Nessa perspectiva, essas classes constroem um núcleo específico de sentido, apontando para as **"dificuldades"** de articular ações de inclusão, em diferentes dimensões e níveis, ou seja, o direito à **educação** para que as pessoas com deficiência possam exercer esse direito efetivamente; é imprescindível que a escola de ensino regular se prepare para as mais diversas situações, mediante atendimento as necessidades dos alunos inseridos no ensino regular; no **esporte**, apesar das medalhas conquistadas nos jogos paraolímpicos de Atlanta (USA), se estabelece de forma segregativa.

Como diz Boaventura de Souza Santos no manual de Educação Inclusiva, editado pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC), lançado nos seus dez anos de criação: Temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a sermos diferentes, quando a igualdade nos descaracteriza.

Diante desse contexto, não se espera mais que a pessoa com deficiência se integre por si só, mas que os ambientes, inclusive o educacional, se transformem para possibilitar essa inserção, sendo preparados para todas as pessoas indistintamente. Vale salientar que a perspectiva da educação inclusiva vai além da deficiência. Esta é apenas uma das áreas que seriam beneficiadas com ela.

A qualidade da educação é que está em debate porque hoje não se considera a diversidade dos alunos, os níveis de necessidades e as características individuais. A proposta da educação inclusiva é para melhoria da qualidade de ensino para todos e não só para incluir pessoas com deficiência na sala de aula.

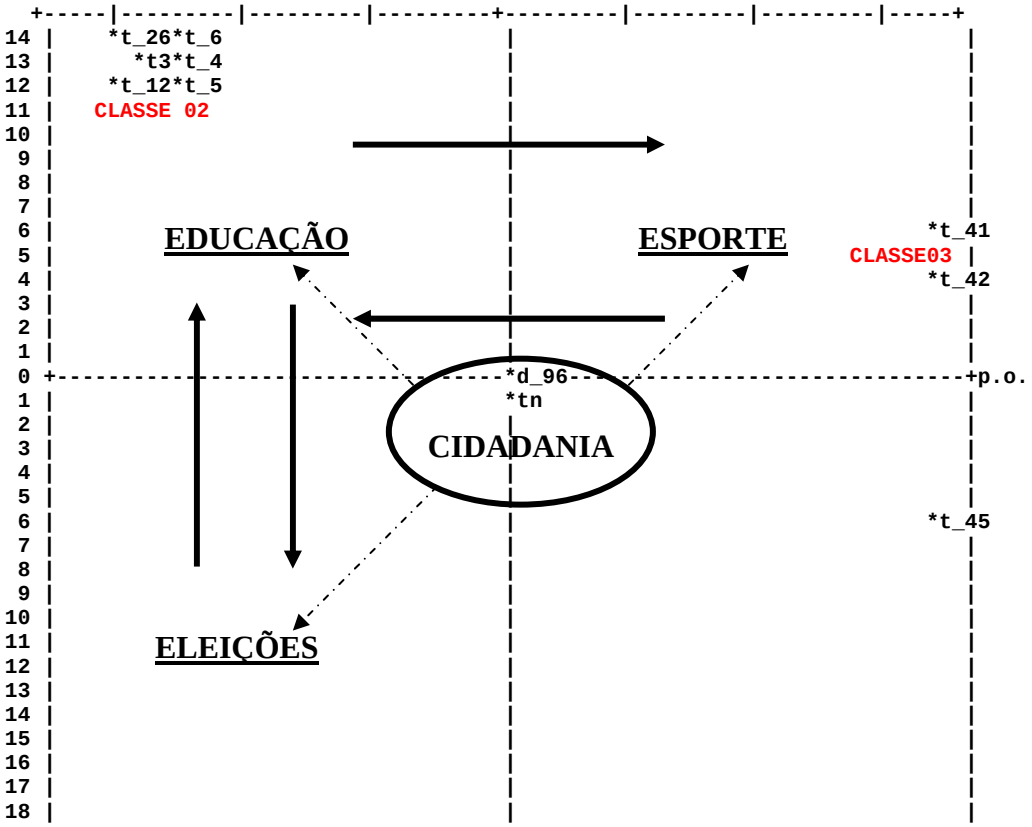
É na busca da **conquista de cidadania** das pessoas com deficiência que circulam os sentidos e os significados dessa classe**.** Assim sendo, se a sociedade reconhecesse esse direito, certamente, cobraria da mídia impressa uma maior visibilidade sobre a questão e assim teria mantido a regularidade de matérias dos

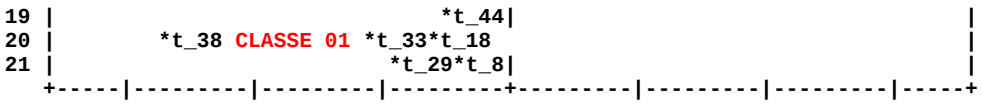
anos de 1996 e 1997, se aproximando da vida cotidiana dos cidadãos com deficiência, de suas dificuldades concretas, colaborando com o processo de inclusão social e resignificando o olhar de que sociedade mais ampla e a mídia precisam se apropriar na qualificação de um discurso inclusivo e a conscientização de suas próprias fontes.

Nesse aspecto, a imprensa estaria transformando e consolidando uma nova representação para a pessoa com deficiência como indivíduo de todo e qualquer direito. Assim, a análise da dinâmica dos textos permitiu, através dos eixos horizontal e vertical, verificarmos que os sentidos atribuídos à educação e ao esporte se localizam no eixo superior do primeiro e segundo quadrante, apontando para a relação que há entre os dois.

Observamos ainda que o quarto quadrante que se localiza na parte inferior esquerda da figura projetada abaixo, possui uma inter-relação com a educação, ou seja, eleições e educação estão conectadas no mesmo eixo vertical. Entretanto, o terceiro quadrante, com o texto 45, que trata da temática do esporte, apesar de se posicionar isolado, é traduzido para o mesmo eixo vertical.

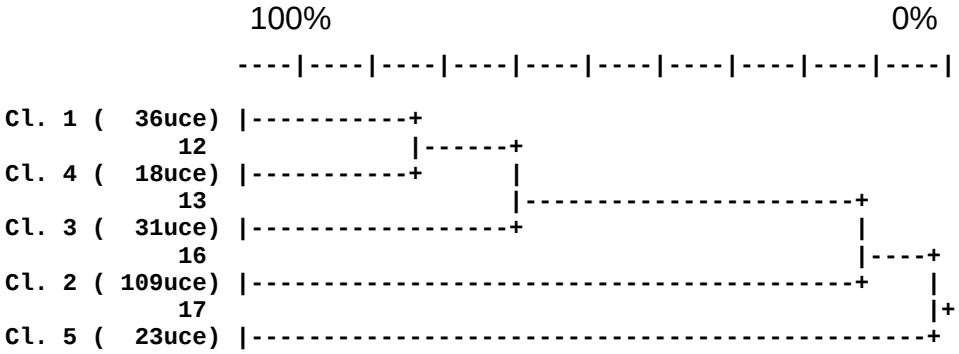
Gráfico 6 - Projeção das classes - textos TN/96: sentidos revelados





Após a análise da TN/96, passaremos ao processo de construção de análise da TN/97 apresentando o dendrograma dos textos que compõem as classes desse período de pico. Queremos dizer que a realidade, aqui, significa o que existe e tem valor, aquilo que nos propicia as respostas, o que legitima e dá densidade significativa ao cotidiano das pessoas com deficiência.

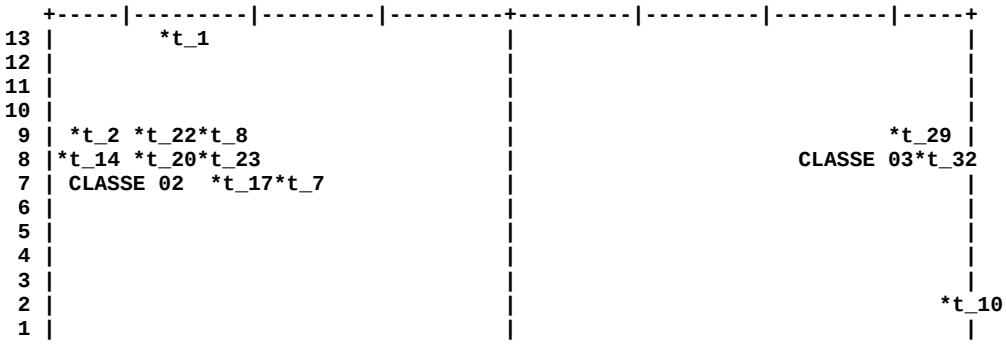
Dendrograma 2 – TN/97

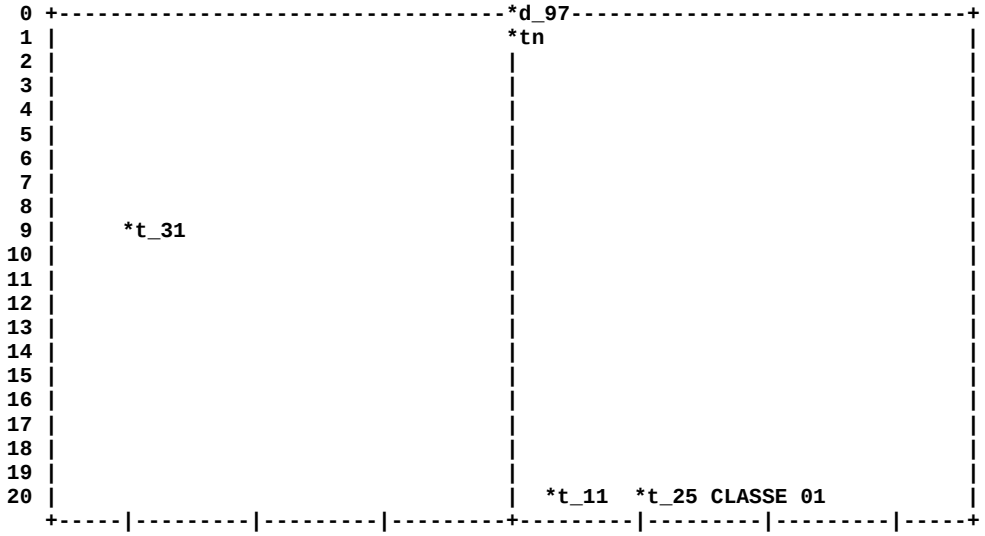


A **classe 01** é formada pelos textos, 11 e 25, a **classe 02** pelos textos 1, 2, 7, 8, 14, 17, 20, 22, 23 e 31, a **classe 03** pelos textos 10, 29 e 32, já as **classes 04** e **05** se juntam Às outras classes dos textos veiculados pela Tribuna do Norte/97 nas informações de eventos sobre a questão.

A projeção das classes a seguir distingue os textos enquanto focalizam toda a significação na luta pela inclusão social das pessoas com deficiência, como forma de consolidar sua **cidadania**.

Gráfico 7 - Projeção das classes – textos TN/97





A **classe 01** as questões discursivas veiculadas nos textos pela mídia impressa no período, caracterizam a temática chamando atenção para o preconceito e para a prevenção da deficiência como evidenciam os recortes discursivos a seguir:

> **Texto 11 – TN/97**
>
> Garoto é discriminado na escola onde estuda [...] Dyego foi a mais um ensaio das festividades de colação de grau da pré-escola, onde seria o paraninfo de sua turma. Voltou triste e contou aos pais o que havia se passado. O diretor não quis mais que ele participasse como paraninfo por considerá-lo anormal, devido ao problema auditivo [...]
>
> **Texto 25 – TN/97**
>
> [...] O levantamento mostra que inúmeras crianças se tornam portadoras de deficiência física e mental por conta de acidentes que poderiam ser evitados. O problema maior é que muitas vezes os acidentes acontecem dentro de casa no momento de distração dos pais [...]

Diante dos fragmentos dos textos acima elucidados, podemos constatar que na classe 01 caracteriza-se por divulgar informações nas quais predominam os seguintes sentidos: o **preconceito** e a atenção que os pais devem ter em relação a seus filhos em relação à **prevenção** de acidentes domésticos.

A **classe 02** caracteriza-se por divulgar de forma bastante forte o sentido atribuído à própria mídia em refletir o seu papel social de **conscientizar** a sociedade para a questão, enfocando, ainda, o direito de **ir** e **vir** e a **educação inclusiva**. Os recortes discursivos abaixo demonstram a dominância desses sentidos na referida classe.

> **Texto 01 – TN/97**

[...] As cidades não foram projetadas levando em consideração os portadores de deficiência que hoje correspondem a 10% da população brasileira [...]

Texto 02 – TN/97

No RN cerca de duzentas mil pessoas são portadoras de alguma deficiência. Dessas apenas 4% estão na escola, recebendo reabilitação ou no trabalho. Os dados foram relevados durante o segundo Seminário. A mídia e a pessoa portadora de deficiência e mostram que a descriminação ainda exclui, e muito o portador de deficiência do mercado de trabalho [...]

Texto 07 – TN/97

Seminário da Corde/RN reunirá jornalista, publicitários e estudantes do Estado. Participam do evento os jornalistas Pedro Bial, Américo Antunes e Kátia Carneiro. O segundo Seminário A mídia e a Pessoa Portadora de Deficiência vai reunir jornalistas, publicitário e estudantes de comunicação nos dias trinta e trinta e um de outubro, no auditório da Escola de Música da UFRN Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Entre os debatedores vão estar os jornalistas Pedro Bial, Américo Antunes presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, Kátia Carneiro assessora do comitê Paraolímpico Brasileiro em Atlanta e Mário Vítor Santos ombudsman da Folha de São Paulo. A conferência que abre o seminário, na quinta-feira, às 8h30, será sobre A Busca da Cidadania no Limiar do Século vinte, proferida pelo escritor e dramaturgo Alcione Araújo.

Texto 08 – TN/97

Evento aborda problema do preconceito. O seminário A mídia e a pessoa portadora de deficiência tem a promoção da Corde/RN. O preconceito ainda é a maior barreira para a pessoa portadora de deficiência. No RN, 240 mil pessoas nessa situação, estão praticamente excluídas do convívio social [...]

Texto 14 – TN/97

Fórum discute os problemas dos deficientes [...] São necessidades como estudar em escolas regulares ou entrar para o mercado de trabalho que ainda estigmatizam milhares de pessoas portadoras de deficiência mentais, físicas, auditivas ou visuais. Pessoas tratadas em unidades especiais, segregadas da convivência com os demais [...]

Texto 17 – TN/97

[...] Os membros da comissão querem que os deputados potiguares agilizem a votação do projeto de Lei que altera o Código Civil no tocante ao deficiente. Uma das principais alterações é no artigo quinto do código, Lei 3071/1916, que generaliza e considera os deficientes como loucos de todos os gêneros [...]

Texto 20 – TN/97

[...] O principal de todas essas questões, explicou, é acabar com a famigerada classe especial, que isola as pessoas portadoras de deficiência, dando origem à discriminação [...]

Texto 22 – TN/97

> [...] Bial relatou a história de uma famosa bailarina, que mesmo depois de ter ficado tetraplégica, continua sendo uma elogiada profissional. Todos nós temos deficiências, só que algumas são mais aparentes, argumentou o jornalista. A educação foi apontada no seminário como a mola propulsora que pode reverter à situação de preconceito e desconhecimento que se forma em torno dos deficientes físicos. Temos que aprender que deficiência é diferente de ineficiência. Nós jornalistas somos responsáveis por uma grande parcela da formação da opinião pública, e temos o compromisso ético de esclarecer as dúvidas e tratarmos o assunto com toda a responsabilidade que ele requer, disse o presidente do Sindicato dos Jornalistas, José Zilmar [...] alerta Bial reconhecendo que "é preciso tratar as diferenças sem mistificá-las. Ele disse que falta mesmo uma reflexão sobre cidadania".
>
> **Texto 23 – TN/97**
>
> Portadores de Deficiência fazem passeio de barco [...] O passeio aconteceu no domingo e foi uma iniciativa do projeto Viva a Diferença, formada por dez voluntários. Nosso grande objetivo é integrar os deficientes às outras pessoas [...]

Diante dos recortes discursivos acima apresentados, podemos perceber que na classe 02 a valorização da mídia à temática é fortemente elucidada, muito mais pelos renomados nomes da mídia nacional, do que pela questão em si.

O que comprova, relembrando as idéias de Wagner (1998) que essa quebra de rotina chamou atenção da imprensa em relação ao tratamento que a sociedade deve dar à pessoa com deficiência como "pessoa" de direitos e equipará-la às demais.

Entretanto, os resultados indicam que foi um momento de consagração que ficou esquecido no passado. A sociedade civil organizada não tratou a questão com a devida atenção de que é merecedora, não chamou atenção da mídia e assim, não colaborou para inclusão social das pessoas com deficiência.

A **classe 03** aborda de forma mais significativa a questão da pessoa com deficiência visual em relação ao convívio social de trabalhar, de ser premiado, e de poder, através dos sentidos, se locomover com independência e a inclusão social das pessoas com deficiência através da dança.

> **Texto 10 – TN/97**
>
> A visão nem sempre é empecilho para se deslocar. Utilizar os outros sentidos é uma arma fundamental para os cegos que pretendem andar sozinhos. Gravar o caminho a ser percorrido, buscar referências auditivas ou olfativas e aprender a lidar com a bengala, estes são os princípios básicos para os portadores de deficiência visual [...]
>
> **Texto 29 – TN/97**

> Mecânico. Deficiente visual recebe certificação internacional. Pedro Fernando 37 anos é o primeiro, no Brasil, a receber essa certificação. O mecânico Pedro Fernando Melchert de Carvalho e Silva, de trinta e sete anos, funcionário da concessionária vw Alta Veículos, é o primeiro deficiente visual do Brasil a obter a certificação da ESA Automotive Service Excellence, entidade americana que testa o conhecimento técnico dos profissionais da área automotiva [...]
>
> **Texto 32 – TN/97**
>
> [...] Roda Viva fez contato também com a Cleveland Balé de Dança sobre Rodas, dos EUA [...] Segundo, ele essa filosofia engloba alguns preceitos, entre eles, não expor a deficiência de forma pejorativa; trabalhar com os aspectos educativos como prevenção, primeiros socorros e orientação domiciliares e o privilégio da proposta estética sobre a questão da deficiência [...]

A **classe 04** é caracterizada pelos sentidos bem próximos das classes 01 e 03, não sendo nem visualizada no quadro de projeção das classes, uma vez que alguns textos são repetidos, ou seja, cabem nas classes: 01, 02 e 04.

> **Texto 02 – TN/97**
>
> [...] A mídia e a pessoa portadora de deficiência e mostram que a descriminação ainda exclui, e muito o portador de deficiência do mercado de trabalho [...]
>
> **Texto 23 – TN/97**
>
> [...] Em algumas ocasiões é feita até uma oficina de música. O convívio entre eles e o surgimento de novas amizades com as pessoas normais é uma das ações concretas em curto prazo, surgidas com estes passeios. As pessoas que participam do nosso passeio ficam perguntando como ajudar aos deficientes e eu digo: é só perguntar a eles [...]
>
> **Texto 31 – TN/97**
>
> Educação. MEC usa TV na campanha dos deficientes. Campanha vai ensinar professor a lidar com aluno deficiente. Na campanha pela integração das pessoas portadoras de deficiência, o Ministério da Educação está utilizando o ensino à distância para capacitar os professores no trabalho com os deficientes [...]

Na **classe 05** há coerência de sentido com as outras classes que semelhantemente com a classe 04, não aparece na projeção das classes.

> **Texto 05 – TN/97**
>
> [...] O segundo Congresso Brasileiro e o primeiro Encontro Latino Americano sobre Síndrome de Down acontece de 4 a 7 de junho, em Brasília. O encontro, que deve mobilizar duas mil pessoas, tem como

> tema da segregação à integração um processo de construção da cidadania [...]
>
> **Texto 17 – TN/97**
>
> [...] Durante o evento, um dos temas mais discutidos será a decisão do Conselho Estadual de Educação Resolução de 1996 que trata da inclusão do deficiente em sala de aula normal [...]
>
> **Texto 19 – TN/97**
>
> [...] Um dos temas a serem discutidos será a inclusão dos portadores da Síndrome nas escolas, os novos conceitos sobre o assunto e os caminhos a serem percorridos [...]

Diante do contexto acima apresentado, podemos aferir que a Tribuna do Norte foi viabilizadora de representações, quando difundiu notícias e propagou informações sobre a questão de inclusão das pessoas com deficiência nos anos de 1996 e 1997. Após houve uma naturalização, a cerca da temática, como demonstram os gráficos apresentados anteriormente, como uma necessidade daquele momento, impulsionado por eventos específicos advindos da sociedade. A difusão e a propagação, como defende Moscovici (1978) e de acordo com o pensamento de Wagner, deve ser ressaltada, nesse momento, para compreensão dessas representações.

A **difusão** visa estabelecer uma relação de igualdade, de equivalência entre o emissor e seu público, tendendo a favorecer a eclosão de opiniões sobre problemas específicos, inerentes a todo veículo de comunicação e a **propagação** se destina a um grupo com certa unidade, com linguagem e valores próprios e que visa gerar atitudes comuns a seus membros.

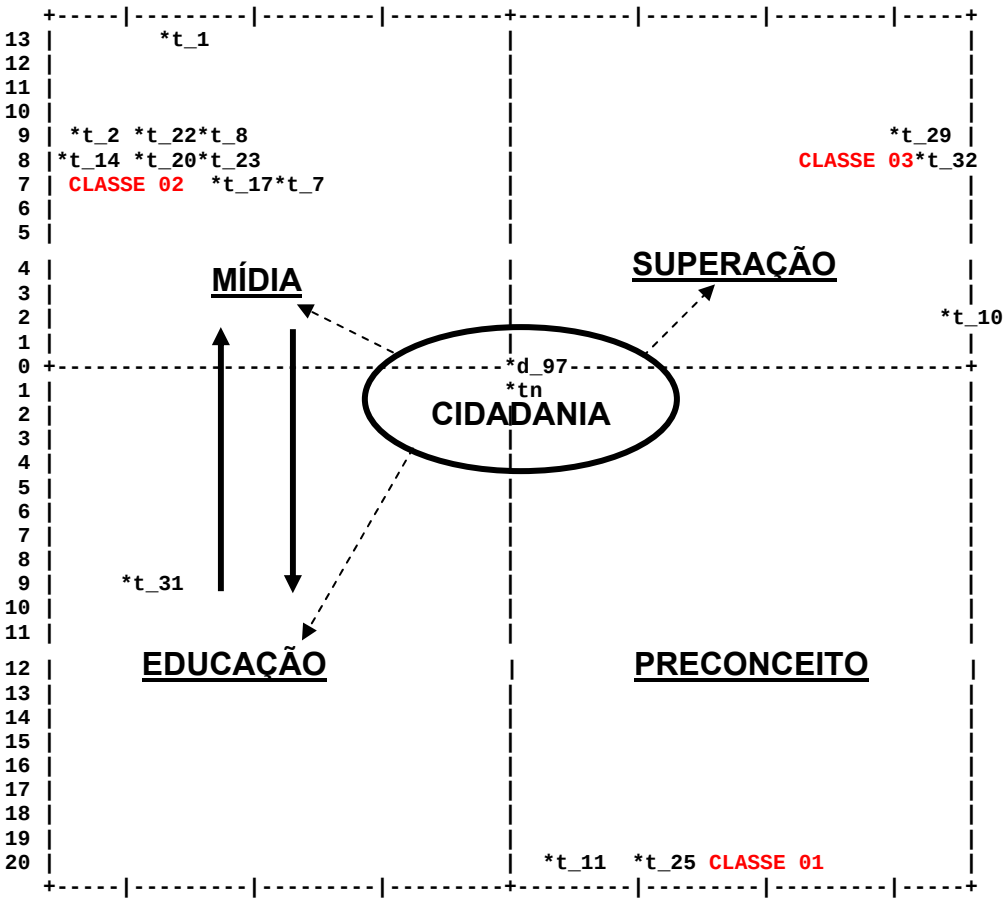
Aquele momento, os anos de quebra de rotina, alicerçado por eventos específicos, nos anos de 1996 e 1997, faz da propagação uma modalidade de comunicação que se dirige a um público particular, reflete uma visão de mundo que tem referências conhecidas e aceitas pelo grupo.

Considerando o campo específico desta pesquisa, sabe-se que as informações sobre a necessidade e a importância da inclusão para as pessoas com deficiência vem se tornando num caminho que leva ao sentido maior de toda esta pesquisa: **A conquista da cidadania**. Não há um só texto que não aponte para esse sentido. O direito à educação, o direito de ir e vir, o direito de ser inserido no mercado de trabalho, o direito ao esporte e ao lazer e o direito à saúde são direitos

constitucionais que garantem a **cidadania.** O paradigma atual de uma sociedade inclusiva para todos, visa estimular a ética da **diversidade.**

Dessa forma, podemos visualizar através da projeção das classes – gráfico 8 – que o sentido apreendido dos textos é uma incessante busca pelos direitos à cidadania. O **primeiro quadrante** é caracteriza pela própria mídia, estimulada por eventos específicos, que discute o seu próprio papel em relação à abordagem da questão; e é apresentado no **quarto quadrante** do mesmo eixo vertical um único texto acerca da educação à distância através da televisão; o **segundo quadrante** visualiza a superação das pessoas com deficiência através do esporte paraolímpico; o **terceiro quadrante** apresenta os textos que no mesmo eixo vertical assinalam para preconceito.

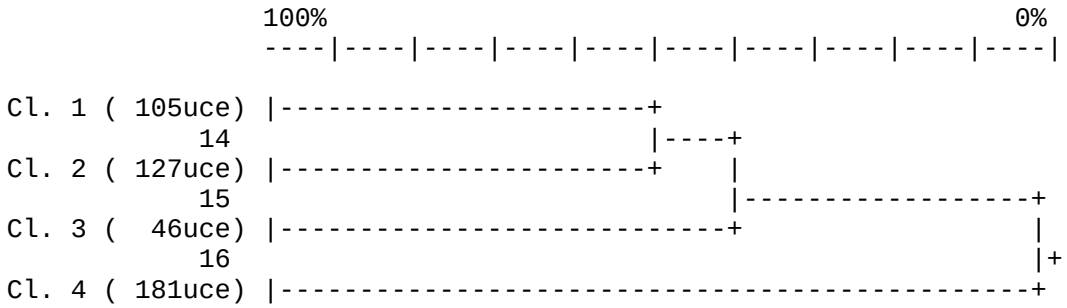
Gráfico 8 - Projeção das classes - textos TN/97: sentidos revelados



Após a análise do jornal Tribuna do Norte passaremos a apresentar o dendograma dos textos do Diário de Natal/O Poti que compõem as classes oriundas dos anos de pico – 1996 e 1997 – pela ótica do programa ALCESTE, que totaliza

219 textos (sendo 121 textos em 1996 e 98 textos em 1997) alusivos ao nosso objeto de estudo.

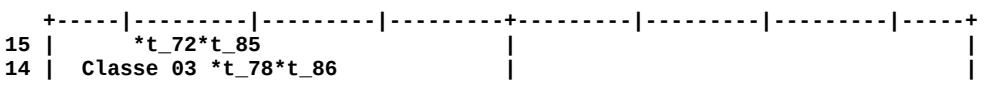
DENDROGRAMA 3 – DN/ 96

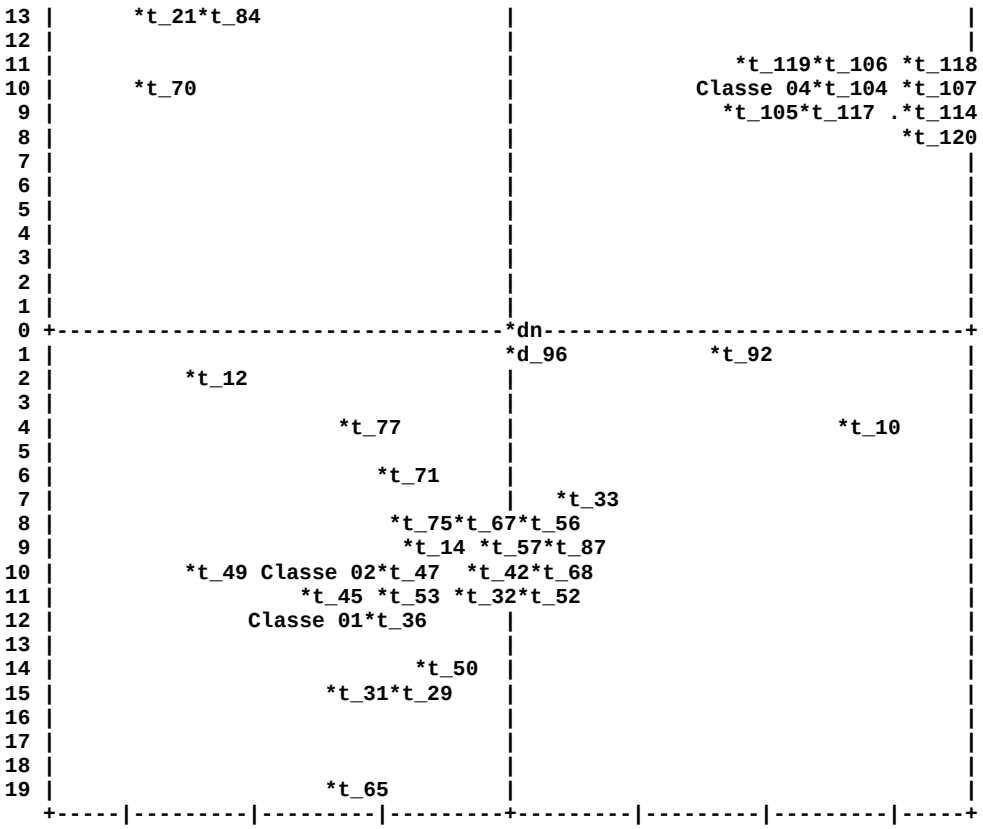


A classe 01 é composta pelos textos 12, 19, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 39, 45, 47, 49 e 53; **a classe 02** é formada pelos textos 02, 14, 29 e 40; já **a classe 03** é caracterizada pelos textos 70, 72, 73, 78, 85 e 86; por fim **a classe 04** pelos textos 05, 06, 91, 93, 95, 102, 103, 104, 105, 106, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119 e120.

De acordo com a projeção das classes, percebemos que o primeiro e o segundo quadrante, apresentam uma disposição bem definida no eixo horizontal, enquanto que os textos do terceiro e do quarto quadrante se aglomeram no eixo central, como demonstra a figura 5 abaixo:

Gráfico 9 - Projeção das Classes – textos DN/96





A classe 01 e **a classe 02** apresentam uma regularidade de sentido muito próximo. Localizam-se no quarto quadrante, ramificando-se para o terceiro quadrante em relação à luta pela conquista dos direitos das pessoas com deficiência, dando ênfase para a importância da reabilitação e a ausência de apoio dos órgãos governamentais. Os recortes discursivos abaixo, demonstram de forma clara essa luta:

> **Classe 01:**
>
> **Texto 12 – DN/96**
>
> Suvag continua luta pela construção de sua sede [...] O suvag é uma instituição sem fins lucrativos, criadas por pais de crianças portadoras deficiência auditiva.
>
> **Texto 19 – DN/96**
>
> Sonho de marceneiro é voltar a trabalhar [...] Em tom nostálgico ele declarou: O meu desejo é voltar a produzir, porque eu adoro o meu trabalho. Como não pode trabalhar, Luiz sobrevive com ajuda do beneficio que recebe do INSS.
>
> **Texto 30 – DN/96**
>
> Centro de Reabilitação terá mudança. A exemplo do que deve acontecer em todo o Brasil a partir de agosto, o Centro de Reabilitação Profissional de Natal o único no Estado, deve passar por

uma restauração que começa com uma mudança fundamental, segundo Rosemary Souza de Oliveira: Deixa de fazer os tratamentos físicos e reforça a sua capacidade de intermediar as relações entre o segurado que recebera tratamento médico do Sistema Único de Saúde SUS e o mercado de trabalho [...]

Texto 31 – DN/96

Extinção da Fundação compromete o CRI. A extinção da Fundação Hospitalar Monsenhor Walfredo Gurgel repercute nos mais diferentes lugares. É o caso do Centro de Reabilitação Infantil - CRI -que perdeu funcionários e comprometeu sua eficiência, prejudicando o tratamento de alguns pacientes [...]

Texto 32 – DN/96

Falta de verbas põe em risco trabalho do Suvag. O Centro Natalense do Sistema Universal Verbotonal de Audição Guberina - suvag, esta com seu atendimento comprometido por falta de verbas [...]

Texto 33 – DN/96

Filantropia. Rotary Club cadastra deficientes para doação de 200 próteses. O empresário Jim James que faz parte do Rotary Club de Ontário, no Canadá, vira a Natal, na primeira quinzena de julho próximo, para fazer a doação de 200 próteses, para deficientes físicos do Estado, que fizerem o cadastramento até a data da sua chegada [...]

Texto 35 – DN/96

Falta de ortopedista dificulta atendimento às crianças no cri. O cri é uma unidade de referencia para crianças. O Centro de Reabilitação Infantil, unidade de referencia em todo o Estado para crianças e adolescentes, na faixa etária de 0 a 16 anos, portadoras de deficiência, esta sem ortopedista.

Texto 36 – DN/96

[...] Rosemary informou que a clientela do Centro de Reabilitação é bem variada e que não há um levantamento de qual setor é responsável pela maior qualidade de acidentes no trabalho, mas fez uma ressalva, acrescentando que os trabalhadores da zona rural do Estado e os do ramo da construção civil, representam um grande número dentro dos que procuram estes serviços do INSS [...]

Texto 39 – DN/96

Pediatra transforma sucatas em equipamentos para salvar bebês. José Américo Fontes quer mais apoio para invenções voltadas para deficientes. Pediatra com 33 anos de profissão, o sergipano José Américo Fontes, 59, é inventor médico voltado para a prevenção de deficiências [...]

Texto 45 – DN/96

SETAS não repassa recursos e APAES ameaçam paralisar atendimento. A Secretaria do Trabalho e Ação Social, não repassou os recursos recebidos desde 1º de abril para as Entidades do Estado que trabalham com pessoas portadoras de deficiência [...]

Texto 47 – DN/96

Crise na Adote ameaça serviço de assistência a deficientes. Os deficientes físicos, mentais e auditivos que recebem assistência da Associação de Orientação aos Deficientes Adote, correm o serio risco de terem os seus tratamentos interrompidos, devido a grave crise financeira enfrentada atualmente pela entidade [...]

Texto 49 – DN/96

Adote passa por dificuldades financeiras. A Associação de Orientação aos Deficientes Adote, estabelecida a rua Aracati, No 3, Cidade da Esperança, enfrenta serias dificuldades financeiras [...]

Texto 53 – DN/96

Ministério vai fazer revisão de próteses [...] Neste programa esta incluído, além do SUVAG, os deficientes do Centro Especial de Reabilitação do Estado. No Rio Grande do Norte existem 37.552 deficientes auditivos, sendo que apenas 773 fazem tratamento de reabilitação.

A classe 02 apresenta os seguintes recortes discursivos o que comprova a proximidade de sentido das duas classes:

Texto 02 – DN/96

Favela do Alemão, retrato do abandono. Deficiência do filho aumenta drama de Maria. A dona de casa Maria Ferreira da Silva veio morar na Favela do Alemão há sete meses, com o marido e quatro filhos menores. Um de seus filhos tem quatro anos e apresenta deficiência física desde que nasceu [...]

Texto 14 – DN/96

Deficiente supera seus limites para servir a uma comunidade. A eficiência de um homem não se mede pela sua condição física e sim pela sua capacidade de produzir. Isso é o que ocorre no conjunto Nova Natal, onde o deficiente visual, Elio José Rodrigues, 44 anos, preside o conselho comunitário e demonstrando um grande espírito de luta, aos poucos vem conseguindo resolver os problemas do bairro [...] Minha conta telefônica, superou R$ 600, 00, pois o telefone é minha arma para cobrar das autoridades a resolução dos problemas, disse o presidente do conselho [...]

Texto 29 – DN/96

Os dançarinos do Anjori mostram sua arte no TAM. Com um espetáculo à base de músicas populares e regionais, se apresenta hoje às 18h30. No Teatro Alberto Maranhão, a Companhia de Dança Anjori, formada por pessoas portadoras de deficiência, integradas às pessoas que não portam deficiência. Bastante conhecida fora do Estado, onde tem se apresentado com sucesso, o grupo de dançarinos ainda não conseguiu obter o reconhecimento que merece em sua terra [...]

Texto 40 – DN/96

Diagnóstico não é difícil. A cegueira provocada por doenças pode ser prevenida em bebês ainda do útero da mãe com um pré-natal bem feito [...]

A classe 03 se caracteriza pelo sentido atribuído à educação inclusiva como forma de efetivar a quebra de preconceitos, ou seja, a convivência com a diversidade humana no contexto educacional, no espaço da escola, propriamente dito, só trará avanços na busca de uma maior conscientização. Os recortes discursivos abaixo, demonstram toda a carga de sentido dessa classe:

Texto 21 – DN/96

CORDE/RN comove com dança sobre cadeiras de rodas. O comovente espetáculo de dança sobre cadeiras de rodas, ao som de música de Milton Nascimento, John Willians e Philip Glass, foi um dos pontos altos da abertura do Programa de Conscientização e Prevenção das Deficiências, da corde – Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. A abertura do programa foi realizada ontem à tarde no Colégio Nossa Senhora das Neves [...]

Texto 70 – DN/96

O difícil caminho para a adaptação a escola normal [...] A Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência vem fazendo um trabalho de integração junto às escolas particulares, mostrando que é possível, dependendo do nível de deficiência, a sua integração. O trabalho é desenvolvido nas escolas particulares, nas salas de 4ª serie do primeiro grau menor. O programa de Integração visa ajudar a escola e o aluno a receber o deficiente na sala de aula como lidar com as diversas deficiências [...]

Texto 72 – DN/96

A alegria de ser rainha. Olívia Arruda Câmara escolhida rainha da turma. O colégio Imaculada Conceição realizou ontem no Complexo do Sesi/Senai as comemorações do dia do estudante. A aluna Olívia Arruda Câmara, da 5ª serie do 1º grau era uma das mais animadas por ter sido escolhida por unanimidade a rainha da turma. Olívia é portadora da Síndrome de Down [...]

Texto 78 – DN/96

Conselho lança resolução sobre atendimentos a deficientes. Acabar com o preconceito nas escolas, com a presença de portadores de deficiência física mental e sensorial nas salas de aula da rede pública e privada. Este é o objetivo da resolução 01/96 do Conselho Estadual de Educação, que regulamenta o atendimento educacional ao portador de deficiência. Na próxima terça-feira, a professora da Unicamp, Maria Tereza Mantoan realizara palestras no auditório da Ordem dos Advogados do Brasil sobre os quesitos desta resolução pioneira a nível nacional.

Texto 85 – DN/96

RN tem 30 cidades com ensino especial. Natal tem 29 escolas. No Rio Grande do Norte, há 30 municípios com escolas especiais, mas nem todas têm sistema educacional integrado. Na capital, são 29 escolas

também na mesma situação, ou seja, sem educação integrada na sua totalidade [...]

Texto 86 – DN/96

A Resolução do Conselho Estadual facilita acesso de portadores da Síndrome de Down. Ao longo dos anos, os portadores de deficiência sempre foram tratados dentro de uma ótica essencialmente médica, pois toda a herança pedagógica, cultural e até social que se tinha era que a educação para deficientes deveria ser uma prática clínica, onde se considerava muito mais a patologia do que o potencial dos portadores [...]

A classe 04 é representada pelos textos alusivos ao esporte, paraolimpíadas de Atlanta, de forma bastante significativa como atestam os recortes discursivos abaixo:

Texto 103 – DN/96

Atletas paraolímpicos chegam hoje a Natal. Os atletas potiguares Adriano Galvão, Adriano Gomes de Lima, Genesi de Andrade, Gilmar Oliveira e Gledson Soares, ganhadores de seis medalhas de bronze e uma de prata nas Pára-olimpíadas de Atlanta, serão homenageados hoje à tarde pelo governador Garibaldi Filho [...].

Texto 104 – DN/96

Paraolimpíada se torna um marco na historia do esporte mundial. A Paraolimpíada de Atlanta, que reúne 3,5 mil atletas de 127 paises, tornou-se um marco na historia do esporte. Pela primeira vez, os atletas portadores de deficiências puderam mostrar seu triunfo a todo o mundo. As redes de televisão a cabo e a CBS, além de 28 agencias de noticia dos Estados Unidos acompanharam a cerimônia de abertura, na noite de quinta-feira [...]

Texto 105 – DN/96

Gênesi ganha segunda medalha. Os paraolímpicos brasileiros já tinham garantidas 12 medalhas até a manhã de ontem: duas de ouro, três de prata e sete de bronze. Na noite anterior, o atleta Gênezi Alves, deficiente físico [...] conquistou o bronze nos 200 metros livres da natação [...]

Texto 106 – DN/96

Adriano Gomes consegue a última medalha do Brasil. O atleta Adriano Gomes de Lima, deficiente físico, classe S6, conquistou a última medalha brasileira na Paraolimpíada, encerrada domingo [...]

Texto 107 – DN/96

Natal homenageia os paraolímpicos. Muita emoção na chegada dos paraolímpicos potiguares Adriano Galvão, Adriano Gomes, Genesi Andrade, Gilmar Fernandes e Gledson Soares – um grupo de 6 medalhas de bronze e uma de prata [...]

Texto 114 – DN/96

Associação Desportiva dos Deficientes prepara festa para comemorar 15 anos. Associação Desportiva dos Deficientes Físicas do Rio Grande do Norte esta completando 15 anos [...]

Texto 117 – DN/96

Associação Natalense de Desportos em Cadeiras de Rodas, foi criada em dezembro de 1995, a partir da dissidência de outras de outras entidades, assim como a Sadef, que recentemente conquistou para o Brasil sete medalhas olímpicas nos Jogos de Atlanta. Severino Cavalcante, presidente, diz que o objetivo da associação é promover a integração dos atletas portadores de deficiência à sociedade [...].

Texto 118 – DN/96

Gledson Soares brilha também no kart. Para os deficientes físicos, não há barreira. O nadador paraolímpico Gledson Soares é prova disso: ele participou do I Campeonato Brasileiro de Kart para Deficientes Físicos [...]

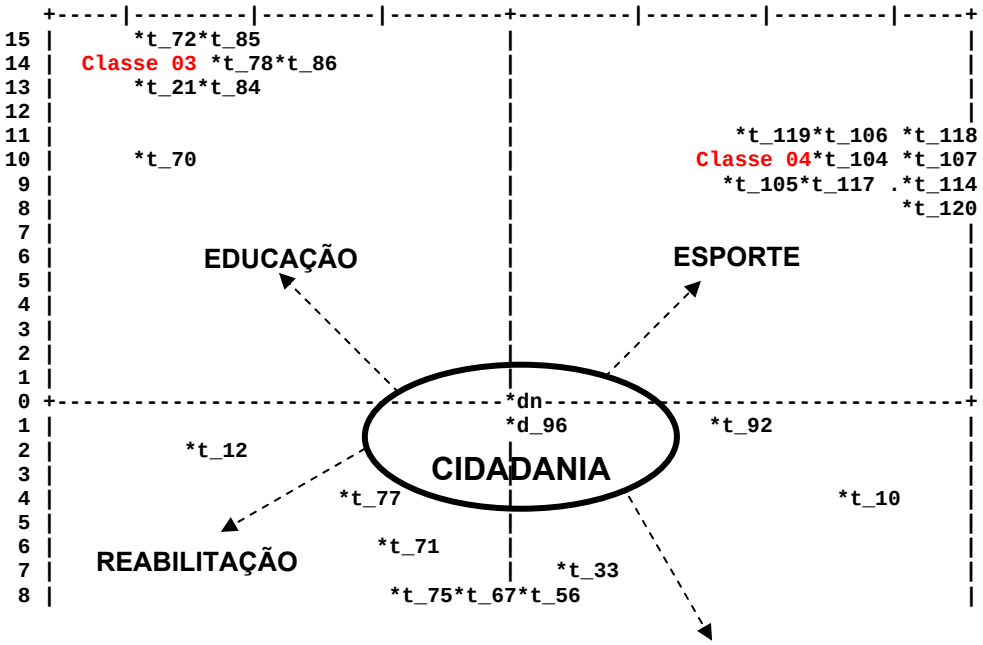
Texto 119 – DN/96

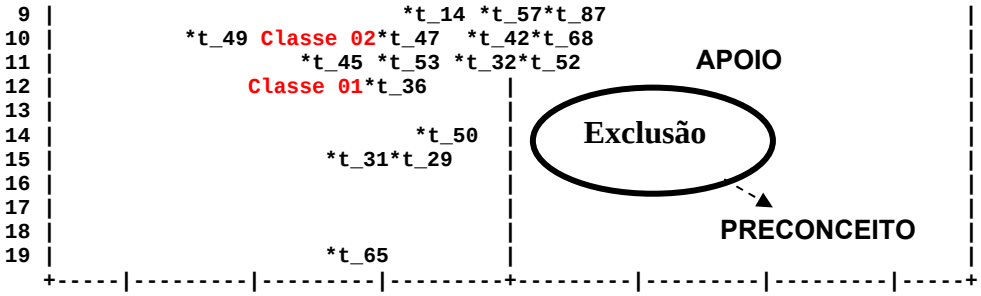
Prestes a completar um ano de existência, a Associação Natalense de Desporto em Cadeiras de Rodas faz uma a avaliação do trabalho desenvolvido nesse período e traça planos para o futuro [...]

Texto 120 – DN/96

Uma medalha de ouro e nove de prata em apenas três meses de treinamento. Depois de um ano ruim, com problemas administrativos e mudanças na direção, correndo o risco inclusive de não viajar para participar dos II Jogos Paradesportivos Nordestão, realizado de 17 a 21 de abril, Associação Desportiva dos Deficientes Físicos do Rio Grande do Norte, acabou conseguindo resultados espantosos na competição, trazendo para Natal 1 medalha de ouro e 8 de prata[...]

Gráfico 10 - Projeção das Classes - textos DN/96: sentidos revelados





Podemos aferir que de acordo com a disposição dos textos nos quadrantes, o sentido em prol da luta pela conquista da cidadania se presentifica de forma evidente nos textos. No primeiro quadrante, que compreende a classe 03, a educação inclusiva é abordada de forma contundente e se encontra localizada no mesmo eixo horizontal do segundo quadrante, que caracteriza a classe 04 que aborda o esporte, demonstrando a ligação "natural" entre **educação e esporte**. Entretanto, esse não é o sentido apreendido nos textos, uma vez que o esporte é compreendido como fruto de esforços isolados de superação de atletas com deficiência, focados principalmente nas paraolimpíadas.

É interessante elucidarmos que a relação esporte e escola, particularmente o sentido educativo do esporte como um instrumento que estabelece trocas e interações de valores humanos, tais como: participação social, cooperação, espírito de grupo, a disciplina, as possibilidades e os limites individuais e coletivos e etc., enfim: é um direito social. Não aparece nos textos como um projeto de cidadania de uma política educacional inclusiva. Concordando com as idéias de Mazzotta (1987):

> A educação tem como princípio fundamental a capacidade de crescimento do ser humano, que é ilimitada quanto a qualquer tentativa de previsão, ou seja, de antecipadamente indicar com precisão as possibilidades de cada um [...]

A paraolimpíada tem uma conotação muito mais valorativa pelo destaque que os atletas do nosso Estado têm em relação a essa competição e que não está associada à educação inclusiva, ou seja, o acesso a recursos educacionais não só é um direito da pessoa com deficiência como cidadão, como é também uma das vias que pode garantir o exercício e apropriação de sua cidadania.

Lamentavelmente só ganha visibilidade da mídia de quatro em quatro anos, período determinado para a realização da referida competição. Como afirma Wagner

(1998) são representações sobre estruturas e eventos específicos, ocupa-se de “objetos” com um significado menos persistente na interação social;

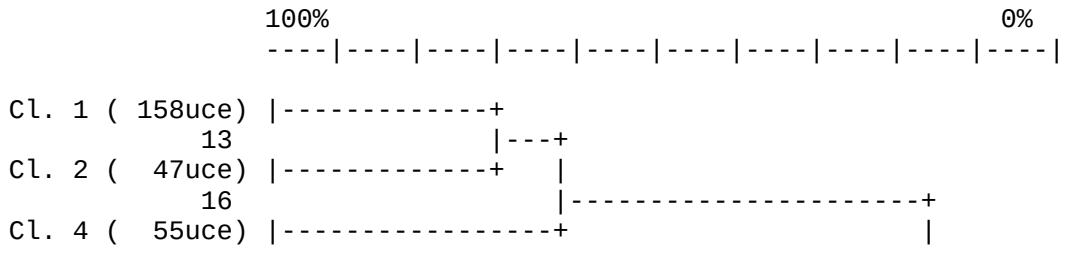
Já no terceiro e quarto quadrante, no eixo horizontal, se encontram as classes 01 e 02 situando-se a maioria dos textos no eixo central entre um quadrante, eles expressam significados ligados a questões de **reabilitação,** pedido de **apoio** e situações de **preconceito**. Ou seja, é a luta pelo direito igual, onde a desigualdade oprime, marginaliza e sacrifica a inclusão social das pessoas com deficiência, ou seja, é o respeito à diferença, quando a homogeneização sufoca.

Também é de competência dessas classes o sentido humano de agregar pessoas, criar consensos entre grupos conflitantes, conviver e dialogar com os que pensam e tem interesses diferentes. Nesse aspecto, a mídia tem uma importância fundamental para a construção de uma sociedade mais igualitária e se torna evidente a omissão sociedade/mídia se considerarmos que após esses anos de pico, os resultados das análises permitem ressaltar que a mídia impressa quase ignorou questões marcantes para inclusão social das pessoas com deficiência. De acordo com o Manual Diversidade Mídia e Deficiência (2003):

> No Brasil, multiplicam-se prêmios e reconhecimentos para reportagens que se dedicam às grandes questões nacionais. Mas a deficiência ainda não é considerada uma questão de todos os brasileiros: no máximo um problema de alguns núcleos familiares. No imaginário social, essas famílias devem aceitar o fardo de terem que lidar por tempo indeterminado com um parente próximo que não enxerga, não ouve, não anda, não consegue aprender a ler e a fazer contas como a maioria da população que teve acesso à educação.

Na análise a seguir, apresentamos o dendrograma que compõe os textos do Diário de Natal/O Poti; ano de 1997, formado por cinco classes e os sentidos a elas atribuídos.

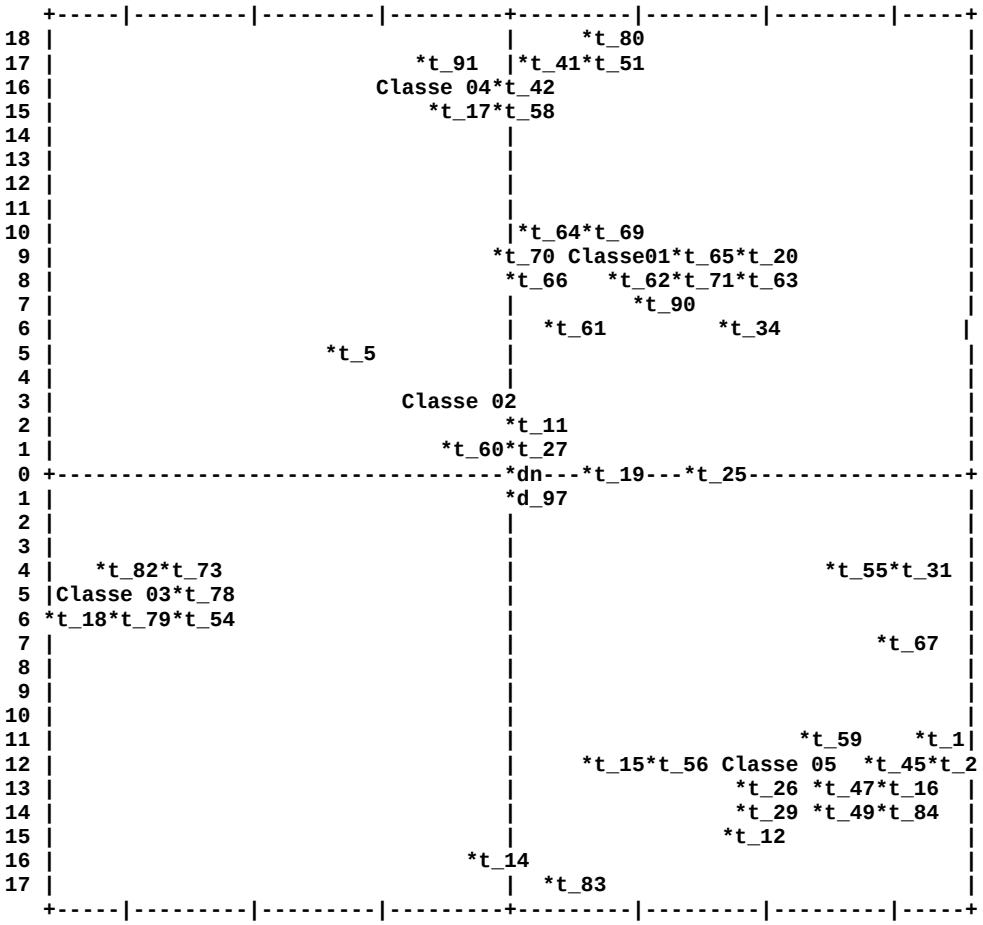
Dendrograma 4 - DN/97



```
            17                                                |------+
 Cl. 5 ( 328uce) |-----------------------------------------+       |
            18                                                     |+
 Cl. 3 ( 113uce) |-----------------------------------------------+
```

De acordo com a projeção das classes percebemos que o primeiro e segundo quadrante está contendo as classes 01, 02 e 04 e apresentam uma disposição muito próxima ao eixo central como demonstra o gráfico 11 a seguir:

Gráfico11 - Projeção das classes – textos DN/97



A classe 01 a educação inclusiva é enfatizada na maioria dos textos o que permite perceber a forte influência da Resolução 001/1996 do Conselho Estadual de Educação do RN que determina a inclusão das pessoas com deficiência preferencialmente no ensino regular, aspecto que ainda hoje vem gerando muita polêmica. Abaixo destacamos alguns recortes discursivos veiculados na época

Texto 61 – DN/97

A capacitação de professores do ensino básico para que obtenham o máximo de rendimento da presença de alunos cegos em sala de aula, promovendo a integração dos deficientes visuais com as pessoas que o rodeiam [...]

Texto 62 – DN/97

Imagine uma sala de aula onde um aluno, que geralmente senta no fundo da classe, fica disperso e só atende à professora no grito. Para muitos ele é desatento e não tem vontade de aprender. Mas pensado bem ele pode estar sofrendo de perda de audição, sem conseguir ouvir o que a professora fala [...]

Texto 63 – DN/97

Os cursinhos pré-vestibulares de Natal oferecem uma boa estrutura de estudo para seus alunos, com sala de aulas bem equipadas e metodologias de primeira ponta. O que muitos se esquecem foi à dificuldade de acesso à sala de aula que alguns vestibulares podem ter, devido as barreiras arquitetônicas [...]

Texto 64 – DN/97

De acordo com a nova Lei de Diretrizes e Bases, os alunos portadores de deficiência devem ser integrados às salas de aulas normais, acabando com as salas especiais, o que já se transformou em realidade em todo o Brasil [...]

Texto 65 – DN/97

A estudante Dayana Priscila da Silva, 9 anos, cursando a 1ª série da Escola Municipal Chico Santeiro, no bairro Nordeste em Natal, já sabe ler, escrever e tem se destacado na turma, como uma das melhores alunas nas disciplinas de matemática e português. Portadora de deficiência auditiva, igualmente com as colegas de sala Juliete Ferreira de Melo, 10 anos e Simone dos Santos Silva, 9 anos, ela está cursando este ano, pela primeira vez, numa instituição de ensino regular [...]

Texto 66 – DN/97

Os resultados positivos da integração de quatro crianças portadoras de deficiência em sala de aula no ano passado quantidade que duplicou em 97 -, levou a Cooperativa Educacional do Rio Grande do Norte a se sentir preparada para receber outras crianças que tenham deficiência física, mental ou auditiva [...]

Texto 69 – DN/97

Maria Lucia Gomes Maia com os dois filhos, Ângelo e Augusto, que agora retorna à sala de aula convencional no colégio fundado pela mãe. O ano de 1997 esta sendo um dos mais importantes para Maria Luciana Gomes Maia, 50 anos, diretora-proprietária do Jardim Escola Dois Amores, localizada em Lagoa Nova. Este ano, os filhos gêmeos Ângelo Gomes Maia e Augusto Gomes Maia, 16 anos retornaram a estudar em salas de aulas convencionais. Ângelo e Augusto têm síndrome de autismo [...]

Texto 71 – DN/97

Contando hoje com 42 crianças portadoras de vários tipos de doenças integradas as escolas do SESI, a supervisora do Programa de

> Educação do Sistema no Estado professora Maria de Fátima Felipe lembra que nem sempre foi assim. No inicio, enfrentaram o preconceito, dizendo que não estavam preparados para trabalharem com este tipo de clientela, e o medo dos pais das crianças ditas normais que temiam alguma espécie de contagio [...]

A classe 02 está localizada no centro do dendrograma muito próximo do eixo horizontal e vertical que divide o quadrante 01 e 02 dos quadrantes 03 e 04, caracterizando-se por textos alusivos a síndrome de Down em seus vários aspectos. Os recortes discursivos destacados abaixo apontam para os sentidos atribuídos à temática.

> **Texto 11 – DN/97**
>
> [...] No Brasil, temos poucos dados a respeito do assunto e nos casos dos bebês com síndrome de Down o hábito de não amamentar e a introdução de mamadeira com fórmulas infantis é mais freqüente. A amamentação nos recém nascidos com síndrome de Down deve ser estimulada [...]
>
> **Texto 19 – DN/97**
>
> [...] Nove anos depois, Ruy já era um pediatra conceituado. Morava em Santos e sua mulher, Izilda, estava grávida do terceiro filho, que nasceu dia 2 de fevereiro de 1990. Era menina e tinha síndrome de Down. Como a imensa maioria dos médicos do Brasil e mesmo do mundo, ao me formar, em 1979, eu não havia tido uma aula sequer sobre síndrome de Down, relata Ruy. O pediatra não tinha a menor idéia do que fosse esta síndrome [...]
>
> **Texto 27 – DN/97**
>
> A ciência já trabalha com a perspectiva de cura para a Síndrome de Down nos próximos anos, provavelmente na virada do século. A previsão otimista é do pediatra paulista Ruy do Amaral Pupo Filho, presidente da Associação Up Dow de Santos, São Paulo. Ele contou que participou de um congresso médico realizado em Barcelona, na Espanha, no último mês de março, onde pesquisadores já acenavam com essa nova expectativa [...]
>
> **Texto 60 – DN/97**
>
> CORDE/RN realiza levantamento da integração de crianças excepcionais em escolas públicas e privadas. Integrar à escola. Esse é o passo mais difícil para os pais de crianças com Síndrome de Down, depois que conseguem superar através do amor, o sofrimento do nascimento e acreditar no potencial dos filhos que vieram ao mundo com essa alteração genética [...]

A classe 03 está localizada no quarto quadrante e caracteriza-se pelos textos alusivos a oportunidade de trabalho e acesso ao centro da cidade com a retirada dos camelôs nos passeios públicos, ou seja, a garantia do ir e vir. Os recortes discursivos demonstram o sentido dessa classe.

Texto 18 – DN/97

Seminário discute atuação da mídia. A Coordenadoria para integração da Pessoa Portadora de Deficiência CORDE/RN em conjunto com o Sindicato dos Jornalistas do RN estarão realizando hoje e amanhã, no Auditório de Música da UFRN, o II Seminário sobre Mídia e a Pessoa Portadora de Deficiência. O Seminário tem como objetivo ajudar na conquista da cidadania dos portadores de deficiência, envolvendo os meios de opinião pública [...] se mais pessoas trabalhassem para que os deficientes tivessem a oportunidade de mostrar suas potencialidades em um emprego [...]

Texto 54 – DN/97

Os deficientes físicos interessados em trabalhar na Caixa Econômica Federal nas vendas de bilhetes de loteria esportivas [...] A Caixa Econômica Federal e a Secretaria Estadual de Interior, Justiça e Cidadania assinaram ontem convênio para integrar o portador de deficiência física à vida profissional [...]

Texto 73 – DN/97

Calçadas uniformes, niveladas, sem a presença de barreiras que impeçam a circulação de pedestres. Não estamos nos referindo a nenhum centro urbano de capitais européias, e sim a continuidade do projeto de revitalização do centro de Natal, iniciado, semana passada, com a saída dos camelos [...]

A classe 04 localiza-se entre o primeiro e segundo quadrante e aborda a temática relativa à capacitação de pessoas com deficiência para o mercado de trabalho o que assegura uma vida independente. Os recortes discursivos abaixo apontam para esse sentido.

Texto 41 – DN/97

Um convênio assinado ontem entre o presidente da Associação dos Deficientes Físicos do Rio Grande do Norte, José Odon Abdon e o presidente do Instituto de Pesos e Medidas, José Lins permitiu a contratação de dois portadores de deficiência física que vão trabalhar no Instituto [...]

Texto 42 – DN/97

A oficina de órtese e prótese, que fabrica aparelhos para crianças deficientes atendidas no Centro de Reabilitação Infantil, está desativada há mais de seis meses por falta de profissionais qualificados. Enquanto isso, mais de 100 crianças estão na fila de espera por aparelhos essenciais à reabilitação de deficiências [...]

Texto 51 – DN/97

Alunos de escolas públicas estão tendo a oportunidade de conhecerem o fascinante mundo da dança e integrarem deficientes. Um convênio entre Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do Estado tem dado, aos

alunos das escolas públicas, a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o fascinante mundo da dança [...]

Texto 58 – DN/9

O Centro de Reabilitação Infantil órgão ligado à Secretaria de Saúde do Estado está capacitando 12 deficientes para fabricar próteses e órteses aparelhos como as muletas, que, o contrário das próteses, não substituem, apenas auxiliam membros que apresentam deficiência [...]

Texto 80 – DN/97

Se para a maioria das pessoas as inovações, tecnológicas facilitam o cotidiano, para muitos deficientes físicos alguns avanços representam a diferença entre ter uma vida autônoma, de melhor qualidade e até inserir-se no mercado de trabalho ou permanecer isolado [...]

Texto 91 – DN/97

[...] A exposição dos trabalhos manuais, tais como pintura em tecido, tapeçaria, bordado em ponto de cruz entre outros faz parte da Oficina de Preparação para o Trabalho. O projeto, desenvolvido por profissionais do cri tem como objetivo levar capacitação profissional aos menores portadores de algum tipo de deficiência [...]

A classe 05 é formada pelos textos localizados no terceiro quadrante e caracterizam sentidos mais direcionados para superação, em especial, para as artes, de acordo com os recortes discursivos abaixo:

Texto 01 – DN/97

O deficiente visual Claude Monet. A pintura de Claude Monet foi influenciada por uma doença da visão. Ele era portador de catarata e parte de sua obra revelava os efeitos da doença [...]

Texto 12 – DN/97

O potiguar e jogador do corinthians Souza vai ficar mesmo no Corinthians. Foi o que entre uma conversa e outra, que contou durante a gravação em vídeo e sessão fotográfica para uma campanha em prol dos deficientes físicos, com o total apoio da CORDE/RN, ontem pela manhã no Estádio Machadão [...]

Texto 26 – DN/97

Síndrome de Down emociona na tela. No sétimo dia, depois da Criação. Deus parou para descansar. E no oitavo criou um homem muito especial que parece ter nascido na Mongólia e durante toda a sua vida mantém a espontaneidade de criança. É assim que Jacó Van Dormael, diretor de O Oitavo Dia, explica o título do filme [...]

Texto 45 – DN/97

Um cego pode fazer rir? Para o humorista Geraldo Magela a resposta é sim. Deficiente visual há vários anos, este mineiro ganhou notoriedade graças às piadas e causos que conta diariamente em seu programa de rádio transmitido em Belo Horizonte [...]

Texto 47 – DN/97

Ele ficou mudo e surdo aos quatro anos de idade, depois de sofrer uma meningite que lhe deixou entre a vida e a morte por uma semana. Sua mãe, dona Corina Tavares Rodrigues se apegou na fé em Nossa Senhora das Graças e viu o filho renascer. Desde esse tempo ele começou a despertar para a arte. Ainda muito pequeno começou a pintar como gente grande [...]

Texto 49 – DN/97

A companhia de dança Roda Viva promove em Natal mais um espetáculo de alto nível. Hoje à noite o Teatro Alberto Maranhão abre as portas para o Concerto de Música Brasileira, com as participações especiais da soprano Elke Riedel e do pianista Joacir Macedo [...]

Texto 56 – DN/97

[...] O turista novato tem a atenção despertada para Edmilson Farias de Souza, 21. A deficiência física não impede que ele trabalhe como guia turístico autônomo e dirija buggy [...]

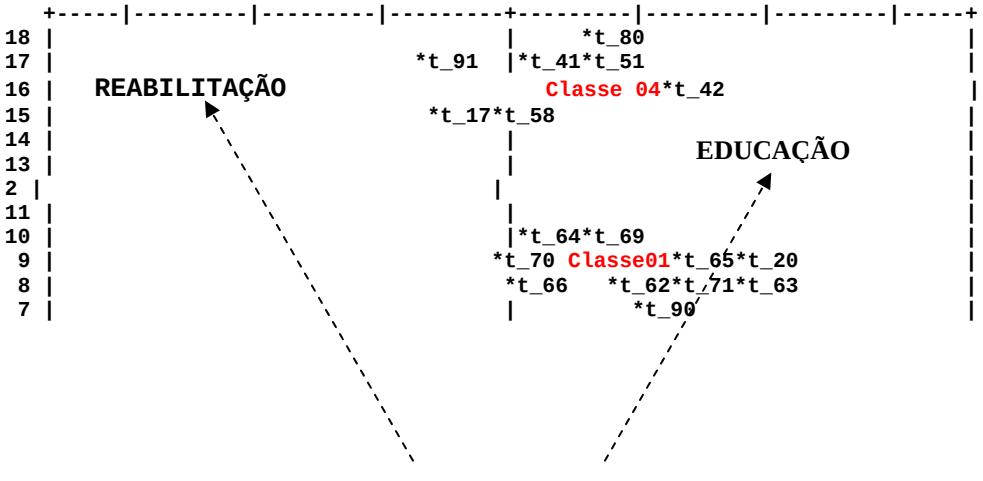
Texto 59 – DN/97

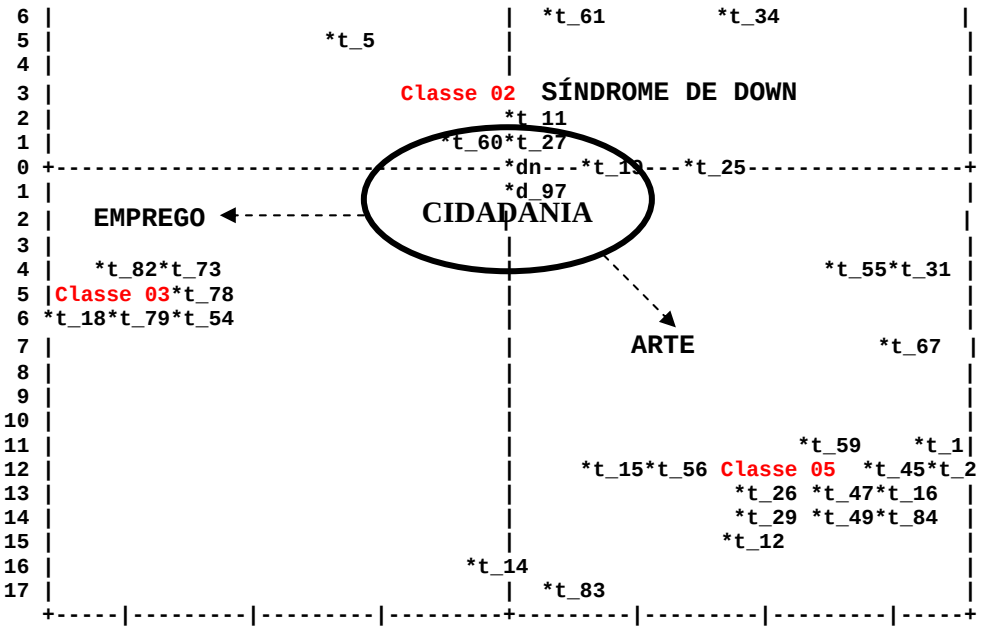
Jovem autista enfrenta o preconceito e mostra talento em show que será apresentado hoje no Via Direta. Roberto Carlos compôs cerca de 500 músicas, fez três filmes, vendeu 70 milhões de discos e ganhou 90 discos de ouro, platina ou diamante. Tudo isso depois de ter revelado em 1959, cantando numa rádio em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, onde nasceu no dia 19 de abril de 1941. Estes são apenas alguns dos detalhes que o estudante Jobson Silva Maia guarda de memória, e diz quase instantaneamente ao ser perguntado. Até ai nada incomum parece mais um dos milhares de fãs do Rei. O detalhe é que Jobson Maia, que tem 19 anos, é autista, e mesmo superando as dificuldades da doença e do preconceito se tornou um fino cantor e músico. Roberto é a grande paixão da minha vida [...].

Texto 84 – DN/97

Bem no Núcleo de Recepção do Panatis, plena Zona Norte de Natal, uma figura à beira do campo de futebol chama a atenção. Várias crianças em torno de um rapaz moreno, de cadeira de rodas, que lhes dá instruções e rudimentos de futebol. Voz firme, de comando, boné na cabeça e apito na mão [...]

Gráfico 12 - Projeção das classes - textos DN/97: sentidos revelados





De acordo com a disposição dos textos nos quadrantes acima, podemos observar que há uma regularidade de sentidos em torno da luta pela conquista da cidadania, quando se parte das especificidades dos recortes discursivos em relação: **a educação, a reabilitação, emprego e arte**.

As classes caracterizam - se por divulgar um conjunto articulado de informações constituindo um núcleo específico de sentido que define a pessoa com deficiência como detentora de necessidades a serem alcançadas, que possibilitarão ao serem atingidas, na motivação de desenvolvimento de uma sociedade inclusiva.

Todo esse conjunto de categorias se constituiu num poderoso instrumento de expressão das diferenças, e que pode ancorar numa função reveladora da natureza humana, ou seja, na valorização da diversidade humana. Como diz Moscovici (2003, p. 61):

> Ancoragem é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social.

Ou seja, muitos têm como representação visual de uma pessoa com deficiência, a imagem de uma pessoa improdutiva e incapaz, o que significa, provavelmente, estabelecer uma relação negativa com ela. A luta pelo desenvolvimento de uma sociedade inclusiva constitui um novo olhar e de acordo com Edgar Morin (2004, p. 41):

> [...] uma nova cultura científica pode oferecer à cultura humanística: a situação do ser humano no mundo, minúscula parte do todo, mas que contém a presença de todo nessa minúscula parte. Ela o revela, simultaneamente, em sua participação e em sua estranheza ao mundo [...]

Diante desse contexto, percebemos que a sociogênese de Wagner (1998) em relação aos campos da imaginação cultural (conceitos construídos ao longo da própria história) e de estruturas sociais e eventos específicos (quebra de rotina), corrobora com Moscovici (1978) e Wolton (2004) ampliando as nossas referências teóricas para as análises dos resultados que discutiremos a seguir.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: O DISCURSO DA MÍDIA NA REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO: A CIDADANIA REVELADA

> Nos últimos trinta anos, toda uma série de enfoques foi desenvolvida no campo da psicologia social para tentar esclarecer o fenômeno das representações sociais. Trata-se claramente de um tipo de fenômeno cujos aspectos salientes conhecemos e cuja elaboração podemos perceber através de sua circulação através do discurso, que constitui seu vetor principal. (Serge Moscovici)

O papel que a mídia exerce é fundamental na veiculação do discurso circulante. A partir dessa observação, verificamos que a significação apresentada pelos dois jornais se aproxima muito e é nítida a similaridade desses sentidos em todo o percurso e só divergem na quantidade de matérias veiculadas.

Os significados apresentados pela Tribuna do Norte e pelo Diário de Natal/O Poti e difundidos para a sociedade, os tornam mediadores do pensamento social circulante, advindos dos acontecimentos e dos fatos dos mais diversos segmentos sociais.

Nesse aspecto, a questão da inclusão social das pessoas com deficiência aparece representada, numa proporção mais ampla, como algo **naturalizado** pela sociedade. Por outro lado, numa dimensão mais modesta, está a **luta** constante em relação à conquista dos seus direitos por uma cidadania verdadeiramente reconhecida.

O jornalismo enquanto instrumento de informação, passa pela vivência de **informar** e seu papel deve ser postulado na prática de uma mudança para um novo olhar.

Segundo Wagner (1998), *as representações sociais são co-construídas em práticas cotidianas*. Na nossa pesquisa tentamos ressaltar a interdependência entre representações sociais e o discurso midiático observanado o aspecto dinâmico e movente que têm na construção social.

Por um lado, como afirma Moscovici (1978, p. 50):

> As representações sociais são conjuntos dinâmicos de forma de apreensão e expressão do cotidiano vivenciado pelo homem e seus status é o de produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente.

As representações sociais, de acordo com o autor, se formam da apropriação dos conhecimentos que são produzidos e organizados no espaço do universo reificado e levados para as conversações do universo consensual dos acontecimentos cotidianos.

Esta apropriação do conhecimento e da informação orientará as condutas e a comunicação das pessoas.

Por outro, segundo Wolton (2004, p. 502):

> Se a informação tem como objetivo dar a forma ao mundo, dar conta dos acontecimentos, dos fatos e contribuir diretamente para o funcionamento de sociedades complexas, é inseparável da comunicação que além do ideal normativo de trocas e interações, constitui o meio de difundir essas informações e de construir as representações.

A partir dessas considerações apresentaremos os resultados do nosso estudo em três partes:

Na **primeira,** observamos na linguagem gráfica, a falta da regularidade na visibilidade alusiva à questão da deficiência e inclusão. Isso comprova que a quebra de rotina esteve presente nos eventos específicos que permearam a história dessa década no que se refere aos anos de 1996 e 1997, fato que trouxe a atenção da mídia devido a fatores preponderantes como: a) a paraolimpíadas; b) a implantação das urnas eletrônicas no país, numa perspectiva de igualdade de valores ao exercício da cidadania através da efetivação do voto necessário e decisivo para a eleição partidária exercido por uma pessoa com deficiência visual e uma pessoa sem deficiência visual; c) grandes eventos sobre "Mídia e Deficiência" quando se reuniram renomados nomes da mídia nacional num olhar da mídia para a própria mídia; d) a resolução nº 001/96 do Conselho Estadual de Educação/CEE que propugna que as pessoas com deficiência devem, preferencialmente, estar inseridas no ensino regular, o que causou grandes discussões por não se conceber a "mistura" de alunos com deficiência com alunos sem deficiência. A exemplo disso, registra-se lamentável fato de que um aluno com deficiência auditiva foi escolhido para ser o paraninfo da turma e a direção da escola rejeitou seu nome pela deficiência que apresentava, conforme atesta o recorte discursivo – Tribuna do Norte/1997:

> Garoto é discriminado na escola onde estuda [...] Dyego foi a mais um ensaio das festividades de colação de grau da pré-escola, onde seria o paraninfo de sua turma. Voltou triste e contou aos pais o que havia se passado. O diretor não quis mais que ele participasse como paraninfo por considerá-lo anormal, devido ao problema auditivo [...]

Na **segunda** parte, a aplicação do método da associação livre de palavras com os jornalistas do Diário de Natal/O Poti e a Tribuna do Norte, analisada pela análise de conteúdo de Bardin (2004) comprova que a subjetividade dos jornalistas não condiz com a falta de regularidade das matérias veiculadas ao longo da década que só apontou para os anos de pico, "anos de consagração" 1996, 1997.

Compreendemos que apesar da consciência crítica que têm sobre a temática, a relação estabelecida entre a mídia e a deficiência ainda não aflorou como interesse da sociedade. Ou seja, as matérias apresentadas na mídia impressa são esforços isolados de pessoas e/ ou instituições que atuam na área.

Na **terceira** parte, analisamos os textos dos anos de pico 1996, 1997, anos de consagração da temática, através do programa ALCESTE, o que nos levou a perceber que tal conteúdo apontava para a luta das pessoas com deficiência pela conquista de sua cidadania. A paraolimpíada de Atlanta/USA de1996 foi foco de grande visibilidade pela mídia, com certeza pelo número de medalhas conquistadas pelos norteriograndenses.

Dessa forma, não nos é difícil compreender que as informações que circulam nos espaços sociais possibilitam conhecer as representações de mundo, ou seja, seus valores e interesses por determinado assunto, no qual as pessoas estão inseridas.

Entretanto, por mais evidente que a mídia se paute nos acontecimentos sociais, é seu dever chamar atenção para as questões sociais promovendo debate de responsabilidade social que segregam e discriminam pessoas, ressignificando conceitos e apresentando uma nova postura de conviver com a diversidade humana. Entretanto, como observou o jornalista Alberto Dines, no programa que dirigi "Observatório da Notícia" na TV Cultura veiculado no dia 27 de março de 2007, *a mídia detesta discutir a própria mídia,* ou seja, a mídia não gosta de falar de si mesma e a própria figura do ombudsman, espécie de ouvidor da sociedade, representante do cidadão, só existe em pouquíssimos jornais.

No Brasil, teve início na folha de São Paulo em 1989, sendo o primeiro jornal a ter um jornalista nessa função, na ocasião Caio Túlio Costa[10]. Cinco anos depois, o jornal cearense O Povo aderiu a esse modelo e passou a utilizar um ombudsman para receber as críticas, sugestões e reclamações do leitor. A transparência do papel que a mídia exerce é fundamental para inclusão das pessoas com deficiência e deve ser cobrada da mesma forma como se cobra de outros setores da sociedade.

É interessante observar o que diz Nilda Teves (1992, p. 9) citando Karl Max, que diz:

> [...] a mais bela melodia, para um ouvido não musical, não tem nenhum sentido. Ou seja, da mesma forma que ouvir é o olhar. Não o olho biológico que registra a existência das coisas naturalmente, mas o olhar social que deve ser desenvolvido.

[10] Participou como palestrante sobre o papel do ombudsman em Natal/1992 no Seminário Comunicação sem Barreiras.

É o olhar que faz aparecer o objeto; mais que isso: a experiência perceptiva é a que nos dá o visível e o invisível. Como diz o filósofo Merleau - Ponty (1964, p. 14):

> Não convém perguntar se percebemos verdadeiramente o mundo, convém dizer, pelo contrário, o mundo é aquilo que percebemos. O mundo não é o que penso, mas o que vivo.

Assim, a informação é dirigida a um público diversificado e amplo, de pertença social diferente e, consequentemente, de visão de mundo diferente, registrando as informações de acordo com a sua sóciogênese.

Nesse diálogo entre a comunicação social e a representação social, é pertinente posicionar as idéias de Moscovici (1976) em relação à **difusão** e a **propagação** como modalidade de informação, relevante para esse estudo. A difusão, segundo o autor, apresenta uma estrutura descontínua, não ordenada e não visa incitar diretamente a determinadas condutas.

Enquanto que a propagação visa gerar atitudes comuns a seus membros, no sentido de propagar valores e estabelecer um novo olhar, ou seja, dá a esta atitude uma significação nova. Seu objetivo é tornar possível uma adequação dos comportamentos e normas, as quais os indivíduos aderem.

Como vemos, a propagação implica em mudanças que permitem/possibilitam incluir a pessoa com deficiência dentro do contexto de referência estabelecido para todos.

Entretanto, a relação que se evidencia, pelo caminho metodológico utilizado, inicialmente, através da linguagem gráfica, seguida da técnica de associação livre de palavras aplicada nos jornalistas dos dois jornais e por fim, na aplicação do programa ALCESTE nos textos dos anos de pico 1996 e 1997 que podem ser resumidas na frase da música de Milton Nascimento [...] *Vou descobrir o que me faz sentir eu caçador de mim* [...], **caçador de cidadania**.

Não é necessário muito esforço para vislumbrar tal constatação, além dos resultados clarearem essa realidade, ela ronda o nosso cotidiano. Em cada lugar, em cada esquina. Como sublinha o teórico da arte Ernst Gombrich, citado por Joly (2003, p. 60) *a imagem pode ser um instrumento de conhecimento, porque serve para ver o próprio mundo e interpretá-lo.*

Imagem 5. Fotografada pela autora. Nov/2006

Imagem 6. Fotografada pela autora. Nov/2006

Imagem 7. Fotografada pela autora. Nov/2006

Todos os significados estão lá e cada uma delas acerta no alvo. As imagens que revelam a cidade como um espaço social e parecem dizer-lhes: **não reconhecemos vocês**.

Cabe-nos recorrer ao filósofo Pierre Lévy (2000) que chama atenção do modo como interpretamos o mundo, reconhecendo que nós somos o texto:

> [...] não é mais o sentido do texto que nos ocupa, mas a direção e a elaboração de nosso pensamento, a precisão de nossa imagem de mundo, o resultado de nossos projetos, o despertar dos nossos prazeres, o fio de nossos sonhos [...]

Ou seja, falta à sociedade a consciência de que não vivemos isolados e perceber que é necessário olhar o mundo à nossa volta, e estabelecer um pacto de convivência com todas as pessoas, independente de suas diferenças. Este deveria ser o resultado do nosso projeto de vida.

Nesse aspecto, a mídia impressa que analisamos, leva-nos a aferir que a prática discursiva se assenta no capitalismo contemporâneo, nas leis do mercado, deixando de exercer seu papel social, responsável pela formação das representações sociais e pela repercussão dessas representações nas trocas e interações das práticas sociais, em relação à conduta humana. O preconceito ganha visibilidade e assim colabora de forma clara para aflorar cada vez mais a discriminação, como atesta a matéria abaixo:

Texto 03 – DN/96

> Picardia. Ao assistir ao jornalista Rosemilton Silva comentar, na TV Potengi, que a maior surpresa na disputa por uma vaga na Câmara Municipal foi à eleição de um camelô, um coleguinha ligou para a emissora e soltou: a maior surpresa foi a eleição de um deficiente mental. Quem, cara pálida?

Como diz Guareschi, Biz (2005, p. 41):

> A comunicação, hoje constrói a realidade. É difícil definir o que seja realidade. Não vamos entrar em questões metafísicas ou ontológicas. Queremos apenas dizer que a realidade, aqui, significa o que existe, o que tem valor, aquilo que nos propicia as respostas, o que legitima e dá densidade significativa ao nosso cotidiano.

De acordo com o pensamento do autor, compreendemos que a comunicação leva à produção de representação social de acordo com as interações vivenciadas entre o sujeito e o objeto, articulada no âmbito do pensamento social.

A mídia impressa é dirigida a um público amplo e heterogêneo, formados por grupos diversificados, que registram através das relações sociais com que interagem uma tomada de posição que gera opiniões diversas. Assim, a veiculação de uma matéria desse tipo tem uma influência sobre a conduta e as opiniões sobre as pessoas com deficiência. Poderíamos dizer que “ela” produz efeitos e interfere na visão de inclusão social, uma vez que apresenta claramente um sentido de menos apreço.

Como expressam os dados, a mídia só é sensibilizada por eventos específicos relacionados às representações de cunho polêmico, oriundos de situações de conflitos que mudam a rotina estabelecida e que pode ser identificada no interior dos grupos aos quais pertencem, por exemplo, as pessoas com deficiência - excluídos socialmente.

A mídia impressa tem o poder de construir, através dos seus textos, conceitos e referências que podem interferir na criação de novas formas de ação e interação no mundo social e influenciar novas condutas em relação às pessoas com deficiência.

A exemplo do compositor e cantor Gonzaguinha, na letra de sua canção, a mídia com o poder que tem poderia refletir o que está claramente evidenciado nos sentidos dos textos analisados e que ronda a luta na vida das pessoas excluídas socialmente: “[...] *a gente quer viver pleno direito, a gente quer viver uma nação, a gente quer ser um* ***cidadão*** [...]”.

Levando em consideração esse poder que a mídia exerce, podemos observar que os textos veiculados na mídia impressa, analisados nesta pesquisa, não aparecem construindo sentidos e significados comprovados pela falta de regularidade de veiculação de matérias inerentes à questão, o que demonstra que a mídia não está exercendo o papel social de humanização da sociedade.

Ela poderia ser um forte aliado no sentido de ajudar a sociedade a refletir, criando uma relação dialética - **sociedade e mídia** – que proporcionasse o crescimento de uma consciência verdadeiramente engajada nas lutas sociais, reconhecendo a autêntica responsabilidade que têm: informação (mídia) e consciência (sociedade), ou seja, um intercâmbio de consciência crítica das questões sociais.

Os textos veiculados na mídia impressa, analisados por essa pesquisa, aparecem construídos de sentidos e significados conotados de apelos por direitos e de justiça social.

Entretanto, os resultados apontam para a falta de regularidade na veiculação de matérias inerentes à questão ao longo do período pesquisado, o que demonstra que nem a mídia está exercendo o papel social e nem a sociedade que; silencia.

A propagação da temática que tem a finalidade, segundo Vala e Ordaz (1998, p. 89) *de se dirigir a um público particular, e de refletir uma visão bem organizada do mundo,* não ocorreu, como foi elucidado ao longo de todo esse estudo, pelo fato de ser esporádica.

Essa luta, simplesmente, é de poucos, não permaneceu de forma regular como uma referência imprescindível para a inclusão social das pessoas com deficiência, reconhecida pela mídia e aceita pela sociedade.

Como diz, Melo (1986) se a comunicação é um processo de representação simbólica, evidentemente, a arbitração dos símbolos que representam a realidade é que dão sentido à interação humana. Apreender os fatos e relatá-los através de veículos de difusão coletiva significa, nada mais, nada menos, que projetar visões de mundo.

E é exatamente isso que os jornalistas fazem cotidianamente. Atuam como mediadores entre os acontecimentos, seus protagonistas e os indivíduos que compõem um universo sócio-cultural. Esse campo comunicacional onde são adotados atributos e valores passa a ser parte do mundo, com uma significação positiva ou negativa.

É por isso que consideramos que a representação ganha sentido quando transforma em grau significativo a inclusão das pessoas com deficiência na dinâmica social, por lhes oportunizar objetivar seu discurso que, certamente, traz como resultado a visibilidade de suas potencialidades, peculiares, próprias, como são as de qualquer cidadão. Como afirma Goffman (1988*: De perto ninguém é normal*.

Nesse aspecto, o jornalismo se configura como uma atividade política, espaço privilegiado para atuação pública, ou seja, como instrumento de participação social – **como tribuna de cidadania.** Entretanto, como na sociedade capitalista a burguesia detém o monopólio do capital, indiretamente ela detém também o monopólio dos meios de comunicação.

Enquanto a imprensa burguesa está solidamente implantada, tem tradição, permanência, continuidade, a imprensa das classes excluídas/subalternas mostra-se frágil, **episódica** e **descontínua**. Tais aspectos, ainda cerceiam o acesso à cidadania, impondo condição desigual, excludente e restritiva. Segundo ainda afirma Melo (1986) “Cada jornal é uma mercadoria”.

Assim sendo, a população excluída socialmente - pessoas com deficiência - ainda atravessam momentos de despertar para a luta dos seus direitos, apesar de constituírem uma parcela significativa da população brasileira, cerca de 25 milhões de pessoas com deficiência, o que corresponde a 14,5% da população, conforme censo 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Diante do contexto, percebemos que há certa regularidade de sentidos entre os dois jornais. Do ponto de vista dos enfoques a mudança não é relevante, o sentido leva para a mesma representação.

De acordo com Orlandi (1993, 1996), o modo como o discurso produz sentido, ou seja, considerar o funcionamento do discurso na produção de sentidos, explicitando o mecanismo ideológico que o sustenta, é o caminho para a compreensão do texto relacionando-o com os diferentes processos de significação que nele ocorrem, sendo estes processos em função da historicidade, ou seja, história do sujeito e do sentido.

Dessa maneira, a sociedade e a mídia estabelecem uma relação dialética de **vazio** e de **silenciamento** que significa preconceito e falta de consciência.

Historicamente as pessoas com deficiência eram marginalizadas da sociedade e as políticas públicas eram voltadas para a segregação institucional dessas pessoas, que eram mandadas para asilos ou outros lugares de reclusão.

Depois veio o modelo de integração, que procurava criar estímulos pedagógicos para adaptá-las à sociedade. Esse modelo é adotado até hoje por diversas instituições. O conceito de inclusão é o mais recente e representa uma tentativa de avanço quanto à questão. De acordo com esse novo conceito, é a sociedade que tem que se adaptar para receber todas as pessoas.

Em outras palavras, a sociedade deve ser inclusiva, comportando toda a diversidade dos seres humanos sem que, para isso, precise haver qualquer tipo de diferenciação no modo como os indivíduos são tratados ou nas oportunidades que lhes são oferecidas.

Mesmo que a mídia quisesse realizar uma boa cobertura, não poderia, pois está desatualizada em relação a essa nova visão. Esse desconhecimento é compreensível, pois ainda é restrito a um pequeno universo de especialistas. Daí a importância desses conceitos serem difundidos.

Entre as várias recomendações que já existem os jornalistas poderiam procurar não subestimar as pessoas com deficiência, tampouco tratá-las como heróis, e ter o mesmo rigor utilizado em outros tipos de matérias. A linguagem, por exemplo, que usa o termo “deficiente” para designar as pessoas que têm uma deficiência não é adequada, pois reduz a pessoa a apenas uma característica. O ideal seria empregar a expressão “pessoa com deficiência”.

É importante destacar que no Brasil a discussão sobre o Estatuto da Pessoa com Deficiência acarretou opiniões divergentes. E a pergunta que se faz é: precisamos de um estatuto que concentre todas as leis do país para pessoas com deficiência? Leis que já estão em vigor, regulamentadas que precisam, na verdade, ser colocadas em prática, isto é, distribuir a questão da deficiência em tudo que diz respeito à sociedade.

Nas discussões da Constituinte, a preocupação não foi criar uma seção específica para as pessoas com deficiência, e sim espalhar a questão em todo o conjunto da Constituição. E nesse aspecto, a nossa constituição foi avançada e bem sucedida. As leis existem e precisam ser olhadas, observadas se estão sendo cumpridas na prática.

Em síntese, é um retrocesso se criar um estatuto específico, o que seria concentrar a questão num documento: **é a exclusão dentro da própria inclusão,** uma vez que a Constituição Brasileira já o contempla. Essa situação esconde inteiramente a relação de **cidadania** indivíduo/sociedade, e esconde o próprio ser humano.

A Constituição assegura no Art. V: “Todos são iguais perante a lei”. *Equiparar as oportunidades para todos é o melhor caminho e não especificar em documentos.* Imaginemos se todas as pessoas excluídas socialmente fossem objeto de documento para que se cumpram os seus direitos?

Na verdade, caberia à sociedade alertar a mídia para essa questão. Entretanto, a mídia reflete o que a sociedade é, e assim, como a sociedade não se manifesta, a questão não ganha visibilidade e a temática não avança. Quando a mídia publica

uma matéria ela pode formar opiniões favoráveis e desfavoráveis, dependendo do enfoque que é dado.

Ou seja, a apuração dos fatos, das fontes e a pesquisa constituem um jornalismo de excelência. Quando há essas omissões por parte da sociedade e, consequentemente, da mídia, isso termina atingindo muitas pessoas e pode se tornar um prejuízo para as conquistas do grupo.

É como a relação da perspectiva da educação inclusiva e da acessibilidade que vai além da deficiência. Nesse aspecto, poderíamos apresentar vários exemplos, entretanto sublinhamos os dois: Educação inclusiva e Acessibilidade. No âmbito da **educação**. Para muitos a perspectiva da educação inclusiva está destinada somente para as pessoas com deficiência e é exatamente o contrário: vai além da deficiência.

Esta é apenas uma das áreas que seriam beneficiadas com ela. A qualidade da educação é que está em debate porque hoje não se considera a diversidade dos alunos, os níveis de necessidades e as características individuais. A proposta da educação inclusiva é para melhoria da qualidade de ensino para todos e não só para incluir pessoas com deficiência na sala de aula. Segundo Mantoan (1997, p. 7):

> Acreditamos que o aprimoramento da qualidade do ensino regular e a adição de princípios educacionais válidos para todos os alunos, resultarão naturalmente na inclusão escolar das pessoas com deficiência. Em conseqüência, a educação especial adquirirá uma nova significação, designando uma modalidade de ensino não apenas a um grupo exclusivo de alunos, o das pessoas com deficiência, mas uma educação especializada no aluno e dedicada à pesquisa e ao desenvolvimento de novas maneiras de se ensinar, adequadas à heterogeneidade dos aprendizes e compatível com os ideais democráticos de uma educação para todos.

O segundo exemplo no contexto da **acessibilidade.** Para muitos há um reconhecimento de que os acessos adaptados são exclusivos para as pessoas com deficiência. Entretanto, a acessibilidade representa o respeito e a valorização da diversidade humana, como instrumento de um desenvolvimento inclusivo para todos, o que significa dizer acesso para TODOS. Mas, ao contrário há crenças produzidas no imaginário social que esse acesso é somente para as pessoas com deficiência.

O passeio público, por exemplo, hoje, se torna o maior desafio para o ir e vir das pessoas com deficiência física, com mobilidade reduzida, que incluem gestantes, obesos, pessoas com criança no colo, o carrinho de bebê, além da

significativa parcela das pessoas idosas. Acessibilidade é ter o espaço urbano adequado para que todas as pessoas possam se locomover com segurança, autonomia e dignidade. De acordo com o livro da CORDE - Acessibilidade (2005, p. 9):

> Direitos humanos, democracia e acessibilidade são indissolúveis, pois representam o respeito e a valorização da diversidade humana, como instrumento de bem-estar e de desenvolvimento inclusivo.

Assim, qualquer pessoa, “única” e “singular”, precisa conviver com toda a sociedade. Direitos à educação e ao acesso livre são direitos humanos e democráticos indispensáveis. Possibilitar igualdade de condições para todo o cidadão é dever do Estado e cabe a cada um de nós fazer a sua parte e cobrar da mídia visibilidade para a questão para que isto seja cumprido. Construir um novo olhar, uma “nova” representação é buscar nas práticas cotidianas **novas** atitudes de pensar e agir.

Como diz Wagner (1998, p. 32):

> Um “objeto social” pode ser material ou simbólico, mas para que um objeto seja ou não social não depende das suas características físicas nem das suas propriedades e sim de um coletivo que lhe dá identidade social. As representações sociais são co-construídas em práticas cotidianas.

Aliado a tudo isso, O Índice de Desenvolvimento Humano do nosso país influi de forma decisiva sobre a questão. O vínculo entre pobreza e deficiência é extremo. É considerado, segundo a Organização Mundial de Saúde, que pelo menos de 14% a 16% de todas as pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza têm alguma deficiência. Nesse aspecto, a deficiência aumenta a pobreza e a pobreza aumenta a deficiência, é um círculo vicioso que não se consegue romper.

Portanto, os atores da comunicação com o poder que têm podem bradar por todos os cantos e de todas as formas possíveis as histórias que vivenciam e revelar a realidade que permeia a vida das pessoas com deficiência. É dentro dessa visão que se apresenta o caminho para que se conceba uma *nova* concepção de cidadania, concepção que se adapta ao desencadeamento de uma série de movimentos sociais que merecem atenção e que significa a busca do reconhecimento social.

É sob essa perspectiva que pensamos ser possível ressignificar o papel dos meios de comunicação e sua atuação junto à sociedade, entendendo-a como parte constitutiva deles e eles como parte dela. Ainda que não seja possível falar de uma sociedade justa construída somente com a ajuda dos meios de comunicação, podemos falar de uma sociedade que vem construindo discursos e atitudes que nela repercutem construídas pelos meios de comunicação.

No espaço público contemporâneo, entendemos que a comunicação é um processo - é elemento contributivo - porque tece e desenrola os fios locais e globais; e é um produto - é indicativo de ação - mediadores culturais porque viabilizam as trocas de conhecimentos.

A mídia, segundo Moscovici (1978), é capaz de trazer o conhecimento especializado e reificado para o nível consensual, que se caracteriza como sendo o saber do senso comum. A mídia impressa - os jornais Diário de Natal/O Poti e Tribuna do Norte - à medida que constroem a história do cotidiano, vão deixando transparecer nas matérias veiculadas a imagem que se tem da deficiência.

Sendo fonte de informação e difusão de representações, o jornalista capta a imagem da deficiência no meio social, a reelabora e divulga para a sociedade, que por sua vez reprocessa e forma os mais variados conceitos sobre a questão.

Assim, Moscovici, citado por Jodelet (2001), diz que: “É nos meios de comunicação que é identificado o espaço para encontrar as representações do pensamento social”.

Compartilhar com a sociedade os princípios básicos constitucionais: soberania, cidadania, dignidade da pessoa humana, valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e pluralismo político, é um importante passo para a participação efetiva da população na construção de uma sociedade inclusiva para TODOS.

Diante desse contexto, podemos afirmar que a inclusão das pessoas com deficiência na mídia impressa no período de 1992 a 2002, foi uma década de baixa visibilidade dessa temática, estando em alta somente nos anos de 1996 e 1997.

A questão delineada assim aponta a falta de reconhecimento social da inclusão, ou seja, a “desmobilização” da sociedade conota um sentido de indiferença. Dessa maneira, fica difícil no contexto da dinâmica social, a constituição de vínculos afetivos em relação à inclusão das pessoas com deficiência. Resgatando o pensamento de Moscovici (1978) são esses vínculos simbólicos que também colaboram no processo de formação das representações sociais.

Assim, embora reconheçamos que a questão é complexa e que requer estudos mais aprofundados, não podemos deixar de reconhecer que a mídia como processo e como produto (jornal impresso), tem influência/repercussão no imaginário da sociedade, na qual, podem provocar mudanças na vida das pessoas com deficiência, que esperam que o **mundo** possa um dia ser como eles pensam que deveria ser: **um lugar de TODOS.**

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

There is no end for the studing.
Provérbio Chinês

Sabemos que nada é definitivo, conceitos são mudados a cada instante e novas descobertas surgem embaladas pelo movente mundo social que cria e se recria a cada instante. E são esses novos desafios que movem o mundo acadêmico. Como bem diz o sábio provérbio chinês **não há fim para o estudo.**

Nosso estudo teve como propósito principal discutir o papel da mídia, especificamente, a mídia impressa (Diário de Natal/O Poti e Tribuna do Norte), buscando apreender o discurso circulante, visto que, é esse discurso que veicula na sociedade as representações sociais.

O pressuposto que embasou este estudo foi o fato de que o jornal, à medida que se constitui espaço privilegiado para a socialização de sentidos e significados, pode tornar-se valioso campo de divulgação para inclusão social das pessoas com deficiência.

Os resultados de nossa pesquisa demonstram que a mídia impressa pode exercer um papel fundamental na representação social sobre a deficiência e a inclusão social das pessoas com deficiência.

O conceito de inclusão que apreendemos a partir das suas falas expostas nos textos analisados dos anos de pico - 1996 e 1997 – sobre inclusão, nos leva a perceber que as pessoas com deficiência almejam *uma condição na qual exerçam na totalidade seus direitos e deveres de cidadão, participando da vida social e interagindo com as demais pessoas em condições de igualdade, sem restrições de*

qualquer ordem impostas pela sociedade ou no contexto social no qual está inserido. Ou seja, a **conquista de sua cidadania.**

Entendemos que este conceito encontrado no nosso estudo pode ser explicado pelo conteúdo dos significados atribuídos à questão ao longo deste estudo. Não há um sentido que não aponte para esta realidade.

O primeiro sentido se dá na linguagem gráfica que observa de forma clara a falta de regularidade das matérias ao longo do período de estudo 1992 a 2002, que só consagra 1996 e 1997 como anos de grande difusão e visibilidade para a questão. Como comenta Moscovici (1961, p. 465):

> As mensagens guardam no interior de uma mesma fonte uma autonomia que se manifesta dentro de sua continuidade. Ainda que não seja uma forma de comunicação visando abertamente produzir condutas globais, a difusão pode ser eficaz.

Assim, a continuidade de matérias veiculadas pelos dois jornais, possibilitaria criar ocasiões de mudanças de condutas e muito mais do que isso buscar um novo olhar para princípios excludentes estabelecidos socialmente.

O segundo sentido se dá através da própria fala dos jornalistas que têm consciência do assunto, mas permanecem passivos, esperando a manifestação da sociedade, de algum evento específico sobre o assunto, para abordar a questão.

Entretanto, se as informações fossem regulares e de interesse público, as transformações aconteceriam e as pessoas com deficiência poderiam galgar a condição de *verdadeiros cidadãos*. Neste contexto, a mídia impressa, conseqüentemente, o jornalista, representaria um forte aliado na conquista dessa luta, à medida que combatendo ações preconceituosas assumiria o compromisso com o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva para todos.

Este valor atribuído à mídia, atrelado à sua função social, apresenta-se como imprescindível para o desenvolvimento de práticas inclusivas e para a saída da crise da exclusão que permeia a vida das pessoas com deficiência. Nesse sentido, os estudos de Moscovici (1978,2003 p. 205) mostram que:

> A percepção pública de temas relevantes é construída com base nas informações veiculadas na mídia, as quais vão sendo apropriadas pelos indivíduos e grupos e ressignificadas por estes com base em suas experiências e valores. As representações sociais são construídas na mídia, nos lugares públicos através

> desse processo de comunicação que nunca acontece sem transformação.

O terceiro sentido se dá através da análise dos textos dos anos de pico - 1996 e 1997 - apresentando que os dois jornais têm características semelhantes na abordagem da temática. Nessa ótica, este estudo possibilitou perceber que os níveis de comunicação da mídia impressa estão mais centrados nas iniciativas isoladas de alguns grupos que têm afinidade com a causa. Insere-se fundamentalmente na sociogênese das representações sociais identificada por Wagner (1998) de "Estruturas sociais e Eventos específicos" que se referem às representações oriundas de situações de conflito que mudam a rotina estabelecida e acolhem um grupo restrito, com significados menos persistentes nas trocas sociais.

São representações mais transitórias uma vez que duram menos tempo e abrangem um grupo específico. Em **1996** a quebra de rotina aconteceu devido a alguns fatores tais como: a) a implantação das urnas eletrônicas no Brasil e a vasta divulgação da mídia impressa para o treinamento dado pelo Tribunal Regional Eleitoral aos eleitores com deficiência visual, afinal seu voto tem o mesmo valor que tem uma pessoa sem deficiência; b) as paraolimpíadas que deram destaque aos atletas do RN, apesar de todo o caráter segregativo que o evento apresenta como foi mostrado anteriormente; c) a resolução 001/96 do Conselho Estadual de Educação, inovadora, na qual as pessoas com deficiência poderiam, preferencialmente, ser inseridas no ensino regular e d) a realização do I Seminário Mídia e Deficiência promovido pela CORDE/RN e o Sindicato dos Jornalistas do RN, com renomados nomes da mídia nacional.

Entretanto, as matérias sobre a questão veiculadas pela mídia impressa não ganharam o destaque merecido, não se retomou a temática com regularidade necessária para o processo de transformação almejado;

Em **1997** ocorre outra quebra de rotina ocasionada pelo II Seminário Mídia e Deficiência e que contou também com renomados nomes da mídia nacional. O assunto ganhou visibilidade não propriamente pela questão em si, mas pelos renomados atores da mídia.

Após esse período o assunto ficou esquecido, silenciado. A representação da deficiência se naturalizou como algo comum do cotidiano. A atenção ao tema só se estabeleceu diante da quebra de rotina, provocada por grupos específicos ou por pessoas mais conscientes e atentas ao papel social que lhe cabe desempenhar.

Como já foi dito, anteriormente, falar de representações sociais implica necessariamente falar de comunicação, pois é nesse processo comunicacional que são geradas e expressas. Como observa Moscovici (2003, p. 371):

> Uma condiciona a outra, porque nós não podemos comunicar sem que partilhemos determinadas representações e uma representação é compartilhada e entra na nossa herança social quando ela se torna um **objeto de interesse e de comunicação** (grifo nosso).

E como observa Wolton (2004, p. 25):

> Pensar a comunicação, hoje, equivale a pensar o elo entre os valores que estão na sua origem, as técnicas [...]. Porém, a margem de manobra é pequena, porque a vitória da comunicação mistura atualmente, de maneira sutil, valores e interesses.

Quando falamos de representação social, estamos falando do ser humano. Exatamente por essa razão é que consideramos a comunicação social como parte da representação social, as quais se estabelecem nas trocas e interações, ou seja, a idéia de partilha e compreensão na relação com o outro.

O que coloca a comunicação como um vetor de transmissão da linguagem e é portadora em si mesmo de representações sociais.

Nesse sentido, as nossas análises reafirmam o papel da mídia na valorização da conquista da inclusão das pessoas com deficiência, através dos seus discursos que estão recheados de representações sociais, as quais vão intervir diretamente na construção de um novo “olhar” numa sociedade em que a comunicação é, em grande parte, mediada pela mídia.

Acreditamos que as representações sociais veiculadas pela mídia impressa são fundamentais para a reflexão e o redesenho das questões sobre inclusão social e para o debate que se almeja em prol do desenvolvimento de uma sociedade para todos.

A nossa pretensão não foi delegar à mídia toda a responsabilidade em relação à inclusão social das pessoas excluídas; foi chamar a atenção para uma prática jornalística de qualidade que exige a apuração dos fatos, que investiga e que checam as suas fontes, que faça uma leitura crítica dos seus discursos antes de entregar nas mãos da população suas opiniões.

Talvez esteja na responsabilidade de cada cidadão cobrar tais reflexões e contribuir nesta tarefa que, certamente, é de TODOS.

Por último, queremos salientar que as interpretações aqui dadas, como quaisquer outras, podem e devem ter outras leituras, afinal como afirma Jodelet (2001, p. 22):

> As representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem o mundo – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Como fenômenos cognitivos, envolvem a pertença social dos indivíduos com as implicações afetivas e normativas, com as interiorizações de experiência, práticas, modelos de condutas e pensamento, socialmente incultados pela comunicação que a ela estão ligados.

Por fim, a nossa pretensão foi contribuir na luta em prol da inclusão social das pessoas com deficiência, embora reconheçamos que muitas questões ainda necessitam de estudos mais aprofundados e suas possíveis implicações no que diz respeito à construção e reconstrução da ótica da inclusão, suscitada nesta tese.

Torna-se importante, à luz da nossa visão, uma reflexão que busque vislumbrar um país mais justo e igualitário: Um Brasil formado por **cidadãos,** que realmente corresponda a: **Um país de "todos":**

BRASIL

É para "Todos".

Um Estado no qual o **Governo de "todos"** tenha o ideal de aproximar os homens e que seu progresso caminhe junto com o combate pela exclusão social, pelos direitos humanos e pela democracia.

RIO GRANDE DO NORTE

É para “Todos”

E finalmente, uma mídia que dê à questão a visibilidade de que: **A “cidadania” a gente vê por aqui.** Essa é a marca do mais importante meio midiático da televisão brasileira, Rede Globo, que veicula para seus milhares de telespectadores que:

GLOBO

Cidadania a gente vê por aqui

As duas primeiras logomarcas[11] - estão focadas para o sentido de **igualdade para todos** - a do nosso País/Brasil e do nosso “Estado”/Rio Grande do Norte. E a terceira chamada de vinheta[12] estabelece um forte vínculo de sentido com as marcas estabelecidas pelos governos - Federal e Estadual - ao apresentar nos intervalos da sua programação que a cidadania é tema de visibilidade nas suas veiculações.

Entretanto, a concretização do sentido “**de todos**” é uma realidade distante. Infelizmente o país é de **poucos**, o governo é de **alguns** e cidadania a gente **não vê por aqui**.

É preciso que haja mudanças significativas em relação à inclusão das pessoas com deficiência que ainda permanecem atreladas a um passado histórico,

[11] Uma marca é uma figura, é um símbolo, um sinal, um emblema, um brasão... uma imagem.
[12] Identificação breve da **estação**, do **programa**, do **patrocinador**, ou do apresentador de um programa de TV ou rádio, no início ou no fim de cada intervalo. É constituída, geralmente, de uma frase musical, com ou sem **texto**.

sobretudo, pela ausência de uma conscientização da sociedade que remeta a imprensa a aguçar o senso crítico de seus leitores e estimulá-los a reflexões mais profundas sobre a questão.

Normalmente, a veiculação de matérias alusivas a pessoa com deficiência, só entram na pauta dos meios de comunicação por dependência de eventos organizados por entidades interessadas na causa ou se agendadas por órgãos oficiais.

Finalmente, a complexidade da questão nos despertou um interesse particular: pesquisar o mundo paraolímpico e buscar entender porque **a segregação** se estabelece tão fortemente no maior evento de celebração mundial. Ainda, ampliar as discussões sobre as relações entre a mídia e as paraolimpíadas e o porquê da diferença no tratamento dado às olimpíadas e às paraolimpíadas.

Esse tema nos chamou a atenção pela relevância que traz para a inclusão social e será a fundamentação para o desenvolvimento de um estudo que nos leve ao caminho da compreensão para uma sociedade inclusiva. Nesse contexto, a inclusão não se faz, senão pela via da ação para formação de um novo olhar: sujeito-cidadão.

O direito de ter direitos são preceitos constitutivos do homem contemporâneo e é esse homem, único e singular com todas as diferenças que lhe são peculiares, que vem pedindo o seu lugar no mundo.

Foi a partir destas reflexões finais que descortinamos uma nova dimensão do objeto de estudo: as paraolimpíadas como o maior evento desportivo mundial de segregação. E então, movidas pela força desta faceta do objeto, que a nós se revelava de maneira tão contundente, foi que decidimos recomeçar. Na verdade, sem este recomeço, nossa pesquisa estaria incompleta e nosso objeto relegado no seu aspecto mais pujante. Era, portanto, inevitável prosseguir...

O objeto nos mostrava que não é possível que o maior evento desportivo, que se sedimenta na celebração dos povos de todo o mundo possa ser o maior evento de **segregação** mundial. É inconcebível que as vilas olímpicas projetadas arquitetonicamente e construída sob as normas de acessibilidade só possam ser ocupadas após a realização das olimpíadas das pessoas sem deficiência.

Vale salientar (anexo 2), que os mesmos espaços (anexo 3), onde se pratica o voleibol, o basquetebol, a natação, o atletismo, etc., são os mesmos utilizados pelas pessoas com deficiência, ***o que não representa dizer que estamos defendendo a***

idéia de que pessoas com deficiência disputem com pessoas sem deficiência. O que defendemos, por exemplo, é que um jogo de basquetebol de cadeira de rodas possa acontecer antes ou depois de uma partida disputada entre pessoas sem deficiência, assistida por um mesmo público. Belo é estar junto, incluir é estar junto.

No sentido de conhecer o Comitê Paraolímpico visitamos o seu site e encontramos seus objetivos gerais, promocionais e técnicos, o que culminou no "retrato" da exclusão. Em nenhum momento é falado da possibilidade de se lutar pela inclusão das pessoas com deficiência no contexto Olímpico como um evento único e não segregativo. Assim vejamos:

Objetivos Gerais

Consolidar o Movimento Paraolímpico no Brasil, visando o pleno desenvolvimento e difusão do esporte de alto-rendimento para pessoas com deficiência em nosso País;

Promocionais

•Aumentar a visibilidade e a empatia do Movimento Paraolímpico junto à mídia e à sociedade em geral;

•Manutenção de um núcleo de comunicação e marketing esportivo, visando implantar ações integradas de assessoria de imprensa, relações públicas, promoções, comunicação visual e marketing;

•Criar situações para que o produto Movimento Paraolímpico possa ser utilizado estrategicamente por seus parceiros para divulgação e comercialização de seus produtos e serviços, bem como para a conquista, manutenção e fidelização de seus clientes;

•Implantar uma estrutura operacional e promocional dos eventos capaz de atender às expectativas e interesses estratégicos dos parceiros e seus clientes;

•Desenvolver e implantar um programa de capacitação de recursos humanos em forma de seminários e oficinas de administração e marketing esportivo de âmbito regional e nacional, visando modernizar e instrumentalizar as associações filiadas de gestão e clubes de prática do esporte paraolímpico;

•Criar, desenvolver e implantar um programa de licenciamento do Movimento Paraolímpico de âmbito nacional.

Técnicos

•Proporcionar condições técnicas e científicas para o desenvolvimento dos atletas integrantes da Equipe Paraolímpica Brasileira;

•Criar um ranking nacional para os atletas paraolímpicos brasileiros;

•Padronizar os métodos e instrumentos de avaliação da performance dos atletas;

•Fomentar a realização de competições nacionais para a motivação e detecção de novos talentos;

•Estimular a participação de atletas e equipes paraolímpicas brasileiras em competições internacionais;

•Capacitar e qualificar profissionais envolvidos nos setores meios e fins, constituintes do processo paraolímpico;

•Estimular a qualificação profissional dos atletas paraolímpicos, visando o planejamento da pós-carreira esportiva dos mesmos;

•Identificar condições de trabalho para os atletas paraolímpicos, visando sua inclusão social e profissional;

•Criar e implantar um calendário para o esporte paraolímpico brasileiro;

•Proporcionar uma infra-estrutura de desenvolvimento do esporte de alto-rendimento para pessoas com deficiência do País;

•Estabelecer normas e critérios de qualidade e funcionamento para as Associações Filiadas e Clubes Paraolímpicos, visando à padronização dos instrumentos gerenciais de acompanhamento de processos, projetos e resultados.

Em entrevista[13], o fotógrafo italiano Mike Ronchi revela a emoção de cobrir os Jogos Paraolímpicos de Atenas e ao ser indagado qual a sensação de cobrir um evento tão importante como os Jogos Paraolímpicos de Atenas? Respondeu:

Foi uma experiência profissional única e fantástica. Acho que se os Jogos fossem realizados a cada dois meses eu os fotografaria da mesma forma e com a mesma empolgação. A cobertura de uma Olimpíada ou Paraolimpíada é o ponto alto da carreira de um fotógrafo esportivo, assim como é para qualquer atleta - nunca tive uma oportunidade tão rica. Fotografar o esporte paraolímpico me trouxe uma satisfação de maravilha diante do que eu estava vendo, de superação, garra e exemplo. É uma verdadeira escola de vida. Às vezes, chego a pensar em reclamar

[13] Revista nº 17 – julho/agosto 2005 Brasil Paraolímpico. www.cpb.org.br

de algumas coisas da vida, mas daí penso em tudo o que aprendi na Paraolimpíada e digo: "O que é isso? Bola pra frente!".

Como corrobora a Procuradora Federal dos Direitos do Cidadão Maria Eliana Meneses de Farias[14]:

> A inclusão é tão agregadora que seus benefícios na são somente sentidos pelas pessoas que estão excluídas, mas por toda a sociedade. Diversidade não é peso. Diversidade é **riqueza**. (grifo nosso)

O que justifica ainda mais a oportunidade de se ter um evento que celebre o mundo com todos juntos e se torne para cada um uma lição de vida, no que se refere ao respeito às diferenças, às particularidades, às singularidades inerentes a diversidade humana.

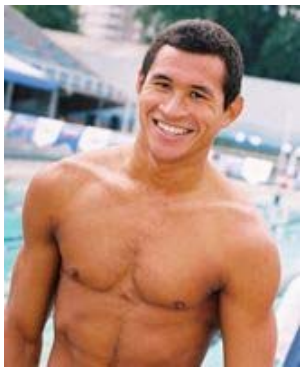


Imagem 8. Clodoaldo Silva.
Fonte: CPB

O potiguar Clodoaldo conquistou vários recordes na natação, em tão pouco tempo, que muitos o chamam de Clodoaldo Recorde da Silva. Superando limites e dificuldades, o atleta chegou determinado na paraolimpíada de Atenas, e seu desempenho foi tão extraordinário que chegou a ser comparado com o americano Michael Phelps, por causa das seis medalhas de ouro e uma prata, conquistadas em oito provas.

Clodoaldo firmou-se, ainda, como o melhor atleta paraolímpico brasileiro de todos os tempos, e eleito como o melhor atleta paraolímpico do mundo, título concedido pelo Comitê Paraolímpico Internacional (IPC), em novembro de 2005. É pertinente ressaltar, que compreendemos que um fato como esse *é digno de ser visto pelo mesmo público que viu Michael Phelps.* Entretanto, como diz Dave Gordon

[14] Manual de educação inclusiva editado quando a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão completa dez anos. O referido documento não tem data de sua publicação.

(2004)[15], diretor de grandes eventos da rede de TV britânica se posicionou: **Paraolimpíada faz sucesso nas TVs pelo mundo, menos nos EUA** e acrescenta o jornalista:

> Cada vez mais canais TV no mundo, especialmente na Europa e na Ásia, vêm transmitindo as competições da Paraolimpíada de Atenas - 2004, mas o principal evento esportivo para deficientes físicos continua sem receber muita atenção nos Estados Unidos, que é o maior mercado televisivo do mundo [...]

De acordo com Joly (2003) a imagem da mídia é invasora, onipresente, aquela que faz parte da vida cotidiana de todos. Entretanto, acompanhar as paraolimpíadas não tem sido o interesse dos meios midiáticos, o que reflete o pensamento social. Dessa forma, a inclusão toma o caminho contrário, ou seja, a paraolimpíada propicia *uma inclusão que se estabelece dentro da própria exclusão.*

Nesta pauta de reflexão, buscamos os estudos em torno das paraolimpíadas no site de pesquisa do banco da Capes, pesquisa realizada em 10 de maio de 2007 às 16:30h, no período de 2006 a 1987, usando a palavra sobre o assunto: *parolimpíadas* e encontramos apenas 1(um) **mestrado** na área de Educação, com o tema: A natação, o cego e o deficiente visual: a inclusão e suas implicações no desporto de rendimento. Autor: Luiz Marcelo Ribeiro da Luz, Universidade Estadual de Campinas, defendida em 01/02/2003 e 1 (um) **doutorado** na área de Educação Física, com o tema: Atletas paraolímpicos: figurações e sociedade contemporânea. Autora: Ruth Eugênia Amarante Cidade e Souza, Universidade de Estadual de Campinas, defendida em 01/02/2004.

Luz (2003) em seus estudos destaca que:

> Na perspectiva de uma sociedade inclusiva, o presente estudo investiga a modalidade de desporto de rendimento natação para atletas cegos e deficientes visuais. Verificamos as implicações e inovações que o processo inclusivo oferece ao rendimento desses atletas em competições de nível nacional e internacional. Foram entrevistados dirigentes, técnicos e atletas cegos e com deficiência visual brasileiros e estrangeiros, na paraolimpíada de Sidney/Austrália, em 2000. A investigação mostrou que o treinamento em situação de inclusão favorece o rendimento desses atletas. Paralelamente constatamos que os dirigentes, em geral, demonstram ainda resistência quanto à unificação desse esporte; os técnicos se

[15] Da **France Presse**, em Atenas, veiculada na Folha de São Paulo – online/ 21/09/2004 às 15h16

> dividem com relação à mesma questão e os atletas sofrem pressão da política segregadora vigente no desporto adaptado.

O estudo de Luz demonstra que há segregação até nos treinamentos, ou seja, os atletas cegos e os com deficiência visual[16] treinam separados o que segundo o autor, não favorece o rendimento desses atletas.

Já Souza (2004), tem como foco o estudo das configurações de atletas selecionadas para a Paraolimpíada de Sydney, Austrália, 2000. A investigação de cunho sociocultural está centrada na seguinte questão: como as atletas com deficiência estabelecem relações e interdependências entre os diferentes papéis sociais que exercem?

Ainda buscando estudos na área pesquisamos no google científico (11/05/2007) às 16h, artigos e estudos, utilizando as palavras paraolimpíadas e atletas paraolímpicos, encontramos diversos trabalhos sobre do assunto focados: na aptidão física, avaliação médica, participação brasileira em paraolimpíadas: desempenho nas conquistas de medalhas, avaliação clínica dos atletas paraolímpicos, atividade física adaptada, aumento da quantidade de atletas paraolímpicos: crescimento das delegações dos países participantes, resultados das avaliações cardiológicas com atletas paraolímpicos, dificuldades da delegação brasileira em sua preparação em jogos internacionais, avaliação e prescrição do treinamento de atletas brasileiros e olimpíadas e paraolimpíadas: uma correlação com a mídia, dentre outros.

Diante desse resultado, podemos observar que não encontramos qualquer trabalho, pelo menos por nós pesquisado, que aponte para a unificação, inclusão do maior evento desportivo do mundo – **Olimpíada e Paraolimpíada**. Entretanto, um trabalho merece destaque por questionar o tratamento que a mídia tem oferecido aos jogos olímpicos, em detrimento dos jogos paraolímpicos. Com o tema: Olimpíada e paraolimpíada: uma correlação com a mídia Figueiredo e Guerra (2005) dizem:

> De quatro em quatro anos o maior evento esportivo do mundo, as Olimpíadas, movimentam bilhões de dólares; em Atenas, 2004, cerca

[16] Cego, segundo a interpretação do Ministério Público do Trabalho do Decreto Nº 5.296/04 que redefine as deficiências, é a perda total da visão, enquanto que a deficiência visual começa quando, após a melhor correção ótica (lentes de contato ou óculos); a pessoa ainda precisa de alguns equipamentos para enxergar, como por exemplo: lupa, leitora de tela, software, etc.

> de um bilhão de dólares foram gastos em direitos de transmissão de imagens e 16033 jornalistas cobriram o espetáculo. Já nas Paraolimpíadas, que receberam o título de segundo maior evento esportivo mundial, em Atenas apenas 3000 jornalistas fizeram a cobertura dos Jogos.

O que comprova a visão excludente e pouco valorativa que tem a paraolimpíada. É verdade que a participação de atletas paraolímpicos aumentou o que dá força para que se busque equiparar às oportunidades e se ter um evento único. Assim vejamos, os Jogos Paraolímpicos tiveram sua primeira versão em 1960, em Roma, e contavam com a participação de 23 países e 400 atletas; em sua edição mais recente, em Atenas 2004, o evento reuniu 143 países e 4000 atletas; os investimentos atingiram patamares antes inimagináveis; patrocinadores mundiais ajudaram a custear a competição e a profissionalização do esporte foi visível.

Os números mostram que entre a primeira e a última versão dos Jogos houve uma grande evolução, o esporte para pessoas com deficiência abandonou o caráter estritamente de lazer e de reabilitação, passando a buscar também o alto-rendimento, o que acarretou o interesse da mídia por esse segmento esportivo; contudo, *ainda não há uma cobertura sistemática do esporte paraolímpico*.

Para ilustrar nossa argumentação, seguem-se imagens referentes à Olimpíada e Paraolimpíada de Pequim - 2008 - que estamos qualificando como “Maior celebração desportiva mundial”: *testemunho da exclusão*.

Imagem 9. Fonte: www.olympic.org

Sintetizamos, na forma a seguir, o pensamento que vimos defendendo ao longo destes parágrafos finais:

OLIMPÍADAS

↓

“BELO É ESTAR JUNTO”

Quiçá, esta idéia possa se tornar realidade em 2012 e que, em Londres nosso slogam possa se concretizar.

LONDON 2012 →

***IGUALDADE PARA TODOS*!**
UM MESMO PÚBLICO, UM ÚNICO OLHAR!

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Ângelo Antônio. **Aluno excluído do sistema público:** a identidade em construção. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 de abril de 2007.

ABRIC, Jean-Claude. A Abordagem estrutural das representações sociais. In: PAREDES, Antônia; OLIVEIRA, Denise Cristina. **Estudos interdisciplinares de representações sociais.** Goiânia: AB Editora, 1998.

ABRIC. Jean-Claude. **Pratiques sociales et reprèsentations.** Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

ACCIOLY, J. H. **Representações sociais das atividades físicas para trabalhadores da indústria**. Natal/RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2004.

AGUADO, D. A. L. ALCEDO R. M. A. **Tratamento de la discapacidad em la prensa Asturiana**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Oviedo, 1990.

ALMEIDA, M. S. **Instituições Brasileiras de Apoio à Pessoa Portadora de Deficiência: novos paradigmas de organização.** Dissertação (Mestrado) - Universidade de Salamanca, 1995.

ALVAREZ, J. M. C. **Diversidade en la educación: desafio para el nuevo milenio.** III Congresso Ibero-Americano de educação especial, 1998. Mimeo.

AMARAL, Lígia Assumpção. **Pensar a diferença/ deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional de integração da pessoa portadora de deficiência, 1994.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. In: Enciclopédia Einaldi (Antropos-Homem), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Portugal: Edição Portuguesa, p. 226-332, 5.v, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia. Tradução Júlio Casteñon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **Aventura semiológica.** Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

CANZIANI, M. L. **Acessibilidade**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

CANZIANI, M. L. **Mídia e deficiência:** Manual de Estilo. 2 ed. Brasília: CORDE Nacional, 1994.

CARNEIRO, Andréa Curry. **Uma construção compartilhada.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Faculdade de Comunicação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 de abril de 2007.

CARVALHO, Maria do Rosário de Fátima de. **O outro lado do aprender:** representações sociais da escrita no semiárido norte-riograndense. Recife: Ed. Massangana/EDUFRN, 2002.

CARVALHO, Maria do Rosário de Fátima; PASSEGGI, Conceição; SOBRINHO, Moisés. **Representações Sociais.** Mossoró: Coleção Mossoroense, 2003.

CASADO, Demetrio. **Discapacidad y medios de información. Pautas de estilo.** Madrid: Real Patronato de Prevención y Atención con Minusvalía, 1989.

CRESPO, Ana Maria Morales. **Informação e deformação - A pessoa com deficiência na mídia impressa.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 de abril de 2007.

D'ANTINO, Maria Eloisa Famá. **Deficiência e a mensagem reveladora da instituição especializada:** dimensões imagética e textual. Dissertação (Mestrado em Psicologia escolar e desenvolvimento humano) – Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 de abril de 2007.

DeGEORGE, William F. **Conceptualization and measurement of audience agenda**. Beverly Hills: Sage Mass Communication Review Yearbook, 1981.

DURKHEIM. Emile. **Sociologia e filosofia**. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense, 1970.

FALLOWS, James. **Detonando a notícia:** como a mídia corrói a democracia americana. Tradução de Fausto Wolf. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FIGUEIREDO, T. H. ; GUERRA, M. O. Olimpíadas e paraolimpíadas – uma correlação com a mídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, **Anais** ....., 2005

FOUCAULT, Michel. **60 minutos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FRANÇA, Ione Pereira. **A incompatibilização da cidade para os cidadãos deficientes de locomoção:** uma questão de cidadania. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 de abril de 2007.

FRANCO, M. L. P. O que é análise de conteúdo. **Caderno do programa de estudos de pós-graduação em psicologia educacional da PUC-SP,** São Paulo, n. 7, 1986.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, educação e cidadania:** tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis: Vozes, 2005.

JODELET, Denise. (Org.) **As representações sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001

JOHN, Liana. **Síndrome de down na imprensa:** dicas para um bom contato com os jornalistas. Meo, fbd [s,n].

JOLY, Martine. **Ofício de arte e forma. Introdução a análise da imagem**. Tradução Marina Appenzeller. [s.l.]: Papirus Editora, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Trinta e quatro, 2000.

LUZ, Luiz Marcelo Ribeiro da. **A natação, o cego e o deficiente visual:** a inclusão e suas implicações no desporto de rendimento. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 de abril de 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência:** contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon: SENAC, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Compreendendo deficiência mental:** novos caminhos educacionais. São Paulo: Spicione, 1989.

MARQUES, Carlos Alberto. **A imagem da alteridade da mídia.** Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 de abril de 2007.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação escolar:** comum ou especial. São Paulo, Pioneira, 1987.

MELO, José Marques. **Comunicação:** direito à informação. Campinas: Papirus, 1986.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1964.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução: Pedrinho Arcides Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

NILDA, Teves. **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

NÓBREGA, Sheva Maia. Sobre a teoria das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes. (org.) **Representações sociais teoria e prática.** João Pessoa: Editora Universitária/ Autor Associada, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

PENA, F. **1000 perguntas sobre jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **As rotinas produtivas dos editores de texto do RJTV1:** construíndo a notícia. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 de abril de 2007.

PESSOTI, Isaias. **Deficiência mental:** da superstição à ciência. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

QUEVEDO, Ari Edson Poloni de. **Obstáculos à qualidade de vida do deficiente físico:** estudo de caso junto às instituições públicas de ensino. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 de abril de 2007.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação.** Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

RIBAS, João Batista Cintra. **Preconceitos contra as pessoas com deficiência:** a relação que travamos com o mundo. São Paulo: Cortez, 2007. 7 v. (Coleção Preconceitos).

RIBAS, João Batista Cintra. **Viva a diferença:** convivendo com nossas restrições ou deficiências. São Paulo: Moderna, 1995.

SÁ, Celso Pereira. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOUZA, Ruth Eugênia Amarante Cidade e. **Atletas paraolímpicas:** figurações e sociedade contemporânea. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/. Acesso em: 20 de abril de 2007.

VALA, J.; ORDAZ, O. Objetivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, Denise C. de (org.). **Estudos interdisciplinares de representação social.** Goiânia: AB, 1998.

VIVARTE, Veet. (coord.). **Mídia e deficiência.** Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003.

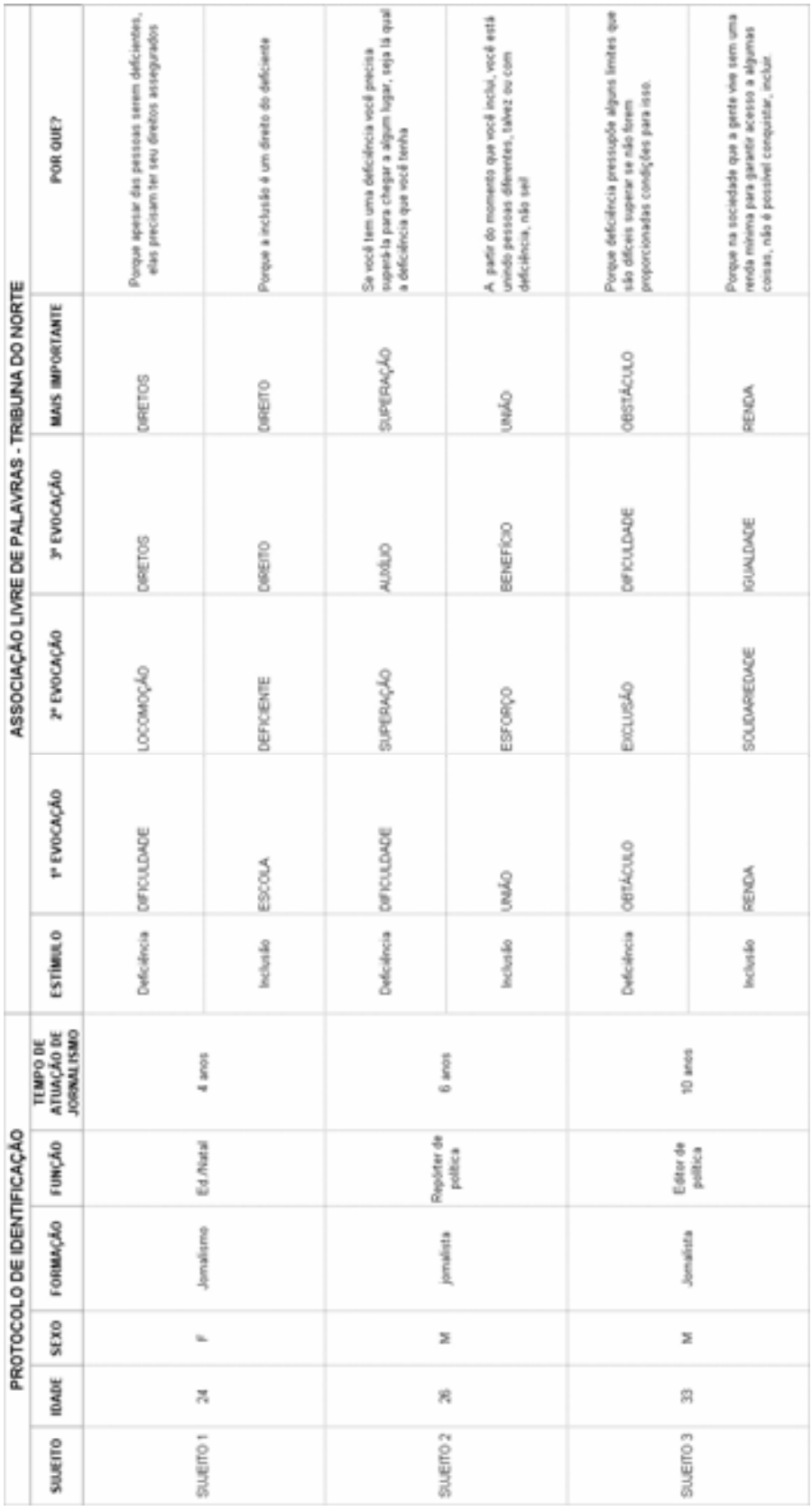
WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes. (org.) **Estudos interdisciplinares de representações sociais.** João Pessoa: Editora Universitária/ Autor Associada, 1998.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1995.

WOLTON, D. **Pensar a Comunicação.** Tradução Zélia Leal Adghirni. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

ANEXOS

Associação livre de palavras – Tribuna do Norte com respectivos jornalistas.



PROTOCOLO DE IDENTIFICAÇÃO						ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS - TRIBUNA DO NORTE					
SUJEITO	IDADE	SEXO	FORMAÇÃO	FUNÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO DE JORNALISMO	ESTÍMULO	1ª EVOCAÇÃO	2ª EVOCAÇÃO	3ª EVOCAÇÃO	MAIS IMPORTANTE	POR QUE?
SUJEITO 1	24	F	Jornalismo	Ed./Natal	4 anos	Deficiência	DIFICULDADE	LOCOMOÇÃO	DIRETOS	DIRETOS	Porque apesar das pessoas serem deficientes, elas precisam ter seu direitos assegurados
						Inclusão	ESCOLA	DEFICIENTE	DIREITO	DIREITO	Porque a inclusão é um direito do deficiente
SUJEITO 2	26	M	Jornalista	Repórter de política	6 anos	Deficiência	DIFICULDADE	SUPERAÇÃO	AUXÍLIO	SUPERAÇÃO	Se você tem uma deficiência você precisa superá-la para chegar a algum lugar, seja lá qual a deficiência que você tenha
						Inclusão	UNIÃO	ESFORÇO	BENEFÍCIO	UNIÃO	A partir do momento que você inclui, você está unindo pessoas diferentes, talvez ou com deficiência, não sei!
SUJEITO 3	33	M	Jornalista	Editor de política	10 anos	Deficiência	OBSTÁCULO	EXCLUSÃO	DIFICULDADE	OBSTÁCULO	Porque deficiência pressupõe alguns limites que não deixam superar se não forem proporcionadas condições para isso.
						Inclusão	RENDA	SOLIDARIEDADE	IGUALDADE	RENDA	Porque na sociedade que a gente vive sem uma renda mínima para garantir acesso a algumas coisas, não é possível conquistar, incluir.

Associação livre de palavras – Tribuna do Norte com respectivos jornalistas.

SUJEITO 4	40	F	jornalista	Editora de cidade	20 anos	Deficiência	SERVIÇO PÚBLICO	SERVIÇO PÚBLICO	SERVIÇO PÚBLICO	SERVIÇO PÚBLICO	SERVIÇO PÚBLICO	Deficiência do Serviço público de um modo geral, isso na esfera municipal, estadual e federal, órgão que não funcionam órgãos de educação, órgãos de saúde, como hospitais, postos de saúde, eu vejo um serviço público muito deficiente, não é só na área de educação, saúde é também na área de polícia, é também na área social, nosso serviço público não funciona, hoje não funciona
						Inclusão	CRIANÇAS	DEFICIENTES	SOCIAL	CRIANÇAS		Acho que há uma necessidade, tem que ser feito mas eu cho que nossos professores não são preparados para receber essas crianças , inclusão social não só dessas crianças portadoras de necessidades especiais, mas portadoras de necessidades gerais, por exemplo cegos, surdos, mudos , paraplégicos, deficientes de um modo geral
SUJEITO 5	29	M	Jornalista	Repórter ed Economia	5 Anos	Deficiência	FÍSICA	CULTURAL	ECONÔMICA	CULTURAL		Acho que é essa intelectual, do pensamento mesmo, essa talvez seja a mais danosa de todas.
						Inclusão	SOCIAL	INTELECTUAL	SAÚDE	SOCIAL		Acho que a social, ela talvez contemple um pouco de tudo.
SUJEITO 6	47	M	jornalista	Repórter de política	26 Anos	Deficiência	FALTA DE POLÍTICA	PLANO DE CARREIRA	JORNALISTA	FALTA DE POLÍTICA		Falta de uma política, ou um plano de carreira para o jornalista de um modo geral.
						Inclusão	EDUCAÇÃO	SAÚDE	QUALIFICAÇÃO	EDUCAÇÃO		As pessoas mais instruídas têm melhores chances de superar os problemas, as dificuldades e a concorrência da vida

Associação livre de palavras – Tribuna do Norte com respectivos jornalistas.

SUJEITO 7	69	M	jornalista/ adm.	Colunista e repórter de material especial do futebol	43 Anos	Deficiência	FALTA DE ALGUMA COISA	CARÊNCIA	ABANDONO	ABANDONO	O abandono.
						Inclusão	CHEGADA DE ALGUÉM	ADEPTO	MAIS UM NO GRUPO	ADEPTO	Mais um que chega para dar força ao grupo
SUJEITO 8	31	M	jornalista/adm	Repórter esportivo	5 Anos	Deficiência	MAL PROFISSIONAL	CORRUPÇÃO	FALTA DE PROFISSIONALISMO NO FUTEBOL	MAL PROFISSIONAL	Porque o mal profissional ele pode corromper também, já que eu falei em corrupção, o mal profissional corrompe também e suja o mercado de trabalho.
						Inclusão	SOCIAL	TECNOLÓGICA	SOCIEDADE	SOCIAL	É justamente essa parte da inclusão social das camadas menos favorecidas da sociedade ter mais espaço dentro da sociedade
SUJEITO 9	33	M	jornalista	Editor de esportes	9 Anos	Deficiência	INCLUSÃO	NECESSIDADE	EFICIÊNCIA	INCLUSÃO	Acho a inclusão a mais importante, a gente tem a obrigação de incluir essas pessoas, porque eu estive em Atlantas cobrindo os jogos paraolímpicos eu vi que o deficiente, na realidade, essas pessoas não têm nada são muito eficientes, talvez esteja faltando ter a consciência e até a ajuda que hoje elas são necessitadas à sociedade.
						Inclusão	RESPONSABILIDADE	OBRIGAÇÃO	DESCASO	OBRIGAÇÃO	Acho que a obrigação é a mais importante, acho que a gente tem como profissional, como cidadão, a gente tem a obrigação de procurar a inclusão em qualquer campo que seja, tanto da inclusão social, inclusão da mulher no mercado de trabalho, inclusão do negro, inclusão de pobres, inclusão de informática, acho que é uma obrigação da gente como profissional e cidadão buscar isso.

Associação livre de palavras –Tribuna do Norte com respectivos jornalistas.

SUJEITO 10	49	M	jornalista/adm	Chefe de redação	26 Anos	Deficiência	DIFICULDADE DE LOCOMOÇÃO	DIFICULDADE DE LOCOMOÇÃO	DIFICULDADE DE LOCOMOÇÃO	LOCOMOÇÃO	Durante muito tempo a gente foi acostumado a usar o termo deficiente físico, você já não tem essa percepção para quem tem problemas de saúde mental, você nunca diz , que a pessoa é deficiente mental, você diz que a pessoa é doida, um termo mais grosseiro
						Inclusão	SOCIAL	POBREZA	PROGRAMAS	SOCIAL	Como inclusão é uma palavra nova no noticiário a gente lembra da inclusão social de pessoas que estão fora estão abaixo da linha de pobreza, você cria alguns programas para eliminar a situação daquelas pessoas, então como é uma palavra nova no nosso noticiário, inclusão diz o tom de inclusão social
SUJEITO 11	43	M	jornalista	Editor geral	23 Anos	Deficiência	INCOMPREENSÃO	INTOLERÂNCIA	LIMITAÇÕES	INCOMPREENSÃO	Porque por mais boa vontade que as pessoas hoje diante do discurso do politicamente correto apresentam diante de pessoas portadoras de algum tipo, grau de deficiência, basicamente a gente não tem a compreensão necessária pra entender as necessidades, a realidade daquele outro. Entender a realidade do outro quando o outro não apresenta o mesmo grau de necessidades especiais que a gente, já é difícil, imagine entender a realidade do outro que entre aspas, a gente vê como uma coisa menor, uma pessoa menor porque ela não pode fazer, realizar os mesmos hábitos, que nós realizamos ela não pode vencer os obstáculos da mesma forma que nós vencemos, então em todo discurso, inclusive na busca do politicamente correto existe sempre essa questão da incompreensão, o politicamente correto, na verdade, não é nada mais nada menos uma tentativa de maquiar esse estado de incompreensão
						Inclusão	COMPREENSÃO	PARTICIPAÇÃO	SOLIDARIEDADE	COMPREENSÃO	Eu acho que você não inclui se você não tiver a real compreensão da realidade do outro que tenha essa deficiência. Hoje em dia, por exemplo, se discute muito a questão da participação de portadores de síndrome de down em escolas normais no mesmo nível dos outros alunos. A inclusão não se limita a você colocar, oferecer o mesmo espaço a um portador de deficiência que é oferecido a uma pessoa que não é portadora de deficiência. Você tem que compreender que aquele espaço precisa ser transformado não é só você aceitar a presença do deficiente, você tem que transformar a realidade para compartilhar com ele. Então você tem que compreender que aquela pessoa, você não precisa tratar como igual, e eu acho que os próprios portadores de deficiência, não querem, em última análise, serem vistos como iguais, eles querem ter as suas necessidades compreendidas, necessariamente a gente precisa vê-los como diferentes, mas acerá-los e compreendê-los como diferentes

Associação livre de palavras – Tribuna do Norte com respectivos jornalistas.

SUJEITO 12	35	F	jornalista	Editora de cultura e variedade	12 Anos	Deficiência	SUPERAÇÃO	DESIGUALDADE	LUTA	LUTA	Porque com as deficiências que a gente tem faz com que a gente ganhe forças para lutar mais, isso em todas as questões que envolve a palavra.
						Inclusão	DEMOCRACIA	IGUALDAE	LIBERDADE	IGUALDADE	Porque incluir é colocar todo mundo no mesmo lugar, com os mesmos direitos.

Associação livre de palavras – Diário de Natal / O Poti com respectivos jornalistas.

PROTOCOLO DE IDENTIFICAÇÃO						ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS - DIÁRIO DE NATAL/ O POTI					
SUJEITO	IDADE	SEXO	FORMAÇÃO	FUNÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO DE JORNALISMO	ESTÍMULO	1ª EVOCAÇÃO	2ª EVOCAÇÃO	3ª EVOCAÇÃO	MAIS IMPORTANTE	POR QUE?
SUJEITO 1	26	M	Jornalista	Repórter	1 ano e 1 mês	Deficiência	SUPERAÇÃO	PARAOLIMPÍADA	NATAÇÃO	SUPERAÇÃO	Quando você perguntou de deficiência eu pensei em superação, porque lembrei de Clodoaldo Silva, uma coisa está ligada a outra.
						Inclusão	POBRES	FOME	MULHER	FOME	Porque a fome não tem sexo, não tem cor, não tem idade.
SUJEITO 2	24	F	Jornalismo incompleto	Repórter/Cul	4 anos Estagiária	Inclusão	SOCIAL	DIGITAL	TRABALHO	SOCIAL	Porque é a que se tem que se preocupar com ela.
						Deficiência	ALGO FÍSICO	SABER	EMPREGO	SABER	O conhecimento não chega para todo mundo hoje em dia, infelizmente.
SUJEITO 3	65	M	Ginásio	Editor e chefe de produção	48	Deficiência	APOIO	SOLIDARIEDADE	AJUDA	SOLIDARIEDADE	As pessoas que necessitam de cuidados especiais, precisam ser olhadas com mais carinho pela população, pelas pessoas que tiveram a sorte de ser completas de não precisarem desses cuidados especiais.
						Inclusão	SOCIEDADE	IGUALDADE	OPORTUNIDAD	IGUALDADE	Porque todo ser humano precisa ser tratado de uma forma igual por todos os seres humanos.

Associação livre de palavras – Diário de Natal / O Poti com respectivos jornalistas.

SUJEITO 4	31	M	Jornalista	Chefe de reportagem/cidade	12	Deficiência	FÍSICA	MENTAL	TÉCNICA	DF./DM., TÉCNICA	Porque física, mental é um assunto que a gente tem sempre interesse de divulgar o que está acontecendo, quanto é deficiência técnica é quando alguém não dá.
						Inclusão	SOCIAL	SOCIAL	SOCIAL	SOCIAL	Acho que é o grande mal do Brasil hoje. A gente tem muita exclusão social, muita gente excluída do consumo, da educação, da cultura e do lazer, inclui essas pessoas nesse rotero.
SUJEITO 5	38	M	Jornalista	Editor/ caderno cultura	15	Deficiência	INCLUSÃO	SOLIDARIEDADE	APOIO	INCLUSÃO	Porque o portador de deficiência, seja ela qual for tem os direitos naturais de qualquer cidadão, essa deficiência tem que passar por alguma adaptação. A sociedade precisa ver os portadores de deficiência como pessoas realmente incluídas na forma, dentro da vida social que qualquer cidadão sem deficiência tem que ser vista como iguais, como pessoas que estão interadas dentro da nossa sociedade de uma fomia natural.
						Inclusão	IGUALDADE	JUSTIÇA	FRATERNIDADE	FRATERNIDADE	Porque acredito numa sociedade igualitária, onde todas as pessoas tenham os mesmos direitos, igualmente os mesmos deveres e possam ser tratadas de forma igualitária sem nenhuma distinção seja qual for.
SUJEITO 6	31	F	Jornalista	Repórter/cid/ cultura	8	Deficiência	DESCONHECI	PRECONCEITO	FUTURO	PRECONCEITO	Porque as pessoas veem a própria palavra deficiência, ela joga uma totalidade em cima, por exemplo, das pessoas com deficiência que torna essas pessoas meio anuladas, eu acredito que o preconceito que está atrelado a falta de conhecimento acaba resultando em idéias equivocadas a respeito da deficiência.
						Inclusão	SOCIEDADE	FUTURO	UTOPIA	FUTURO	Acho que a palavra inclusão, o conceito de inclusão é utópico, radical, mas espero que a sociedade, ela tenda a perceber a totalidade, a respeitar o todo, a respeitar o igual e o diferente, então, eu acredito que inclusão é a palvra do futuro.

Associação livre de palavras – Diário de Natal / O Poti com respectivos jornalistas.

SUJEITO 7	22	F	Jornalismo incompleto	Repórter	3 anos e meio	Deficiência	DOENÇA	INSUFICIÊNCIA	DIFICULDADE	DIFICULDADE	Porque acho que é o que cabe melhor deficiência é dificuldade.
						Inclusão	SOCIAL	DIGITAL	CULTURAL	SOCIAL	Democracia.
SUJEITO 8	30	F	Jornalista especialista	Repórter/cul	6 anosDN	Deficiência	DIFICULDADE	BARREIRA	IMPEDIMENTO	BARREIRA	Porque a barreira tanto impõe dificuldade, quanto impõe deficiência, acho que a maior dificuldade seria realmente uma barreira, uma barreira é mais difícil de ser removida do que uma dificuldade.
						Inclusão	AGLUTINAÇÃO	ACOLHEMENTO	ABRAÇAR	ABRAÇAR	Porque além de acolher, porque o sentido da inclusão seria realmente que todos participem de um só projeto, além de acolher você estaria dando um sentido emocional, sentido acolhedor realmente de trazer para perto de transmitir emoção.
SUJEITO 9	26	M	Jornalista	Repórter/diag ramador/cult	6 anosDN	Deficiência	CLODOALDO	CEGOS	SUPERAÇÃO	SUPERAÇÃO	Porque é o objetivo de todo mundo estar se superando
						Inclusão	POBREZA	OPORTUNIDADE	DIREITO	DIREITO	Porque acho que é um direito de todo mundo estar devidamente incluído na sociedade
SUJEITO 10	26	F	Jornalista	Repórter	3 anos	Deficiência	SUPERAÇÃO	DIFICULDADES	PRECONCEITO	SUPERAÇÃO	Porque a cada dia a gente vê na mídia história de vida de pessoas que convivem com a gente e de pessoas que embora tenham deficiências físicas elas tentam se superar essas deficiências e seguir com uma vida normal.
						Inclusão	CIDADANIA	OPORTUNIDADE	IGUALDADE	CIDADANIA	Primeiro que cada vez mais as pessoas têm consciência que todos são importantes e são iguais, apesar das diferenças, e ninguém pode ser vetado de ter o seu direito de cidadão, de exercer o seu direito de cidadão por circunstância da vida ou por uma razão qualquer.

Associação livre de palavras – Diário de Natal / O Poti com respectivos jornalistas.

SUJEITO 11	21	M	Jornalista	Repórter/cid/ esporte	7 meses	Deficiência	REABILITAÇÃO	INJUSTIÇA	PERSEVERANÇA	INJUSTIÇA	Porque Natal, eu já viajei muito, pouca cidade que você vê no Brasil e até fora qualquer que seja a deficiência, qualquer pessoa que sofre desse mal não tem como andar, não dá o direito de ir e vir, não dá o direito de se comunicar. Agora Natal colocou olhetão para surdo, é um absurdo o centro da cidade não tem como andar, tem que depender dos outros que é um absurdo.
						Inclusão	CAPACITAÇÃO	CURSOS	EDUCAÇÃO	CAPACITAÇÃO	Tem que capacitar a pessoa para se incluir,qualquer que seja a área mercado de trabalho desde cedo, se não estudar tá fora já era, não tem segredo não
SUJEITO 12	39	M	Jornalista	Chefiva	15 anos	Deficiência	NECESSIDADE	FEIA/ALEIJADO	CAD. DE RODAS	ALEIJADO	Porque a gente vira e que a gente não devenia usar e nossa missão como jornalista é tentar não usar mais.
						Inclusão	PRECOCEITO	NECESSIDADE	DIFICULDADE	PRECONCEITO	Porque tem que acabar com o preconceito , porque é justamente essa que a gente precisa abolir para os que estejam excluídos possam se incluir.
SUJEITO 13	26	F	Jornalista	Estag./cid	1 ano e 5 meses	Deficiência	EDUCAÇÃO	SAÚDE	SEGURANÇA	EDUCAÇÃO	Porque todos os problemas, acredito eu, se deve a uma boa formação do indivíduo, tendo educação não teria tantos problemais como se tem hoje.
						Inclusão	DEFICIENTES	MINORIAS	M.FAVORECIDO	MINORIA	Porque não era nem para existir os exclusos todo mundo deveria ser incluso na sociedade como um todo ter saúde, educação, segurança e infelizmente não tem.
SUJEITO 14	33	M	Jornalista	Edit./econ.	11 anos	Deficiência	PRECONCEITO	DIFICULDADE	AUXÍLIO	DIFICULDADE	Dificuldade, acho que os deficientes ainda enfrentam muitas dificuldades
						Inclusão	TEORIA	NECESSIDADE	RESPONSABIL	RESPONSABILIDAD	Porque acho que é a missão de todos nós incluir os excluídos, sejam eles quais forem.

Associação livre de palavras – Diário de Natal / O Poti com respectivos jornalistas.

SUJEITO 15	35	M	Jornalista	Repór/Espor	12 anos	Deficiência	POLÍTICA	MORADIA	SEGURANÇA/PUBL	SEGURANÇA/PUBL	Porque hoje nós estamos atravessando uma grande fase negra sem perspectiva de projetos para segurança pública desse país, dos estados principalmente, das capitais onde o nível de desemprego está muito alto, as pessoas estão indo para o lado do crime em busca de sustento, hoje voltamos a pré-história, infelizmente, o homem que não tem emprego sai para a rua para matar para comer.
						Inclusão	MENINOS DE RU	POBREZA	MENDIGOS	MENINOS DE RUAS	Sou totalmente contra essas crianças que estão abandonadas nas esquinas limpando para-brisa para ganhar 5 centavos, 10 centavos dinheiro que não é suficiente para nada a não ser para comprar um frasco de cola e continuar no mundo da rua, da aventura.
SUJEITO 16	42	M	Jornalista/ especialista	Gerenti/com	23 anos	Inclusão	POBREZA	MELHORIA	FUTURO	FUTURO	Porque só através da inclusão você pode pensar em futuro melhor para as pessoas.
						Deficiência	PRECONCEITO	DESINFORMAÇÃO	INJUSTIÇA	INJUSTIÇA	Porque tanto o preconceito que é provocado pela desinformação, leva a que se perpetue algo que não é real para pessoas portadoras de deficiência ou não, mais normalmente a ação da sociedade sobre a deficiência leva provocação de injustiça.
SUJEITO 17	41	M	jornalista	Repórt/polít	22	Inclusão	DESIGUALDAD	POBREZA	OPORTUNIDAD	DESIGUALDADE	Porque hoje ao mesmo tempo que o avanço da tecnologia, conhecimento mais acessível, ao mesmo tempo que isso acontece na contra-mão existe uma parcela da população que está excluída.
						Deficiência	DIFICULDADE	BARREIRAS	AUTO-ESTIMA	AUTO-ESTIMA	Porque eu acho que quando você fala em deficiência eu lembro logo das pessoas portadoras de deficiência, e se a gente observar o que vem acontecendo para essa parcela da população de um tempo para cá eu vejo uma coisa positiva que é uma preocupação de vários setores, uma preocupação generalizada de fazer com que essas pessoas possam ter, na medida do possível, uma vida normal igual as pessoas que não tenham deficiência.

Associação livre de palavras – Diário de Natal / O Poti com respectivos jornalistas.

SUJEITO 18	20	F	Jornalismo incompleto	Repórter/eco	4 meses	Deficiência	PRECONCEITO	CONQUISTAS	MEDALHAS	MEDALHAS	Agora eu considero as medalhas por causa dos paraatletas, eles estão se destaciando cada vez mais, acho que tem sido importante, não só para eles, mas para os outros portadores de deficiência.
						Inclusão	SOCIAL	DIGITAL	EDUCACIONAL	SOCIAL	Porque acho que as pessoas cada vez mais têm que ter os mesmos espaços, tem que ocupar os mesmos espaços, não podem ser diferenciadas, não pode haver preconceito e que todo mundo tem que ter os mesmos direitos.
SUJEITO 19	21	F	Jornalismo incompleto	Repórter/cid	3 anos/ estagiária	Deficiência	ONGS	VOLUNTARIADO	CRIANÇA	CRIANÇA	Porque no mundo que a gente vive a criança tem um papel fundamental na formação social, além disso ela é aquele serzinho que precisa da ajuda de alguém uma criança não pode viver sozinha na sociedade, então o voluntariado, a ONG, o indivíduo, as empresas e todos de uma forma geral e particularmente, devem uma satisfação a essa criança principalmente se ela for portadora de deficiência.
						Inclusão	EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO	Porque acredito que a educação é hoje a principal forma de melhoria social, principalmente a educação com inclusão, hoje os deficientes, os cegos, qualquer pessoa que tenha qualquer tipo de dificuldade, seja ela qual for, para entrar no mercado de trabalho, para entrar numa escola, para entrar na sociedade, ela não tem oportunidade de ser educada, se ela não tem oportunidade de ser educada, ela já tem um fator a mais contribuinte para que ela não se insira nessa sociedade, se ela não se inserir nessa sociedade ela vai se marginalizar, não financeiramente, não economicamente, mas socialmente, se ela se marginalizar vai ficar alheia a sociedade e cadê ela.
SUJEITO 20	25	M	Jornalismo incompleto	Repórter/cid	2 anos e 5 meses	Inclusão	UNIÃO	PARTICIPAÇÃO	INFORMAÇÃO	INFORMAÇÃO	Porque o indivíduo formado, ele vai entender a união e vai entender a questão da inclusão, tudo depende da formação, da base.
						Deficiência	EXCLUSÃO	INCLUSÃO	NECESSIDADE	INCLUSÃO	Porque bate as outras duas e toma a pessoa uma pessoa mais participativa na comunidade.

Associação livre de palavras – Diário de Natal / O Poti com respectivos jornalistas.

SUJEITO 21	41	M	Jornalismo	Ed./Teiev	19 anos	Inclusão	SOCIAL	SOCIAL	SOCIAL	SOCIAL	SOCIAL	SOCIAL	Porque a gente tem que lembrar que é justamente as pessoas que estão a margem da vez da sociedade com problemas físicos, mentais, essas coisas todas e que precisam retornar ao nosso convivio de alguma maneira.
						Deficiência	PRECONCEITO	CAPACIDADE	SOFRIMENTO	PRECONCEITO			Acho o preconceito mais forte, no Brasil o preconceito é muito mais forte.
SUJEITO22	60	M	jornalista	Dir/Geral	34 anos	Inclusão	NECESSIDADE	SENTIMENTO	MUDANÇA	MUDANÇA			Eu acho, que as mudanças que provocariam se essa situação fosse bem resolvida
						Deficiência	EXCLUSÃO	SOCIEDADE	PODER/PUBL	SOCIEDADE			Acho que o ser humano deve trabalhar sempre em função do bem estar do ser humano, então a solução dos problemas, para facilitar a vida dessas pessoas é que acho a principal e fundamental.

Correspondência 1 - CPB

ENC: Trabalho de Pesquisa - UFRN

Contato - CPB <contato@cpb.org.br> (19/09/2006 10:20:03 BRT)

Prezada Carminha,

São exatamente os mesmos tamanhos.

Abraços

Edilson Alves da Rocha - TUBIBA
Coordenador Geral de Esportes
Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB
+55 (61) 3031 3030 - e-mail: tubiba@cpb.org.br
-----Mensagem original-----
De: Contato - CPB [mailto:contato@cpb.org.br]
Enviada em: segunda-feira, 18 de setembro de 2006 10:30
Para: tubiba@cpb.org.br
Assunto: ENC: Trabalho de Pesquisa - UFRN

-----Mensagem original-----
De: carminha@digi.com.br [mailto:carminha@digi.com.br]
Enviada em: domingo, 17 de setembro de 2006 23:58
Para: contato@cpb.org.br
Assunto: Trabalho de Pesquisa - UFRN

Prezado Senhor,

Por gentileza necessito saber para o meu trabalho de pesquisa na UFRN, se os tamanhos das quadras, das piscinas, da pista de atletismo são os mesmos que utilizam os atletas que não são paraolímpicos, e das outras modalidades. O que muda?

Na certeza do pronto atendimento da informação agradeço com carinho e aceite meu abraço;

Carminha Soares

Correspondência 2 - CPB

ENC: Trabalho de Pesquisa - UFRN

Contato - CPB <contato@cpb.org.br> (30/10/2006 10:08:42 BRT)

Prezada Carminha,

Nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos vila já projeta para atender aos atletas olímpicos e paraolímpicos, logo, as adaptações são previstas já na
construção inicial.

Atenciosamente

Edilson Alves da Rocha - TUBIBA
Diretor Técnico
Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB
Fone: +55 61 3031 3030
E-mail: tubiba@cpb.org.br

-----Mensagem original-----
De: Contato - CPB [mailto:contato@cpb.org.br]
Enviada em: quinta-feira, 26 de outubro de 2006 09:55
Para: tubiba@cpb.org.br
Assunto: ENC: Trabalho de Pesquisa - UFRN

-----Mensagem original-----
De: carminha@digi.com.br [mailto:carminha@digi.com.br]
Enviada em: quarta-feira, 25 de outubro de 2006 12:12
Para: Contato - CPB
Assunto: Trabalho de Pesquisa - UFRN

Caro Edilson,

Em primeiro lugar quero agradecer a gentileza da sua resposta! e se possível preciso saber se as adaptações da Vila Olímpica - acessos acessíveis - só são feitas após as Olimpíadas das pessoas sem deficiência, ou a VILA OLÍMPICA já é adequada/adaptada desde a sua projeção inicial?
Agradeço desde já a informação e aceite meu abraço;

Carminha Soares

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo